



**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO**  
**SMADS – SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

**PESQUISA CENSITÁRIA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA,  
CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA POPULAÇÃO ADULTA EM  
SITUAÇÃO DE RUA E RELATÓRIO TEMÁTICO DE IDENTIFICAÇÃO DAS  
NECESSIDADES DESTA POPULAÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO**

**PRODUTO IX**  
**RELATÓRIO FINAL DA PESQUISA AMOSTRAL DO PERFIL  
SOCIOECONÔMICO**

**SÃO PAULO**

**JULHO/2015**



## **APRESENTAÇÃO**

A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - Fipe, encaminha à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social - SMADS, o nono relatório de produto, no âmbito da pesquisa sobre a população em situação de rua.

Como definidos nos termos contratuais, no presente relatório são apresentados os resultados finais da pesquisa amostral sobre o perfil socioeconômico das pessoas em situação de rua. Acompanha o presente relatório, sobre forma de anexo, banco de dados das informações, nos formatos DBase, SPSS e Shapefile (ArcGIS). O banco de dados e os dicionários permitem SMADS reproduzir todos os resultados apresentados no relatório, bem como resultados adicionais de seu interesse.



## ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
PARTE I: PROCEDIMENTOS AMOSTRAIS DO LEVANTAMENTO DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA	3
1. CENTROS DE ACOLHIDA	3
1.1 AMOSTRA NOS CENTROS DE ACOLHIDA	3
1.2 NÚMERO DE QUESTIONÁRIOS NOS CENTROS DE ACOLHIDA	4
1.3 EXPANSÃO DOS RESULTADOS, PARA A POPULAÇÃO	6
2. MORADORES DE RUA	7
2.1 AMOSTRA NA RUA	7
2.2 NÚMERO DE QUESTIONÁRIOS NA RUA	10
2.3 EXPANSÃO DOS RESULTADOS, PARA A POPULAÇÃO	11
PARTE II: RESULTADOS DOS SERVIÇOS DE ACOLHIDA	12
1. CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO	12
1.1 IDADE, SEXO E COR	12
1.2 LOCAL DE ORIGEM	14
1.3 ESCOLARIDADE	17
2. ALTERNATIVAS DE PERNOITE	19
2.1 ALTERNATIVA DE PERNOITE E TEMPO DE RUA	20
2.2 ALTERNATIVAS DE PERNOITE E GÊNERO	21
2.3 ALTERNATIVA DE PERNOITE POR FAIXA ETÁRIA	22
2.4 ALTERNATIVAS DE PERNOITE NA ÚLTIMA SEMANA	23
3. VÍNCULOS FAMILIARES	24
3.1 COM QUEM VIVE ATUALMENTE	24
3.2 COM QUEM VIVIA NA ÚLTIMA MORADIA	25
3.3 PERDA DA FAMÍLIA CONJUGAL E O USO DE ÁLCOOL E/OU DROGA	27

3.4 PESSOAS SÓS E CONSUMO ANTERIOR DE ÁLCOOL E DROGA	28
4. SEGURANÇA ALIMENTAR	29
5. TRABALHO E RENDA	31
5.1 ATIVIDADES ATUAIS E RENDA AUFERIDA	33
5.2 ATIVIDADES ANTERIORES	39
5.3 BENEFÍCIOS E PENSÕES	41
5.4 DESPESAS MONETÁRIAS	42
6. SAÚDE	43
7. DEFICIÊNCIAS FÍSICAS	51
8. USO DE ÁLCOOL E DROGAS	53
9. INTERNAÇÃO EM INSTITUIÇÕES	61
10. ORIENTAÇÃO SEXUAL	62
11. CIDADANIA	65
11.1 POSSE DE DOCUMENTOS	65
11.2 DISCRIMINAÇÃO SOFRIDA PELAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA	69
11.3 OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA	70
11.4 AGENTES DA VIOLÊNCIA	71
11.5 PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS	72
12. TEMPO DE RUA	73
12.1 PERDA DA MORADIA E A IDA PARA A RUA	75
13. SAÍDA DA RUA	79
PARTE III: RESULTADOS PARA OS MORADORES DE RUA	83
1. CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO	83
1.1 IDADE, SEXO E COR	83
1.2 LOCAL DE ORIGEM	85
1.3 ESCOLARIDADE	87

2.	ALTERNATIVAS DE PERNOITE	90
2.1	ALTERNATIVA DE PERNOITE E TEMPO DE RUA	91
2.2	ALTERNATIVAS DE PERNOITE E GÊNERO	92
2.3	ALTERNATIVA DE PERNOITE E FAIXA ETÁRIA	93
2.4	ALTERNATIVAS DE PERNOITE NA ÚLTIMA SEMANA	94
3.	VÍNCULOS FAMILIARES	95
3.1	COM QUEM VIVE ATUALMENTE	95
3.2	COM QUEM VIVIA NA ÚLTIMA MORADIA	96
3.3	PERDA DA FAMÍLIA CONJUGAL E O USO DE ÁLCOOL E/OU DROGA	99
3.4	PESSOAS SÓS E CONSUMO ANTERIOR DE ÁLCOOL E DROGA	100
4.	SEGURANÇA ALIMENTAR	100
5.	TRABALHO E RENDA	102
5.1	ATIVIDADES ATUAIS E RENDA AUFERIDA	103
5.2	ATIVIDADES ANTERIORES	107
5.3	PENSÕES E BENEFÍCIOS	108
5.4	DESPESAS MONETÁRIAS	109
6.	SAÚDE	110
7.	DEFICIÊNCIAS FÍSICAS	118
8.	USO DE ÁLCOOL E DROGAS	120
9.	INTERNAÇÃO EM INSTITUIÇÕES	126
10.	ORIENTAÇÃO SEXUAL	129
11.	CIDADANIA	131
11.1	POSSE DE DOCUMENTOS	131
11.2	DISCRIMINAÇÃO SOFRIDA PELOS MORADORES DE RUA	134
11.3	OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA	135
11.4	AGENTES DA VIOLÊNCIA	136

11.5 PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS	138
12. TEMPO DE RUA	139
12.1 PERDA DA MORADIA E A IDA PARA A RUA	140
13. SAÍDA DA RUA	143
PARTE IV: COMPARAÇÃO RUA E ALBERGUE	148
ANEXO I	159
ANEXO II	163
ANEXO III	165

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.1 - Serviços incluídos na amostra	4
Tabela 2 - Número de entrevistas realizadas em cada estrato da pesquisa nos logradouros	10
Tabela 1.1 - Estatística da Idade	13
Tabela 1.2 – Sexo	13
Tabela 1.3 – Faixa etária e Sexo	14
Tabela 1.4 – Cor	14
Tabela 1.5 - Nasceu no Município de São Paulo	15
Tabela 1.6 – Tempo de moradia dos migrantes na cidade de São Paulo	15
Tabela 1.7 – País de origem dos migrantes	16
Tabela 1.8 - Região de Origem dos não paulistanos	16
Tabela 1.9- Sabe Ler e Escrever	17
Tabela 1.10- Sabe Ler e Escrever conforme Sexo	17
Tabelas 1.11 – Frequência à Escola	18
Tabela 1.12 - Nível de Escolaridade	18
Tabela 1.13 – Nível de escolaridade por faixa etária	19

Tabela 2.1 - Acolhidos que já Dormiram na Rua _____	20
Tabela 2.2 – Alternativa de pernoite dos acolhidos por tempo de rua _____	21
Tabela 2.3 - Alternativas de pernoite dos acolhidos e gênero _____	22
Tabela 2.4 – Alternativas de pernoite dos acolhidos, por faixa etária _____	23
Tabela 2.5 - Local em que Dormiu na Última Semana _____	24
Tabela 3.1 - Acolhidos que atualmente vivem sós ou acompanhados* _____	25
Tabela 3.2 – Situação de Convívio Atual e Anterior dos Acolhidos _____	26
Tabela 3.3 - Acolhidos que Viviam Sós ou com Outras Pessoas _____	26
Tabela 3.4 – Acolhido com cônjuge ou filhos e uso anterior de álcool e/ou droga _____	28
Tabela 3.5- Acolhido que vive só e uso anterior de álcool e/ou droga _____	29
Tabelas 4.1 – Alternativas para Obter Alimento _____	30
Tabelas 4.2 – Alternativas para Obter Alimento (agregadas) _____	30
Tabela 4.3– Não conseguiu comida _____	31
Tabela 5.1 - Condição de trabalho atual _____	33
Tabela 5.2 - Estatísticas do tempo em que está trabalhando sem carteira assinada, em anos _____	35
Tabela 5.3 - Atividades para obtenção de renda monetária, atividades por conta própria e bicos* _____	36
Tabela 5.4 - Estatísticas renda auferida no dia da entrevista, atividades por conta própria e “bicos” _____	38
Tabela 5.5 - Estatísticas renda auferida na semana anterior à entrevista, atividades por conta própria e “bicos” _____	38
Tabela 5.6 - Atividades anteriores à ida para a rua* _____	40
Tabela 5.7 - Trabalhadores com carteira assinada, atividades anteriores à ida para a rua _____	41
Tabela 5.8 - Benefícios e pensões * _____	42
Tabela 5.9 - Itens das despesas monetárias realizadas no dia da entrevista* _____	43
Tabela 6.1 - O que Procura para Resolver Problemas de Saúde por faixas etárias (%)* _____	45
Tabela 6.2 - Última vez que procurou serviço de saúde por sexo (%) _____	46
Tabela 6.3 - Última vez que procurou serviço de saúde por faixa etária (%) _____	46

Tabela 6.4 - Problemas de Saúde declarados por sexo (%)*	48
Tabela 6.5 - Problemas de Saúde declarados para os com 50 anos ou mais (%)*	49
Tabela 6.6 - Uso de Preservativo/Camisinha	50
Tabela 6.7 - Uso de Preservativo/Camisinha por sexo (para os que fazem sexo)*	51
Tabela 7.1 - Deficiência Visual	52
Tabela 7.2 - Deficiência auditiva	52
Tabela 7.3 - Deficiência motora	53
Tabela 7.4 – Cadeirantes	53
Tabela 8.1 - Uso de Álcool e Drogas	54
Tabela 8.2 - Uso de Álcool e Drogas por sexo (%)*	54
Tabela 8.3 - Uso de Álcool e Drogas por tipo de serviço e sexo (%)*	55
Tabela 8.4 - Uso de Álcool e Drogas por faixa etária (%)*	56
Tabela 8.5 - Frequência de Uso de Álcool	56
Tabela 8.6 - Frequência de Uso das Drogas	56
Tabela 8.7 - Pedras de Crack Consumidas por Dia	57
Tabela 8.8 - Aspectos da Situação de Saúde e uso de serviços para usuários de drogas ilícitas e total de acolhidos (%)*	57
Tabela 8.9 - Uso Anterior de Álcool e Droga	58
Tabela 8.10 - Uso de Drogas Ilícitas Antes e Depois da Ida para a Rua (%)*	59
Tabela 8.11 - Substâncias Utilizadas Atualmente (%)*	59
Tabela 8.12 - Substâncias Utilizadas Antes de Ir para a Rua (%)*	60
Tabela 9.1 - Internações em Instituições por faixas etárias (%)*	62
Tabela 10.1 - Orientação Sexual dos Acolhidos	63
Tabela 10.2 - Orientação sexual por faixa etária	64
Tabela 10.3 – Orientação sexual do acolhido por sexo	65
Tabela 11.1 - Acolhidos que Possuem ao Menos um Documento	66

Tabela 11.2 - Documentos que os Acolhidos Possuem*	66
Tabela 11.3 - Posse dos Principais Documentos*	67
Tabela 11.4 – Posse de quatro documentos por faixa etária	68
Tabela 11.5- Posse de quatro documentos por sexo	68
Tabela 11.6 - Posse de quatro documentos por cor	69
Tabela 11.7 - Locais em que os Acolhidos foram impedidos de entrar*	70
Tabela 11.8 - Violência Sofrida pelos Acolhidos*	71
Tabela 11.9 - Agentes da Violência, por Tipo de Agressão Sofrida pelos Acolhidos* (em %)	72
Tabela 11.10 - Participação em Movimentos Sociais *	73
Tabela 12.1 – Quando Deixou de Ter uma Casa para Morar	75
Tabela 12.2 – Há quantos anos deixou de ter casa para morar	76
Tabela 12.3 – Onde ficava a casa	76
Tabela 12.4 – Com a Perda da Moradia foi direto para Centro de Acolhida/Rua	76
Tabela 12.5 – Alternativas de moradia	77
Tabela 12.6 – Estatísticas do Tempo de Rua	78
Tabela 12.7 – Tempo de Rua	79
Tabela 13.1 - Condição que mais Ajudaria a Sair da Rua	80
Tabela 13.2 – Condição que mais ajudaria a sair da rua e gênero	81
Tabela 13.3 – Condição que mais ajudaria a sair da rua e faixa etária	82
Tabela 1.1 - Estatísticas da Idade dos Moradores de Rua	84
Tabela 1.2 - Sexo	84
Tabela 1.3 – Faixa etária e sexo	85
Tabela 1.4 – Cor	85
Tabela 1.5 - Nasceu no Município de São Paulo	86
Tabela 1.6 - Tempo de moradia dos não paulistanos na cidade de São Paulo	86
Tabela 1.7 – País de origem dos não paulistanos	87

Tabela 1.8 - Região de origem dos não paulistanos _____	87
Tabela 1.9 – Sabe Ler e Escrever _____	88
Tabela 1.10 - Sabe Ler e Escrever conforme Sexo _____	88
Tabela 1.11 – Frequência à Escola _____	88
Tabela 1.12 – Nível de Escolaridade _____	89
Tabela 1.13 – Nível de Escolaridade por Faixa Etária _____	90
Tabela 2.1 - Morador de Rua que já Dormiu em Centro de Acolhida _____	91
Tabela 2.2 - Procura de Vaga em Centro de Acolhida na Última Semana _____	91
Tabela 2.3 – Alternativa de pernoite dos moradores de rua por tempo de rua _____	92
Tabela 2.4 - Alternativas de pernoite dos moradores de rua e gênero _____	93
Tabela 2.5 - Alternativas de pernoite dos moradores de rua por faixa etária _____	94
Tabela 2.6 - Alternativas de Pernoite dos Moradores de Rua na Última Semana* _____	95
Tabela 3.1 - Moradores de Rua que Atualmente Vivem Sós ou Acompanhados* _____	96
Tabela 3.2 – Situação de convívio atual e anterior dos moradores de rua _____	97
Tabela 3.3 - Moradores de Rua que Viviam Sós ou Acompanhados na Última Moradia _____	98
Tabela 3.4 – Morador de rua com cônjuge ou filhos e uso anterior de álcool e/ou droga _____	99
Tabela 3.5 - Morador de rua que vive só e uso anterior de álcool e/ou droga _____	100
Tabela 4.1 – Onde Consegue Alimentos que Consome _____	101
Tabela 4.2 – Alternativas para Obter Alimentos _____	102
Tabela 4.3 – Não Conseguiu Comida _____	102
Tabela 5.1 - Condição de trabalho atual _____	103
Tabela 5.2 - Estatísticas do tempo em que está trabalhando sem carteira assinada, em anos _____	104
Tabela 5.3 - Atividades para obtenção de renda monetária, atividades por conta própria e bicos* _____	105
Tabela 5.4 - Estatísticas da Renda Auferida no Dia da Entrevista, Atividades por Conta Própria e “Bicos”, em Reais _____	106

Tabela 5.5 - Estatísticas da Renda Auferida na Semana Anterior à Entrevista, Atividades por Conta Própria e “Bicos”	106
Tabela 5.6 - Atividades Anteriores à Ida para a Rua*	107
Tabela 5.7 - Condição do trabalho assalariado, nas atividades exercidas antes de chegar à rua	108
Tabela 5.8 - Benefícios e Pensões *	109
Tabela 5.9 - Itens das Despesas Monetárias Realizadas no Dia da Entrevista*	110
Tabela 6.1 - O que Procura para Resolver Problemas de Saúde por faixas etárias (%)*	111
Tabela 6.2 - Última vez que procurou serviço de saúde por sexo (%)*	113
Tabela 6.3 – Problemas de Saúde declarados por sexo (%)*	115
Tabela 6.4 - Problemas de Saúde declarados para os com 50 anos ou mais (%)*	116
Tabela 6.5 – Uso de Preservativo/Camisinha	117
Tabela 6.6 - Uso de Preservativo/Camisinha por sexo (para os que fazem sexo)*	117
Tabela 6.7 - Uso de Preservativo/Camisinha por portadores de HIV e grupo LGBT (para os que fazem sexo)*	118
Tabela 7.1 - Você Tem Dificuldade Permanente de Enxergar?	118
Tabela 7.2 - Você Tem Dificuldade Permanente de Ouvir?	119
Tabela 7.3 - Você Tem Dificuldade Permanente de Caminhar ou Subir Degraus?	119
Tabela 7.4 - É cadeirante?	119
Tabela 8.1 - Uso de Álcool e Droga	120
Tabela 8.2 - Uso de Álcool e Drogas por sexo (%)*	121
Tabela 8.3 - Uso de Álcool e Drogas por faixa etária (%)*	122
Tabela 8.4 – Frequência do uso de álcool	123
Tabela 8.5 – Frequência do uso de drogas	123
Tabela 8.6 - Pedras de Crack consumidas por Dia	123
Tabela 8.7 - Uso Anterior de Álcool e Droga	124
Tabela 8.8 - Uso de Drogas Ilícitas Antes e Depois da Ida para a Rua	124

Tabela 8.9 – Substâncias utilizadas atualmente (%)*	125
Tabela 8.10 - Substâncias que usava antes de ir para a rua*	126
Tabela 9.1 - Internações em Instituições por faixas etárias (%)*	128
Tabela 10.1 - Orientação Sexual dos Moradores de Rua	129
Tabela 10.2 - Orientação Sexual Por Faixa Etária	130
Tabela 10.3 – Orientação sexual do morador de rua e gênero	131
Tabela 11.1 - Moradores de Rua que Possuem ao Menos um Documento	132
Tabela 11.2 - Documentos que os Moradores de Rua Possuem	132
Tabela 11.3 - Posse dos Principais Documentos	133
Tabela 11.4 – Posse de quatro documentos por faixa etária	133
Tabela 11.5 - Posse de quatro documentos por sexo	134
Tabela 11.6 - Posse de quatro documentos por cor	134
Tabela 11.7 - Locais em que Moradores de Rua foram Impedidos de Entrar*	135
Tabela 11.8 - Violência Sofrida pelos Moradores de Rua	136
Tabela 11.9 - Agentes da Violência por Tipo de Agressão Sofrida pelos Moradores de Rua* (em %)	138
Tabela 11.10 - Participação dos Moradores de Rua em Movimentos Sociais*	139
Tabela 12.1 - Quando Deixou de Ter uma Casa para Morar	140
Tabela 12.2 – Há quantos anos deixou de ter casa para morar	141
Tabela 12.3 – Onde ficava a última moradia	141
Tabela 12.4 – Com a Perda da Casa Foi Direto para Centro de Acolhida/Rua	142
Tabela 12.5 – Alternativas de Moradia	142
Tabela 12.6 - Tempo de Rua	143
Tabela 12.7 – Tempo de Rua	143
Tabela 13.1 - Condição que mais Ajudaria a Sair da Rua	145
Tabela 13.2 – Condição que mais ajudaria a sair da rua e gênero	146
Tabela 13.3 – Condição que mais ajudaria a sair da rua e idade	147

Tabela 4.1 - Comparação entre Serviços e Rua _____	151
Tabela 4.2 - Resultados da classificação da análise discriminante. _____	153
Tabela 4.3 - Coeficientes do modelo de regressão logística _____	155
Tabela 4.4 - Resumo da classificação dos elementos da amostra a partir dos resultados da regressão logística _____	158

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 6.1 - Serviços que procura para resolver problemas de saúde (%) _____	44
Gráfico 6.2 - Última vez que procurou serviço de saúde (%) _____	45
Gráfico 6.3 - Problemas de saúde declarados (%) _____	47
Gráfico 8.1 - Uso de Álcool e Drogas por faixa etária (%) _____	55
Gráfico 8.2 - Substâncias utilizadas pelos acolhidos antes de ir para a rua e atualmente (%) _____	60
Gráfico 9.1 - Internação em instituições (%) _____	61
Gráfico 6.1 - Serviços que procura para resolver problemas de saúde (%) _____	111
Gráfico 6.2 - Última vez que procurou serviço de saúde (%) _____	112
Gráfico 6.3 - Problemas de saúde declarados (%) _____	114
Gráfico 8.1 - Uso de álcool e drogas por faixa etária (%) _____	122
Gráfico 8.2 - Substâncias utilizadas pelos acolhidos antes de ir para a rua e atualmente (%) _____	126
Gráfico 9.1 - Internações em Instituições (%) _____	127
Gráfico 9.2 - Principais instituições de internação por faixa etária (%) _____	128



## **1. INTRODUÇÃO**

O presente documento constitui o quarto relatório do levantamento do perfil socioeconômico da população em situação de rua, Fase 2 do contrato Fipe/SMADS.

O texto que segue apresenta os resultados da pesquisa amostral, para levantamento do perfil socioeconômico da população, e está estruturada em quatro partes. Na primeira parte, são apresentados os procedimentos metodológicos para obtenção da amostra, com o objetivo de tornar mais clara a leitura dos resultados encontrados. Chama-se atenção, em particular, para os critérios de ponderação da amostra, que permitem obter os resultados para a população mediante inferência estatística, a partir dos dados amostrais.

A parte seguinte descreve os resultados obtidos para a população amostrada nos centros de acolhida. Na parte três são descritas as mesmas variáveis, para os moradores de rua. A última parte trata das diferenças entre a população de acolhidos e de moradores de rua, apresentando os resultados do tratamento estatístico dos dados levantados em ambos os segmentos da população das pessoas em situação de rua.

### **ANTECEDENTES**

O questionário utilizado no trabalho de campo agregou as informações a serem obtidas em blocos, cada um deles abordando temas, ou questões, necessárias para descrever as condições atuais da população em situação de rua. Assim, cada bloco representa uma dimensão da reprodução diária da vida nas ruas e centros de acolhida e procura, portanto descrever as condições em que as necessidades da população são atendidas. No seu conjunto, permitem avaliar como vivem as pessoas em situação de rua. Quando pertinente, questões incluem o atendimento das necessidades pelos serviços de atenção a elas destinados.

Contínua interlocução com SMADS possibilitou a definição dos blocos e das questões de cada um deles sob a perspectiva das informações de interesse para análise e formulação das políticas de atenção à população em situação de rua, foco central da próxima etapa de trabalho do contrato Fipe/SMADS.

As questões foram agrupadas pelos seguintes temas:

1. Caracterização do entrevistado;
2. Alternativas de pernoite;
3. Vínculos familiares;
4. Segurança alimentar;
5. Trabalho e renda;
6. Saúde;
7. Deficiências físicas;
8. Uso de álcool e drogas;
9. Internação em instituições;
10. Orientação sexual;
11. Cidadania: posse de documentos, discriminação sofrida, violência, participação em movimentos;
12. Tempo de rua;
13. Saída da Rua.

## **PARTE I: PROCEDIMENTOS AMOSTRAIS DO LEVANTAMENTO DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA**

### **1. CENTROS DE ACOLHIDA**

#### **1.1 AMOSTRA NOS CENTROS DE ACOLHIDA**

A população amostrada corresponde aos usuários dos serviços de abrigo com mais de 17 anos e é, portanto, menor que a população recenseada nos centros de acolhida.

O plano amostral baseou-se no número de acolhidos obtidos no Censo da População em Situação de Rua. O fato de ter sido identificada uma quantidade relevante de crianças e adolescentes exigiu que se desse um tratamento especial às situações em que a idade não havia sido declarada (valores ausentes). Desse modo, em cada serviço, optou-se por imputar a faixa etária para os acolhidos que não haviam declarado sua idade por ocasião do censo.

O procedimento de imputação teve como referência o comportamento da variável idade obtida no recenseamento, considerando-se apenas os casos válidos. A partir desses dados, obteve-se a proporção de pessoas com mais de 17 anos. Em seguida, admitiu-se que essa proporção seria a mesma para os valores ausentes, chegando-se ao número presumido de adultos entre esses valores. Admitiu-se, por exemplo, que para um dado serviço, com 60 acolhidos, haja informação sobre idade para 50 deles (casos válidos) e que desses, 40 tenham mais de 17 anos (80% dos casos válidos) – e que 80% dos 10 valores ausentes eram adultos. Isso faz com que o número presumido de adultos neste serviço seja 48 (os quarenta efetivamente observados, mais os 8 imputados).

Para definição da amostra, inicialmente, os centros de acolhida foram estratificados segundo o tipo de serviço oferecido: Centros de Acolhida, Centros de Acolhida Especiais, Repúblicas e Programa de Braços Abertos.

Os Centros de Acolhida foram divididos em dois grupos: aqueles com mais de 130 abrigados e os com até 130 abrigados. Todos os 16 serviços com mais de 130 abrigados foram incluídos na amostra. Dos 24 serviços restantes, 10 foram selecionados para compor a amostra final.

Os Centro de Acolhida Especiais, por sua vez, foram sub estratificados segundo o tipo de serviço oferecido: catadores, convalescentes, emergencial, família, idosos e mulheres. Todos os serviços voltados aos catadores, aos convalescentes e o emergencial entraram na amostra, sem sorteio. Foram também selecionados 3 dos 6 serviços que atendem famílias; 5 dos 7 serviços que atendem idosos e 3 dos 6 serviços que atendem mulheres. Além disso, foram selecionadas 3 das 7 repúblicas e 3 dos 7 hotéis do Programa de Braços Abertos.

## 1.2 NÚMERO DE QUESTIONÁRIOS NOS CENTROS DE ACOLHIDA

Em cada serviço incluído na amostra foram encaminhadas equipes de pesquisadores que deveriam entrevistar um número pré-definido de abrigados. As equipes foram orientadas a se distribuírem em diversos pontos do serviço e entrevistar a primeira pessoa que encontrassem. Após o término da entrevista, a primeira pessoa que passasse em frente ao pesquisador deveria ser abordada. Este procedimento tem por finalidade minimizar a influência do pesquisador na seleção dos entrevistados, garantindo algum grau de aleatoriedade na amostra.

A Tabela 1.1 traz a listagem dos serviços selecionados para a amostra, bem como o número de acolhidos entrevistados em cada serviço.

**Tabela 1.1 - Serviços incluídos na amostra**

Estrato	Centro de Acolhida	Acolhidos adultos	Tamanho Amostral
CA grandes	CA ARSENAL DA ESPERANÇA	1184	110
	CA ZAKI NARCHI I	480	45
	CA BORACEA OFICINA	275	25
	CA BARRA FUNDA II	265	25
	CA VIVENDA DA CIDADANIA	259	25
	CA PORTAL DO FUTURO	217	21
	CA BARRA FUNDA I	201	20
	CA NOVA VIDA	199	20
	CA FREI LEÃO	183	20
	CA CAMBUCI	153	20
	CA SAMARITANOS	150	20
	CA ESTAÇÃO VIVÊNCIA	150	20
	CA SOLIDARIEDADE - ABECAL	147	20
	CA PRATES 2	138	20

<b>Estrato</b>	<b>Centro de Acolhida</b>	<b>Acolhidos adultos</b>	<b>Tamanho Amostral</b>
	CA ESPAÇO LUZ	135	20
	CA ZAKI NARCHI II	134	20
CA pequenos	CA POUSADA DA ESPERANÇA	122	15
	CA CASA SÃO LAZARO	104	15
	CA SANTO AMARO	100	15
	CA JAÇANÃ	99	15
	CA SÃO MATEUS	98	15
	CA ZAKI NARCHI III	95	15
	CA IMIGRANTES	94	15
	CA ZANCONE	90	15
	CA PORTO CIDADÃO	79	15
	CA COR ESPERANÇA	79	15
	CA OLARIA	109	Não selecionado
	CA PRATES 1	106	Não selecionado
	CA ESTAÇÃO BEM ESTAR	97	Não selecionado
	CA LYGIA JARDIM	97	Não selecionado
	CA SANTA CECILIA	86	Não selecionado
	CA NOVA CONQUISTA	85	Não selecionado
	CA S. MIGUEL PAULISTA	81	Não selecionado
	CA COMEÇAR DE NOVO	80	Não selecionado
	CA CASA VERDE	66	Não selecionado
	CA LAJEADO	47	Não selecionado
	CA V. PRUDENTE NOVA ESPERANÇA	46	Não selecionado
	CA MORADA S. MARTINHO DE LIMA	46	Não selecionado
	CA GRAJAÚ	39	Não selecionado
	CA SANTANA	22	Não selecionado
CAE Catadores	CAE ABRIGO D. BOSCO CATADORES	45	5
	CAE BORACEA CONVALESCENTES	78	5
CAE Convalescentes	CAE C DE CUIDADOS BATUIRA	12	5
	CAE EMERGENCIAL ALC MACHADO	59	5
CAE Família	CAE AUTONOMIA EM FOCO BOM RETIRO	77	10
	CAE AUTONOMIA EM FOCO LIBERDADE	61	10
	CAE FAMÍLIA EM FOCO CASA VERDE	28	5
	CAE LAR DE NAZARÉ	35	Não selecionado
	CAE FAMÍLIA EM FOCO PENHA	25	Não selecionado
	CAE FAMÍLIA EM FOCO MOOCA	25	Não selecionado
CAE Idosos	CAE MORADA SÃO JOÃO	205	20
	CAE CASA DE SIMEÃO	147	15
	CAE MORADA NOVA LUZ	95	10
	CAE SÍTIO DAS ALAMEDAS	59	10
	CAE CASA VERDE	55	10
	CAE BORACEA IDOSO ACONCHEGO	58	Não selecionado
	CAE IDOSOS JD. UMUARAMA	56	Não selecionado

<b>Estrato</b>	<b>Centro de Acolhida</b>	<b>Acolhidos adultos</b>	<b>Tamanho Amostral</b>
CAE Mulheres	CAE CASA BRIGADEIRO	77	10
	CAE CASA DE APOIO MARIA MARIA	70	10
	CAE AMPARO MATERNAL PAV IRMA LEONI	18	5
	CAE MARTA MARIA	47	Não selecionado
	CAE ERMELINO MATARAZZO	26	Não selecionado
	CAE SANTO AMARO -	18	Não selecionado
	CAE República	REP CASA ACOLHE A RUA REP	44
REP SANTA CECILIA		20	5
REP SÃO PAULO UNID.I		15	5
REP SANTANA II		21	Não selecionado
REP. VILA ESPERANÇA PENHA		18	Não selecionado
REP SANTANA I		16	Não selecionado
REP SÃO FRANCISCO		10	Não selecionado
Programa de Braços Abertos	HOTEL KELLY	63	15
	HOTEL AVERIO	57	10
	HOTEL ZEZINHO	38	15
	PENSÃO AZUL	87	Não selecionado
	HOTEL SEOUL	69	Não selecionado
	HOTEL LUCAS	43	Não selecionado
	HOTEL ALAIDE	33	Não selecionado
<b>Total</b>		<b>8.147</b>	<b>791</b>

### 1.3 EXPANSÃO DOS RESULTADOS, PARA A POPULAÇÃO

O plano amostral empregado faz com que a amostra final não seja auto ponderada. Assim, no banco de dados, foi incluída a variável PESO, para expansão dos resultados amostrais para a população e que deve ser utilizada na elaboração da tabulação e análise dos dados. Ao ponderar os dados, as frequências apresentadas para as categorias de cada variável correspondem, portanto, a uma estimativa do número de adultos da população para aquela categoria. Desse modo, o total apresentado nas tabelas geradas após a ponderação é 8.147 (número presumido de adultos na população e não o tamanho amostral).

## **2. MORADORES DE RUA**

### **2.1 AMOSTRA NA RUA**

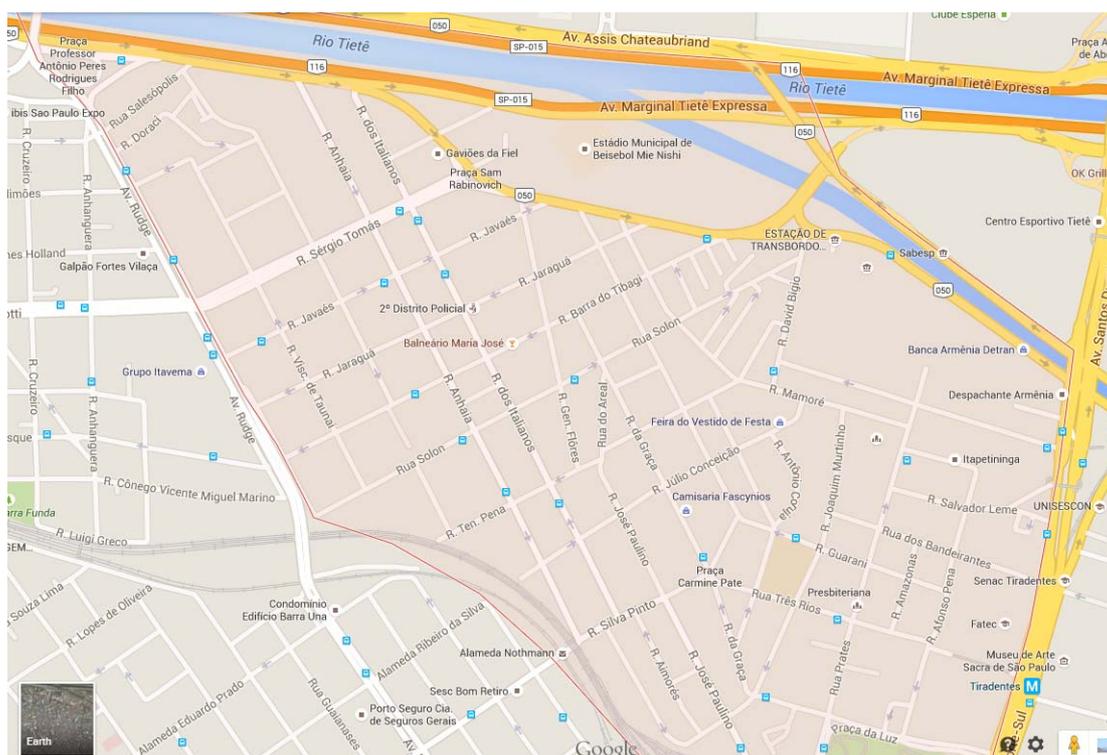
Conforme descrito em relatório anterior, a pesquisa amostral nos logradouros do município limitou-se às subprefeituras da Sé, Mooca, Lapa, Santana/Tucuruvi, Pinheiros, Santo Amaro e Vila Mariana, área que abriga mais de 80% da população em situação de rua que pernoitam nos logradouros da cidade, segundo o censo de 2015.

Foi utilizada uma amostra estratificada, sendo os estratos definidos pela Área Central (subprefeitura Sé mais os distritos Pari e Brás) e as subprefeituras Mooca (exclusive os distritos Brás e Pari), Lapa, Santana/Tucuruvi, Pinheiros, Santo Amaro e Vila Mariana. Informações sobre as áreas de ponderação do IBGE orientaram o sorteio e a distribuição das equipes de campo nas diferentes subprefeituras. O mapa 1, abaixo apresentado, exemplifica o procedimento.



inicial do trabalho de campo e o número esperado de entrevistas a serem realizadas. O mapa 2 ilustra o procedimento.

**Mapa 2 - Mapa para o trabalho de campo**



Para garantir alguma aleatoriedade à amostra, os pesquisadores deveriam entrevistar o primeiro morador de rua que encontrassem e, a partir daí, estabelecer um percurso e pular um certo número de moradores de rua até que fosse feita a pesquisa seguinte. Em algumas áreas, o pesquisador deveria entrevistar apenas a quarta pessoa encontrada (pulo de três), em outras a terceira (pulo de dois) e assim por diante.

## 2.2 NÚMERO DE QUESTIONÁRIOS NA RUA

A Tabela 2 apresenta o número de entrevistas realizadas em cada estrato.

**Tabela 2 - Número de entrevistas realizadas em cada estrato da pesquisa nos logradouros**

Subprefeitura	Pessoas encontradas no censo	Tamanho amostral
Área Central	4252	541
Subprefeitura Mooca*	453	85
Subprefeitura Lapa	414	53
Subprefeitura Santana/Tucuruvi	275	40
Subprefeitura Pinheiros	215	30
Subprefeitura Santo Amaro	199	35
Subprefeitura Vila Mariana	146	15
Total	5954	799

\* exceto distritos Brás e Pari

A amostra na área central e em cada subprefeitura foi sub estratificada da seguinte maneira:

- Área central – por distrito;
- Mooca – Belém, Mooca e Tatuapé/Água Rasa;
- Lapa – os distritos foram agrupados em Barra Funda/Perdizes, Jaguaré, Jaguará, Lapa e Vila Leopoldina. Os distritos Barra Funda/Perdizes, Lapa e Vila Leopoldina foram sorteados por meio de uma amostra com probabilidade de seleção proporcional ao número de moradores de rua da área;
- Santana/Tucuruvi – não foi sub estratificada;
- Pinheiros – Alto de Pinheiros/Pinheiros, Itaim Bibi e Jardim Paulista;
- Santo Amaro – Campo Belo e Santo Amaro/Campo Grande;
- Vila Mariana – Moema/Saúde e Vila Mariana.

Análise das respostas obtidas mostrou, para uma série de variáveis, um padrão de reposta mais homogêneo do que o esperado o que, em princípio, leva à redução do erro amostral. Desse modo, optou-se, em comum acordo com SMADS, por realizar as 1.200 entrevistas nos

logradouros em duas etapas: a primeira, descrita neste relatório e a segunda, com cerca de 400 entrevistas, feita a partir de um segundo questionário centrado em temas específicos. A realização dessas entrevistas é bastante desejável, pois permite obter informações complementares sobre alguns temas. Isto porque a grande extensão do questionário da primeira etapa não permitiu um tratamento em maior profundidade de certas questões relevantes para a Etapa 3 do trabalho. Os resultados obtidos pelo questionário complementar constituirão um relatório específico, não incluído na relação de produtos definidos contratualmente.

### **2.3 EXPANSÃO DOS RESULTADOS, PARA A POPULAÇÃO**

Assim como na pesquisa de albergue, a amostra não é auto ponderada o que faz necessária a ponderação do banco de dados. O Anexo I traz os procedimentos adotado para a expansão.

## **PARTE II: RESULTADOS DOS SERVIÇOS DE ACOLHIDA**

São descritos, a seguir, os resultados das variáveis incluídas no questionário aplicado às pessoas em situação de rua encontradas, nas noites do levantamento amostral, pernoitando nos serviços de acolhida da rede conveniada com SMADS.

### **1. CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO**

A caracterização socioeconômica das pessoas abrigadas nos centros de acolhida baseia-se nas seguintes variáveis demográficas: idade, sexo, cor, local de origem e escolaridade. Do conjunto de dados obtidos na pesquisa amostral sobressai o perfil mais geral de uma população com predominância de homens, não brancos, com idade média de 43 anos e de baixa escolaridade.

#### **1.1 IDADE, SEXO E COR**

A informação sobre idade foi obtida pela declaração do entrevistado e caso ele apresentasse alguma dificuldade para responder, era perguntado o ano em que nasceu. As estatísticas a seguir indicam que do total de entrevistados, apenas 0,2% não informaram a idade.

A amostra incluiu somente a população adulta, tendo sido encontradas pessoas de 18 a 80 anos, embora as posições extremas estejam representadas em proporções pouco expressivas. A média (43 anos) e a mediana (42 anos) são bem próximas, indicando que a distribuição das idades dos acolhidos é relativamente simétrica em relação à posição central. O aspecto relativamente jovem dessa população é indicado no fato de que 25% têm até 33 anos e 50%, até 42 anos.

**Tabela 1.1 - Estatística da Idade**

<b>Estatísticas</b>	<b>Valor</b>
N (*)	8.134
Média	43
Mediana	42
Idade mínima	18
Idade máxima	80
Percentil - 25%	33
Percentil - 50%	42
Percentil - 75%	53

(\*) Inclui apenas casos válidos

A variável “sexo” foi tratada nessa pesquisa sob duas dimensões distintas: como aspecto demográfico, que comporta a diferenciação biológica e como orientação sexual que envolve, principalmente, aspectos psicológicos e afetivos. Esta segunda dimensão será tratada adiante, como uma das partes deste relatório.

A informação relativa ao sexo foi atribuída pelo pesquisador visando obter um dado mais objetivo para essa variável, devido às dificuldades de fazer a pergunta e obter resposta adequada. Os dados revelaram a predominância dos homens entre os acolhidos: 87% do total, e a participação relativamente pouco expressiva das mulheres, com 13%. Essa distribuição por sexo tem sido observada em todas as pesquisas já realizadas com moradores de rua, tanto na cidade de São Paulo como em outras partes do país.

**Tabela 1.2 – Sexo**

<b>Sexo</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válidas</b>
Masculino	7.117	87,4	87,5
Feminino	1.019	12,5	12,5
Total - válidos	8.136	99,9	100
NR	11	0,1	
Total	8.147	100,0	

Considerando-se o cruzamento da variável “sexo” com a “idade”, observa-se que não há diferenças muito expressivas entre os dois gêneros. No entanto, pode-se destacar que entre as mulheres, há uma proporção maior, considerando-se as duas primeiras faixas etárias (até 30 anos e de 31 a 40): 51%. Os homens compõem 45% do total dessas duas faixas. No outro

extremo da escala etária (50 anos e mais), o sexo feminino também apresenta percentual mais elevado do que os homens: 37% e 32%, respectivamente, conforme Tabela 1.3.

**Tabela 1.3 – Faixa etária e Sexo**

Faixa Etária	Masculino		Feminino		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Até 30 anos	1.447	20,3	176	17,5	1.623	20,0
31 a 40 anos	1.778	25,0	335	33,3	2.113	26,0
41 a 49 anos	1.639	23,0	123	12,2	1.762	21,7
50 anos ou mais	2.254	31,7	372	37,0	2.626	32,3
Total	7.118	100	1.006	100	8.124	100

(\*) Inclui apenas casos válidos

Diferentemente do sexo, a cor foi obtida por declaração do entrevistado. Observa-se que 65% dos abrigados responderam que são pretos ou pardos, proporção bem superior à verificada na população do município de São Paulo (37%) conforme o Censo de 2010. Os brancos têm participação expressiva, embora bem menor que os não brancos (30%).

**Tabela 1.4 – Cor**

Cor	Frequência	%	% válidas
Branca	2.445	30,0	30,3
Preta	1.695	20,8	21,0
Parda	3.571	43,8	44,3
Amarela	108	1,3	1,3
Indígena	242	3,0	3,0
Total – válidos	8.062	99,0	100,0
NR	85	1,0	
Total	8.147	100,0	

## 1.2 LOCAL DE ORIGEM

A informação sobre o local de nascimento dos acolhidos permite dimensionar a participação dos nascidos na cidade de São Paulo e dos migrantes na composição dessa população, revelando aspectos de sua trajetória de deslocamento antes de viverem em situação de rua nesta capital. Para os que não são paulistanos, foi perguntado o Estado ou o país em que nasceram de modo a identificar a procedência, se no próprio território brasileiro ou em outro país.

A grande maioria dos entrevistados - 73% - declarou não ter nascido na cidade de São Paulo, enquanto os paulistanos representam 27% do total.

**Tabela 1.5 - Nasceu no Município de São Paulo**

Nasceu em São Paulo	Frequência	%	% válidas
Sim	2.165	26,6	26,6
Não	5.982	73,4	73,4
Total	8.147	100	100

Aspecto relevante para a caracterização socioeconômica dos acolhidos não paulistanos é identificar há quanto tempo migraram para a capital. A esse respeito, uma hipótese a ser avaliada: o tempo prolongado de moradia em São Paulo, para os que estão em situação de rua, pode se traduzir em melhores condições de acesso aos recursos para a sobrevivência que, potencialmente, a cidade oferece.

A Tabela 1.6 traz os resultados à pergunta sobre o tempo de moradia em São Paulo, indicando que 24% dos entrevistados são recém-chegados, há menos de 1 ano. Um segundo grupo, de 17% aqui vive de 1 a 5 anos. O aspecto mais significativo observado é que 59% se fixaram na cidade há 5 anos e mais.

**Tabela 1.6 – Tempo de moradia dos migrantes na cidade de São Paulo**

Faixas de Tempo	Frequência (*)	%	% válidas
Menos de 1 ano	1.418	23,7	24,0
De 1 a 5 anos	1.011	16,9	17,1
Há 5 anos e mais	3.475	58,1	58,9
Total - válidos	5.904	98,7	100
NR	78	1,3	
Total	5.982	100	

(\*) Inclui apenas os não nascidos na cidade de São Paulo

Quanto à nacionalidade, 93% são brasileiros. Cabe registrar que os centros de acolhida atendem 427 estrangeiros, dos quais, 297 são oriundos de países africanos. É de se notar a presença mais significativa de imigrantes africanos vivendo em situação de rua. Este é um fato social relativamente novo na cidade de São Paulo e com tendência ao crescimento em

futuro próximo em decorrência do intenso fluxo de refugiados de países que passam por graves dificuldades econômicas, políticas, étnicas e religiosas.

**Tabela 1.7 – País de origem dos migrantes**

Origem	Frequência	%
Brasil	5.557	92,9
Congo	89	1,5
Angola	78	1,3
Nigéria	36	0,6
Haiti	30	0,5
Chile	27	0,5
Togo	22	0,4
Guiné	19	0,3
Portugal	14	0,2
Burundi	13	0,4
Nepal	13	0,2
Paquistão	13	0,2
Guiné Bissau	11	0,2
Burkina Faso	11	0,2
Quênia	11	0,2
Peru	9	0,2
Colômbia	8	0,1
África do Sul	7	0,1
Argentina	7	0,1
Espanha	7	0,1
Total	5.982	100

Com relação aos migrantes que nasceram no Brasil, observa-se que 45% têm sua origem em estados da Região Sudeste, seguida de perto pelo Nordeste com 41%. As demais regiões juntas, respondem por 14% do total dos migrantes que vivem nos abrigos.

**Tabela 1.8 - Região de Origem dos não paulistanos**

Região	Frequência	%	% válidas
Sudeste	2.501	41,8	45,0
Nordeste	2.285	38,2	41,1
Sul	508	8,5	9,1
Centro-Oeste	170	2,8	3,1
Norte	95	1,6	1,7
Total – válidos	5.559	92,9	100
NR	423	7,1	
Total	5.982	100	

### 1.3 ESCOLARIDADE

Algumas questões a respeito da escolaridade foram incluídas no questionário com o objetivo de identificar se os que vivem em casas de acolhida sabem ler e escrever, se frequentaram escola e qual o grau de escolaridade que atingiram, considerando o ensino fundamental, o ensino médio e o superior. A quase totalidade dos pesquisados respondeu a essas questões.

Observa-se que 93% dos abrigados afirmaram saber ler e escrever. Os 7% restantes correspondem à parcela dos analfabetos, elevada se comparada aos parâmetros do Estado de São Paulo (4,3%) e do município (3,2%).

**Tabela 1.9- Sabe Ler e Escrever**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sim	7.563	92,8	92,9
Não	574	7,0	7,1
Total - válidos	8.137	99,9	100,0
NR	10	0,1	
Total	8.147	100,0	

Entre as mulheres a taxa de analfabetismo é bem mais expressiva do que entre os homens: 6% e 11% respectivamente, conforme tabela a seguir.

**Tabela 1.10- Sabe Ler e Escrever conforme Sexo**

Resposta	Masculino	Feminino	Total(*)
	%	%	%
Sim	93,5	89,1	92,9
Não	6,5	10,9	7,1
Total	100	100	100

(\*) Inclui apenas casos válidos

Com relação à frequência escolar 95% dos moradores responderam positivamente (Tabela 1.11). No entanto, quando se analisa o nível de escolaridade formal que atingiram constata-se que 46% passaram pelo ensino fundamental, mas interromperam os estudos nas séries iniciais. Apenas 16% conseguiram finalizar essa etapa da educação básica. O baixo nível de escolaridade dos que vivem nos centros de acolhida confirma-se no fato de que apenas 9% frequentaram escolas de nível médio, embora sem chegar até o final e pouco mais de 20%

completou esse nível. Cabe observar que 4% têm o nível superior incompleto e outros 4% afirmaram ter completado esse nível. (Tabela 1.12)

**Tabelas 1.11 – Frequência à Escola**

Resposta	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência (*)	%
Sim	6750	95,0	996	97,6	7.746	95,3
Não	356	5,0	24	2,4	380	4,7
Total	7.106	100	1.020	100	8.126	100

(\*) Inclui apenas casos válidos

**Tabela 1.12 - Nível de Escolaridade**

Grau de escolaridade	Frequência	%	% válidas
Fundamental de 1ª a 4ª Série Incompleto	959	11,8	12,4
Fundamental de 1ª a 4ª Série Completo	860	10,6	11,1
Fundamental de 5ª a 8ª Série Incompleto	1.742	21,4	22,6
Fundamental de 5ª a 8ª Série Completo	1.220	15,0	15,8
Médio Incompleto	723	8,9	9,4
Médio Completo	1.610	19,8	20,9
Superior Incompleto	329	4,0	4,3
Superior Completo	275	3,4	3,6
Total	7.717	94,7	100,0
NR	430	5,3	
Total	8.147	100,0	

A tabela 1.13 traz um cruzamento do grau de escolaridade dos acolhidos com a idade, com o objetivo de verificar se a formação escolar dessas pessoas assume características diversas conforme sua distribuição etária. A menor escolaridade dos grupos etários mais elevados é um aspecto que caracteriza a população brasileira em geral e está presente na população em situação de rua. Com relação ao nível fundamental incompleto as porcentagens são francamente ascendentes à medida que se avança nas faixas etárias: de 31% nos que têm até 30 anos, chega-se a 55% nos de 50 anos e mais.

O nível fundamental completo pouco discrimina os grupos etários, todos em torno de 15%. Quanto ao médio completo é interessante observar que ele atinge 26% dos mais jovens, mas apresenta um contínuo declínio até os mais velhos, com 16%. A existência de pessoas com nível educacional superior em situação de rua foi identificada nos centros de acolhida e em

números surpreendentes: um total de 604 pessoas (8%), sendo 329 com grau incompleto e 275, completo. Observa-se que essas pessoas estão principalmente nas faixas etárias: até 30 anos, de 31 a 40 anos e entre os de 50 anos e mais.

**Tabela 1.13 – Nível de escolaridade por faixa etária**

Nível educacional	Faixas Etárias				Total
	Até 30 anos	31 a 40 anos	41 a 49 anos	50 anos ou mais	
	%	%	%	%	%
Fundamental Incompleto	30,7	44,5	48,6	55,4	46,1
Fundamental Completo	14,8	15,0	18,7	15,1	15,8
Médio Incompleto	21,1	9,0	7,0	4,0	9,4
Médio Completo	26,4	22,2	20,7	16,3	20,9
Superior Incompleto	5,5	4,7	1,2	5,2	4,3
Superior Completo	1,4	4,5	3,8	4,0	3,6
Total	100	100	100	100	100

(\*) Inclui apenas casos válidos

## 2. ALTERNATIVAS DE PERNOITE

A população em situação de rua é constituída por pessoas que, tendo perdido a última moradia, passam a pernoitar em centros de acolhida ou em logradouros públicos, iniciando uma trajetória quase sem volta. Essa é a realidade daqueles que estão em situação de rua há muitos anos.

Como normalmente costumam alternar períodos de pernoite em centro de acolhida e na rua, foi verificada a proporção dos acolhidos que já dormiram na rua e dos que nunca tiveram essa experiência. Constatou-se que quase 82% já haviam dormido na rua e que pouco mais de 18% só pernoitaram em centro de acolhida (Tabela 2.1), cabendo verificar algumas características desses dois grupos de acolhidos, quanto ao tempo de rua, sexo e faixa etária.

**Tabela 2.1 - Acolhidos que já Dormiram na Rua**

Dormiu na rua	Frequência	%
Sim	6.664	81,8
Não	1.471	18,1
Total	8.135	99,9
NR	12	0,1
Total	8.147	100,0

## 2.1 ALTERNATIVA DE PERNOITE E TEMPO DE RUA

Entre os acolhidos que nunca dormiram na rua, 50% têm até 6 meses de tempo de rua. Essa proporção decresce nas faixas de tempo subsequentes, chegando a 6% na faixa de tempo acima de 10 anos. Dentre os acolhidos que já dormiram na rua, 24% têm até 6 meses de tempo de rua, proporção bem menor do que a dos que nunca dormiram. Na faixa de tempo de 7 meses a 1 ano, o grupo que nunca dormiu na rua corresponde a 15% contra 10% do outro grupo. A partir de 2 anos, essa proporção tende a aumentar em relação à do grupo que nunca dormiu na rua, chegando a 22% entre os que têm mais de uma década de tempo de rua (Tabela 2.2).

Há, portanto, uma diferença entre esses dois grupos, no que se refere ao tempo de rua. À medida que sobe o tempo de rua, diminui a proporção dos que nunca pernoitaram na rua e aumenta a dos que já pernoitaram. O tempo de vida na rua permite à população, descobrir estratégias de sobrevivência e entre elas, as alternativas de pernoite.

**Tabela 2.2 – Alternativa de pernoite dos acolhidos por tempo de rua**

Tempo de rua			Total
	Já dormiu na rua	Nunca dormiu na rua	
Até 6 meses	1581 24,0%	723 50,1%	2304 28,7%
De 7 meses a 1 ano	677 10,3%	216 15,0%	893 11,1%
Mais de 1 a 2 anos	890 13,5%	197 13,7%	1087 13,5%
Mais de 2 a 5 anos	1281 19,4%	181 12,5%	1462 18,2%
Mais de 5 a 10 anos	725 11,0%	35 2,4%	760 9,5%
Mais de 10 anos	1433 21,8%	91 6,3%	1524 19,0%
Total	6587 100,0%	1443 100,0%	8030 100,0%

## 2.2 ALTERNATIVAS DE PERNOITE E GÊNERO

A proporção de mulheres em situação de rua é bem menor que a de homens, mesmo nos centros de acolhida. Ao verificar a proporção desses dois gêneros quanto a ter ou não dormido na rua, observa-se que a maioria de ambos os sexos já dormiu na rua, apesar da grande diferença registrada: 85% de homens e 59% de mulheres. No entanto, é bastante significativo que no grupo feminino, 41% nunca dormiram na rua, o mesmo ocorrendo com apenas 15%, do grupo masculino. Os dados indicam que o grupo de acolhidos que nunca dormiu na rua é constituído em sua maioria, por pessoas com menor tempo de rua (Tabela 2.2) e por mulheres (Tabela 2.3).

Tabela 2.3- Alternativas de pernoite dos acolhidos e gênero

Dormiram na rua	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Sim	6048	605	6653
	85,1%	59,4%	81,9%
Não	1057	414	1471
	14,9%	40,6%	18,1%
Total	7105	1019	8124
	100,0%	100,0%	100,0%

### 2.3 ALTERNATIVA DE PERNOITE POR FAIXA ETÁRIA

Outro aspecto importante a verificar é a diferença dos dois grupos de acolhidos, em termos da idade. Nas 4 faixas etárias consideradas se distribuem os que já dormiram na rua e os que nunca dormiram. Estes apresentam a maior proporção na última faixa etária, de 50 anos e mais, com 40%, contra 31% que já dormiram na rua. No outro extremo, o grupo de mais jovens com até 30 anos, apresenta uma proporção ligeiramente maior dos que nunca dormiram na rua (22%) em relação aos que já dormiram (20%) e nas duas faixas etárias intermediárias, prevalecem os acolhidos que já dormiram na rua (Tabela 2.4).

Cabe registrar que na última faixa etária há uma proporção de idosos (60 anos e mais) que corresponde a 16% do total de acolhidos e 48% do total dos que têm 50 anos ou mais.

Portanto, outra característica do grupo de acolhidos que nunca pernoitou na rua é a predominância de pessoas com mais idade, certamente com a presença de muitos idosos, até porque existem centros de acolhida especiais destinados a essa população.

A pequena predominância do grupo mais jovem que nunca pernoitou na rua, pode estar relacionada à maior presença de pessoas com menos tempo de rua, conforme apontado acima.

**Tabela 2.4 – Alternativas de pernoite dos acolhidos, por faixa etária**

Faixa etária	Já dormiu na rua	Nunca dormiu na rua	Total
Até 30 anos	1301 19,6%	322 21,9%	1623 20,0%
31 a 40	1813 27,3%	299 20,3%	2112 26,0%
41 a 49	1502 22,6%	261 17,7%	1763 21,7%
50 ou mais	2035 30,6%	590 40,1%	2625 32,3%
	6651	1472	8123
Total	100,0%	100,0%	100,0%

#### 2.4 ALTERNATIVAS DE PERNOITE NA ÚLTIMA SEMANA

O tempo de rua obriga essa população a criar ou descobrir diversas formas de sobrevivência e uma delas refere-se às alternativas de pernoite, pois, além da rua e dos centros de acolhida, existem outras possibilidades que essa população pode encontrar. Com base nesse pressuposto, foi verificado junto aos acolhidos se na semana anterior ao dia da pesquisa, tiveram condição de dormir em outro lugar.

Esse dado informa a proporção dos que conseguem manter uma rede de relações sociais que lhes permita ter uma alternativa de pernoite sem custo, como a casa de amigos ou parentes, uma instituição religiosa ou um serviço oferecido pela municipalidade (hotel DBA). Informa ainda, a proporção dos que conseguem obter alguma renda para usufruir de um quarto de pensão.

A grande maioria (87%) não teve nenhuma dessas possibilidades e dormiu somente na rua ou no centro de acolhida, enquanto alguns tiveram mais de um local para pernoitar. Entre os que tiveram alternativas de pernoite, 5% conseguiram renda para dormir em pensão, enquanto 4% puderam pernoitar em casa de amigos ou parentes e outros 4% tiveram acesso

a alguma instituição religiosa ou de abrigo. Cerca de 3% disseram ter dormido em hotel do programa DBA, enquanto uma parcela mínima, de quase 1%, informou ter dormido na própria casa, ou seja, são pessoas que têm moradia, mas que por alguma razão, permanecem no centro de acolhida (Tabela 2.5).

**Tabela 2.5 - Local em que Dormiu na Última Semana**

Local de pernoite	Freq.(*)	%
Pensão, vaga, quarto	378	4,6
Instituição (igreja, abrigo, Missão Belém, Caminho, etc.)	287	3,5
Casa de amigo/parentes	295	3,6
Hotel de Braços Abertos (DBA)	236	2,9
Na própria casa	73	0,9
Outro	207	2,5
Dormiu na rua ou centro de acolhida	6.876	84,4
Base de porcentagem	8.147	

(\*) Respostas múltiplas.

### 3. VÍNCULOS FAMILIARES

A abordagem deste tema limita-se a explorar através de duas questões com alternativas idênticas, a situação atual da população em situação de rua e a anterior à ida para a rua/centro de acolhida, no que diz respeito à presença ou não de pessoas no seu convívio. Interessa saber a proporção de pessoas que atualmente vivem sós e com quem moravam antes de perder a última moradia e romper os vínculos familiares. As informações levantadas nas duas questões permitem respostas múltiplas, visto que são várias as combinações possíveis de convivência.

#### 3.1 COM QUEM VIVE ATUALMENTE

A vida solitária da população em situação de rua é um fato constatado pelo elevado índice de pessoas sozinhas encontradas no censo de 2015. Nos Centros de Acolhida, 80% dos

moradores disseram que atualmente vivem sós e quase 20% vivem acompanhados de familiares e/ou de pessoas sem relação de parentesco. Mesmo convivendo com várias pessoas no mesmo espaço, disseram que vivem sós. Talvez essa solidão reflita a inexistência de laços afetivos com os demais acolhidos ou porque não convivem com membros da família.

Conforme dados da Tabela 3.1, pouco mais de 13% vivem com membros da família conjugal: 8% contam com a companhia do cônjuge/companheiro/a e 5% convivem com filhos. Apenas 2% estão acompanhados de pessoas da família de origem (pai/padrasto, mãe/madrasta, irmãos ou outros familiares) enquanto uma parcela de 8% vive com amigos e conhecidos sem relação de parentesco. Além de retratar a solidão dos acolhidos, esses dados revelam também a fragilidade dos seus laços familiares atuais.

**Tabela 3.1 - Acolhidos que atualmente vivem sós ou acompanhados\***

Com quem vive atualmente	Freq.(*)	%
Sozinho	6.542	80,4
Marido, mulher, companheiro(a)	670	8,2
Filho(s)	405	5,0
Pai, padrasto	41	0,5
Mãe, madrasta	27	0,3
Irmãos	52	0,6
Outros membros da família	36	0,4
Amigos	388	4,8
Outras pessoas	253	3,1
<b>Base de porcentagem</b>	<b>8.136</b>	

(\*) Respostas múltiplas. Apenas casos válidos.

### 3.2 COM QUEM VIVIA NA ÚLTIMA MORADIA

A ruptura de laços familiares poderia já estar presente antes da vida na rua, porém, a única informação levantada refere-se aos membros da família e outras pessoas com as quais vivia em sua última moradia, o que permite comparar com a situação atual. A diferença mais significativa entre os dois momentos da vida dessa população é a proporção dos que viviam

sós antes de perder a moradia (26%) e do aumento dos que passaram a viver sós na condição de população em situação de rua (80%). Em sentido oposto, 74% moravam com familiares e/ou outras pessoas e atualmente apenas 20% desfrutavam da companhia deles (Tabela 3.2).

**Tabela 3.2 – Situação de Convívio Atual e Anterior dos Acolhidos**

Com quem vive	Atualmente		Antes da rua	
	Freq.	%	Freq.	%
Sozinho	6.542	80,4	2.124	26,1
Com familiares e/ou outras pessoas	1.594	19,6	6.012	73,9
Total	8.136	100	8.136	100

Antes de perder a última moradia e ir para a rua/centro de acolhida, 61% viviam com membros da família conjugal: 35% tinham cônjuge/companheiro/a e 26% viviam com filhos. Aproximadamente 56% viviam com pessoas da família de origem: 11% com o pai, 20% com a mãe, 17% com irmãos e 9% com outros membros. Apenas 6% viviam com amigos ou outras pessoas (Tabela 3.3).

**Tabela 3.3 - Acolhidos que Viviam Sós ou com Outras Pessoas**

Com quem vivia na última moradia	Freq.(*)	%
Sozinho	2.124	26,1
Marido, mulher, companheiro(a)	2.845	35,0
Filho(s)	2.122	26,1
Pai, padrasto	910	11,2
Mãe, madrasta	1.601	19,7
Irmãos	1.366	16,8
Outros membros da família	688	8,5
Amigos	280	3,4
Outras pessoas	183	2,2
Base de porcentagem	8.136	

(\*) Respostas múltiplas

O confronto dos dados anteriores à situação de rua e da situação atual indica uma grande diferença em termos de vínculos familiares. Observa-se um significativo aumento de pessoas

solitárias. É expressiva a redução de pessoas convivendo com membros da família conjugal, caindo de 61% para 13% e com membros da família de origem, caindo de 56% para 2%. Há um ligeiro aumento dos que contam com a convivência de pessoas sem qualquer relação de parentesco: de 6% para 8%. Amigos e conhecidos passam a ter uma presença maior do que a de membros da família de origem no convívio com pessoas em situação de rua. Ao perder a última moradia, essa população perdeu também, grande parte de suas relações familiares, seja porque os vínculos já eram frágeis, seja porque algumas circunstâncias particulares como o desemprego, o consumo excessivo de álcool e drogas, ou até a morte de um membro importante da família, levaram a essa desestruturação da família e à ruptura sem retorno. Muitas pessoas abandonam a família ou são expulsas da casa porque devem ter se tornado indesejáveis.

### **3.3 PERDA DA FAMÍLIA CONJUGAL E O USO DE ÁLCOOL E/OU DROGA**

Conforme já mencionado, apenas 13% vivem atualmente com pessoas da família conjugal, representando uma redução de 48% dos que antes viviam com o cônjuge ou filhos. Não se sabe qual a razão desse rompimento, mas uma das hipóteses é o uso abusivo de álcool e/ou droga, uma vez que se constatou o elevado percentual de pessoas que já consumiam esses produtos antes da ida para a rua.

Conforme dados da Tabela 3.4, dentre os acolhidos que atualmente vivem com o cônjuge ou filhos, quase 45% não usavam nem álcool nem droga, enquanto os demais 55% usavam apenas álcool (11%), apenas drogas (11%) e ambos (34%). Pouco mais da metade dos que vivem com membros da família conjugal usaram anteriormente álcool e/ou droga.

Entre os que hoje não desfrutam da companhia de nenhum membro da família que constituiu apenas 22% disseram que não usavam nem álcool nem droga, contra 78% dos que usavam algum produto: 30% usavam apenas bebida alcoólica, 10% apenas drogas e 38%, ambos os produtos. Portanto, é muito provável que o consumo de álcool e/ou droga antes da ida para a rua, seja um dos motivos da ruptura dos vínculos com a família conjugal.

**Tabela 3.4 – Acolhido com cônjuge ou filhos e uso anterior de álcool e/ou droga**

Vive com cônjuge ou filhos	Uso anterior de álcool e droga				Total
	Não usava	Apenas álcool	Apenas drogas	Álcool e drogas	
Sim	400	95	97	305	897
	44,6%	10,6%	10,8%	34,0%	100,0%
Não	1597	2133	732	2752	7214
	22,1%	29,6%	10,1%	38,1%	100,0%
Total	1997	2228	829	3057	8111
	24,6%	27,5%	10,2%	37,7%	100,0%

### 3.4 PESSOAS SÓS E CONSUMO ANTERIOR DE ÁLCOOL E DROGA

É elevado o percentual de pessoas nos Centros de Acolhida que vivem sós e que anteriormente usavam álcool e/ou droga. Os que nada usavam eram apenas 22% enquanto 78% usavam e dentre estes, 30% consumiam apenas bebida alcoólica, 11% apenas drogas e 38% consumiam ambos. Entre os acolhidos que atualmente vivem com alguém, 37% não usavam nenhum desses produtos, mas 63% usavam sendo que 17% consumiam apenas bebida alcoólica, 8% apenas droga e 37% consumiam ambos.

É importante observar que nos dois grupos, de pessoas sós e de pessoas que vivem acompanhadas, a diferença de consumo é da ordem de 15%. Mas chama atenção a proporção mais elevada dos que consumiam bebida alcoólica, seja de forma exclusiva, seja associada ao consumo de drogas. Entre os sozinhos, 68% consumiam álcool e 49%, drogas e entre os que vivem com outras pessoas, 55% consumiam álcool contra 45% que usavam drogas (Tabela 3.5).

**Tabela 3.5- Acolhido que vive só e uso anterior de álcool e/ou droga**

Vive sozinho	Uso anterior de álcool e droga				Total
	Não usava	Apenas álcool	Apenas drogas	Álcool e drogas	
Sim	1408	1955	702	2466	6531
	21,6%	29,9%	10,7%	37,8%	100,0%
Não	589	274	127	591	1581
	37,3%	17,3%	8,0%	37,4%	100,0%
Total	1997	2229	829	3057	8112
	24,6%	27,5%	10,2%	37,7%	100,0%

#### 4. SEGURANÇA ALIMENTAR

O tema Segurança Alimentar foi introduzido na caracterização do perfil socioeconômico dos moradores em situação de rua visando identificar as estratégias que essas pessoas utilizam para a obtenção de alimentos em seu dia a dia. Ou seja, quais as alternativas de que dispõem para suprir a necessidade básica de sobrevivência alimentar. Considerando que na cidade de São Paulo existem serviços públicos estruturados para oferecer refeições à população de baixa renda e aos moradores de rua, pretende-se verificar o acesso a esses serviços, que são considerados como fonte de alimentação mais regular e de melhor qualidade.

Os resultados na tabela 4.1 indicam que parte muito expressiva dos entrevistados utilizam os restaurantes populares como o Bom Prato (42%) e principalmente os serviços da prefeitura, que são demandados por 78%. Alternativa também amplamente utilizada é a compra em restaurante, lanchonete e bar (43%).

Outras formas de obtenção de alimentos estão relacionadas às doações de diversas fontes, todas elas de caráter ocasional e de frequência variada. Entre elas se destacam os grupos que distribuem comida em pontos determinados da cidade e pessoas que dão alimentos nas ruas. Estima-se que 28% dos acolhidos ganham comida desses grupos e 21%, das pessoas nas ruas. A forma de extrema precariedade para obter alimentos é a catação em lixo, que, entre os acolhidos, é praticada por 5%.

**Tabelas 4.1 – Alternativas para Obter Alimento**

Opções	Sim		Não	
	Frequência (*)	%	Frequência (*)	%
Restaurante popular (Bom Prato)	3.407	41,9	4.729	58,1
Serviços da prefeitura	6.346	78	1.791	22
Ganha de restaurante, lanchonete, bar	1.206	14,8	6.930	85,2
Compra em restaurante, lanchonete, bar	3.505	43,1	4.631	56,9
Recebe de grupos que distribuem comida na rua	2.314	28,4	5.822	71,6
Ganha de pessoas na rua	1.709	21	6.427	79
Coleta, Cata	408	5	7.728	95
Ganha em feiras, mercados	759	9,3	7.378	90,7
Outro	720	8,9	7.416	91,1
Base de % (total de respondentes)	8.136			

(\*) Respostas Múltiplas. Inclui apenas casos válidos

A agregação dos dados levantados em poucas categorias possibilita uma visão mais ampla das estratégias adotadas pelas pessoas em situação de rua para obter alimentação. Os serviços municipais e restaurantes populares destacam-se como o principal recurso, para 88% da população. É muito significativa a proporção dos que ganham alimentos de diversas fontes (39%) e dos que compram.

**Tabelas 4.2 – Alternativas para Obter Alimento (agregadas)**

Alternativas	Sim		Não	
	Freq.(**)	%	Freq.(**)	%
Consegue em serviços (*)	7.191	88,4	945	11,6
Recebe/ganha	3.181	39,1	4.956	60,9
Compra	3.505	43,1	4.631	56,9
Coleta/cata	408	5,0	7.728	95,0
Consegue em outras fontes	720	8,9	7.416	91,1
Base de % (total de respondentes)	8.136			

(\*) Restaurante popular (Bom Prato) e serviços da prefeitura

(\*\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

Procurou-se verificar também se o acesso a esse conjunto de alternativas para obter comida é suficiente para garantir que a população em situação de rua se alimente todos os dias. Nesse sentido, foi introduzida uma pergunta sobre a impossibilidade de conseguir alimento, mesmo que por um único dia.

O resultado pode ser verificado na tabela a seguir: 18% dos acolhidos declararam que na última semana ficaram um dia inteiro sem conseguir comida. A interpretação desse resultado deve ser cuidadosa, uma vez que muitos deles podem ter entendido o “dia inteiro” como sendo apenas o período diurno. Para muitos que normalmente utilizam os serviços públicos de assistência é provável que não tenham conseguido se alimentar por não terem ido aos centros de acolhida naquele dia.

**Tabela 4.3– Não conseguiu comida**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sim	1.460	17,9	18,0
Não	6.651	81,6	82,0
Total	8.111	99,6	100,0
NR	36	0,4	
Total	8.147	100	

## 5. TRABALHO E RENDA

A inclusão do tema Trabalho e Renda é justificada pela importância que a renda monetária ocupa na reprodução da vida das pessoas inseridas em uma economia de mercado. Embora não seja ela a única forma de obtenção de bens e serviços, há, certamente, um conjunto de mercadorias cuja única forma de acesso é mediante transações monetárias: bebidas, cigarros, drogas, entre outras. Do ponto de vista individual, portanto, a posse de renda monetária significa a capacidade de realizar transações de compra e venda e, assim, acessar bens e serviços.

A renda monetária é obtida, para todas as pessoas que não possuem bens patrimoniais, mediante trabalho. É preciso, portanto, que as pessoas em situação de rua tenham capacidade de trabalhar.

A capacidade de trabalhar exige, do ponto de vista do trabalhador, várias condições articuladas que podem ser sintetizadas no conceito de “capacitação”, geradora da posição que ocupa na denominada “oferta de trabalho”. Nessa perspectiva, o conceito de qualificação se amplia e vai além da escolaridade ou da experiência profissional. A capacitação inclui,

também, um conjunto de bens que possibilitem a reprodução do trabalhador, enquanto força de trabalho.

O que o bloco de questões “Trabalho e Renda” procura descrever é a resultante final desse conjunto de condições, materializadas nas atividades de trabalho que as pessoas em situação de rua desempenham e a renda que auferem. O outro lado do mercado, a existência de postos de trabalho, é determinada por condições fora do âmbito individual do trabalhador e não é aqui considerada. A exclusão dessa condição na análise, certamente, a torna incompleta.

Sob essa referência, as questões do bloco “trabalho e renda” procuraram caracterizar as condições em que as pessoas em situação de rua conseguem gerar renda monetária, descrevendo o trabalho realizado, o tipo de trabalho – assalariamento formal e informal, conta própria, bicos – e valor monetário gerado. Foi também pesquisado o recebimento de pensões e benefícios dos acolhidos e moradores de rua, entendendo-se ser necessários avaliar a proporção da população que os recebem, por ser um importante componente dos recursos monetários dos trabalhadores pobre e idosos. Foram obtidas, também, informações sobre as ocupações desempenhadas antes da chegada às ruas e o tipo de trabalho correspondente, com o objetivo de identificar possíveis mudanças nas condições de trabalho, antes e depois da entrada nas ruas.

Três observações se fazem necessárias. Primeiramente, deve-se ter em conta que pessoas em situação de rua também suprem suas necessidades por outras fontes de renda que não o trabalho: políticas públicas de atenção à população e instituições de caridade. Os demais blocos dos questionários exploram o acesso a vários bens e serviços providos pelas políticas públicas e pelas instituições de caridade, como por exemplo, alimentação e saúde. Os bens assim ofertados compõem parcela significativa da “renda” da população, definindo-a, não somente como recursos monetário, mas ampliando o conceito para “recursos para sobrevivência”.

A segunda observação diz respeito à variabilidade, já conhecida, das atividades de trabalho e dos fluxos monetários associados. A tentativa de estimar os fluxos de rendimentos da

população, entretanto, é elemento importante para avaliar a forma como ela se insere na esfera das transações monetárias e sua dependência das outras fontes de renda. A cautela na interpretação das estimativas obtidas deve ser sempre enfatizada.

Finalmente, cumpre destacar que as informações levantadas permitem traçar um primeiro quadro das condições de trabalho e renda da população em situação de rua. Esse conjunto de dados, contudo, pode e deve ser complementados por outras informações que permitirão descrever com mais precisão o que podemos chamar, talvez impropriamente, de “mercado de trabalho” da população em situação de rua. Os resultados obtidos, assim, constituirão um importante elemento na elaboração dos 400 questionários complementares às 1.600 entrevistas já realizadas.

### 5.1 ATIVIDADES ATUAIS E RENDA AUFERIDA

Quais as condições de trabalho das pessoas em situação de rua? No que trabalham?

A Tabela 5.1 mostra que 26% das pessoas acolhidas nos serviços da rede municipal declararam não estar trabalhando, quando entrevistados. Cerca de 11%, declararam estar trabalhando como assalariado, embora sem carteira assinada. A estes, se somam aqueles trabalhando com carteira assinada, 7,2%. A maioria dos acolhidos, contudo, consegue dinheiro desempenhando atividades classificadas como “conta própria” e “bicos”.

**Tabela 5.1 - Condição de trabalho atual**

Condição do trabalho atual	Sim		Não	
	Freq.	%	Freq.	%
Empregado, com registro em carteira	589	7,2%	7.558	92,8%
Empregado, sem registro em carteira	871	10,7%	7.276	89,3%
Trabalhando por conta/fazendo bicos	4.703	57,7%	3.444	42,3%
Não está trabalhando	2.098	25,8%	6.049	74,2%

A Tabela 5.1 mostra que embora a condição predominante de trabalho seja “o conta própria” ou “bico”, o assalariamento, formal ou informal tem uma significativa participação.

A condição de assalariamento é relevante em vários aspectos. Do ponto de vista do volume e estabilidade dos fluxos monetários, o assalariado com carteira é similar ao assalariamento informal, possibilitando, durante a vigência do vínculo empregatício, previsibilidade dos rendimentos a serem auferidos. Há possibilidade de planejamento dos dispêndios com bens e serviços, inclusive na participação de algum tipo de programa habitacional que tenha alguma (compatível com a renda) contrapartida monetária do beneficiário.

O assalariamento formal propicia direitos previdenciários. Pode-se pensar, também, que o assalariado formal desfruta de maior estabilidade de emprego, haja vista os custos de dispensa. Assim entendendo, os trabalhadores assalariados abrigados nos centros de acolhida da rede disfrutam de uma posição privilegiada em relação aos demais trabalhadores.

É interessante observar o número absoluto de acolhidos correspondente aos percentuais de assalariados, Tabela 5.1 Obtidos mediante expansão dos resultados amostrais, pode-se pensar que esse conjunto de trabalhadores constitui um subgrupo da população de acolhidos, para os quais é possível pensar programas diferenciados, particularmente de provisão de serviços de habitação. A avaliação dessa possibilidade, contudo, depende de informações complementares, a começar pelo rendimento mensal por eles auferidos.

A renda mensal média obtida pelos acolhidos que disseram trabalhar com carteira assinada é de R\$ 1.024,00 e a mediana R\$ 967,00<sup>1</sup>. A média estimada, portanto, ultrapassa o salário mínimo vigente em 2015<sup>2</sup>, assim como a mediana. O valor mínimo declarado encontrado foi \$ 500,00 e o máximo foi de R\$ 2.000,00.

A importância de se estimar a renda monetária auferida já foi enfatizada. Os resultados encontrados contudo, devem ser interpretados com cautela. Primeiramente, por ser o número de assalariados com carteira assinada na população de acolhidos relativamente pequeno. Em segundo lugar, sabe-se que o valor do rendimento auferido é informação fortemente sujeita a erros de declaração. É necessário aprofundar a investigação das questões relativas à

---

<sup>1</sup> Média aparada, 5%.

<sup>2</sup> R\$ 788,00.

condição de assalariamento, mediante um conjunto adicional de perguntas a esses trabalhadores<sup>3</sup>.

A renda ganha pelos trabalhadores assalariados sem carteira é, como esperado, inferior aos que trabalham com vínculos formais. Assim, 25% da população (primeiro quartil) ganham até pouco mais de meio salário mínimo (R\$ 460,00), com a mediana dessa distribuição de 1,1 salário mínimo. Todos os comentários relativos à cautela na interpretação dos resultados feitos às estimativas da renda auferida pelos assalariados com carteira se aplicam novamente.

Os assalariados informais encontram-se trabalhando nessa condição, em média, há 3,5 anos, Tabela 5.2 Chama atenção a diferença entre a média e mediana da distribuição, mostrando a existência de valores altos (muitos anos trabalhando na condição informal), após o terceiro quartil. Por outra parte, 25% desses assalariados (primeiro quartil), encontram-se nessa condição há até dois meses.

**Tabela 5.2 - Estatísticas do tempo em que está trabalhando sem carteira assinada, em anos**

Estatísticas	Anos
Média	3,5
Mediana	1,0
Percentis	
25	0,2
50	1,0
75	2,0

A condição de trabalho identificada como “conta própria” e “bico” ocupa a maior parte dos trabalhadores, como mostrou a Tabela 5.1. Que atividades estão agrupadas sob essa rubrica?

<sup>3</sup> O questionário complementar da etapa 2 poderá abordar essa questão.

**Tabela 5.3 - Atividades para obtenção de renda monetária, atividades por conta própria e bicos\***

Atividades	Sim	%	Não	%
Distribuidor de panfletos	1.467	18,60%	6.440	81,40%
Serviço de limpeza/faxina	1.206	15,30%	6.701	84,70%
Ajudante geral	1.196	15,10%	6.711	84,90%
Carga e descarga/chapa	1.148	14,50%	6.759	85,50%
Construção civil/pedreiro/pintor	1.026	13,00%	6.881	87,00%
Catador de materiais recicláveis	994	12,60%	6.913	87,40%
Comércio ambulante (Venda de doces, salgados, água, flores, jornais)	869	11,00%	7.038	89,00%
Pede/achaca/ mendicância	592	7,50%	7.315	92,50%
Lava/guarda carro/flanelinha	401	5,10%	7.506	94,90%
Vigilante	286	3,60%	7.621	96,40%
Prostituição/Programa	162	2,00%	7.745	98,00%
Roubo/assalto	139	1,80%	7.768	98,20%
Venda de drogas	117	1,50%	7.790	98,50%
Atividades artísticas na rua	95	1,20%	7.812	98,80%
Outro	1.420	18,00%	6.487	82,00%

\*Respostas múltiplas

A distribuição de panfletos, serviços de limpeza, ajudante geral e carga e descarga foram as mais citadas pelos acolhidos, como atividades que exercem para obter renda monetária. A frequência de menções a essas atividades, no total de menções feitas pelos entrevistados, é bastante similar. Ou seja, não há predominância de nenhuma delas sobre as demais. Essas atividades são seguidas de perto pelas atividades de construção civil, catação, comércio ambulante e lavagem de carros e flanelinha. Há, também, em menor número, menções à mendicância, roubo, assalto e venda de drogas. A relação das atividades mencionadas se encerra com a menção a atividades artísticas nas ruas.

As atividades mencionadas foram agrupadas em categorias que permitissem uma melhor caracterização da natureza do trabalho exercido. Assim, foram agrupadas sob a categoria “trabalho com contratante”, todas as atividades que, de alguma forma, são solicitadas ou mediadas por alguém. Encontram-se nessa categoria as atividades de distribuição de

panfletos, serviços de limpeza/faxina, ajudante geral, carga e descarga, construção civil, comércio ambulante, vigilante. Essa categoria totalizou 63% das atividades mencionadas, sendo importante lembrar que a pergunta admitia respostas múltiplas.

As atividades de mendicância e atividades artísticas nas ruas foram agregadas, pois a contrapartida de ambas pode ser entendida como doação, com 8,5% das menções. Novamente, deve-se mencionar que a pergunta admitia respostas múltiplas, significando que à mendicância e atividades artísticas podem estar associadas outras atividades geradoras de renda. Há também um conjunto de atividades denominadas “ilícitas”, agrupando roubo, assalto e venda de drogas às quais se somou “prostituição/programa”, embora não sejam consideradas ilícitas, com 4,2%.

A atividade “catação” não foi agregada, dada a importância que assume na análise do trabalho das pessoas em situação de rua, notadamente as não acolhidas. É apresentada na Tabela 5.3. Por fim, deve-se mencionar a categoria “não faz nada para ganhar dinheiro”, com um percentual expressivo de 19,1%.

A agregação das atividades permite tecer algumas considerações. Primeiramente, há que mencionar a possibilidade de que as atividades solicitadas ou mediadas por terceiros indiquem uma forma, embora precária e informal, de relação com o mercado de trabalho. Essa integração pode significar uma condição um pouco mais favorável à participação do trabalhador em eventuais programas de trabalho que aqueles dedicados às atividades, sem nenhuma mediação.

A segunda observação diz respeito ao número de pessoas que declararam não exercer nenhuma atividade para obter renda monetária. Do total de pessoas que declararam não fazer nada para obter dinheiro, 18% encontram-se nos centros de acolhida especiais e são predominantemente do sexo masculino: 75,5%. A idade média desse grupo é de 52 anos e 64 anos para o terceiro quartil. Comparativamente à idade da população de acolhidos, é um grupo com maior presença de pessoas cuja idade encontra-se acima da média da população.

A renda monetária auferida com as atividades “por conta própria” e “bicos” são de difícil estimação, haja vista a irregularidade da frequência com que são exercidas e a variabilidade dos recebimentos, condições já comentadas. Assim, pediu-se ao entrevistado que declarasse a renda auferida no dia da entrevista (se ganhou e quanto foi) e na semana anterior, com o objetivo de minimizar os erros das estimativas. Por essas razões, os resultados merecem cautela na sua interpretação. As tabelas 5.4 e 5.5 trazem as estatísticas da renda diária e da semana anterior declaradas.

**Tabela 5.4 - Estatísticas renda auferida no dia da entrevista, atividades por conta própria e “bicos”**

Estatísticas	Reais	
Média	53,00	
Mediana	30,00	
Percentis	25	12,00
	50	30,00
	75	50,00

**Tabela 5.5 - Estatísticas renda auferida na semana anterior à entrevista, atividades por conta própria e “bicos”**

Estatísticas	Reais	
Média	202,00	
Mediana	100,00	
Percentis	25	50,00
	50	100,00
	75	200,00

As estimativas da renda semanal e declarada no dia da entrevista também foram feitas com um número reduzido de observações, razão pela qual não permite que se calcule a média da distribuição com segurança. Além do reduzido número de observações, a variabilidade da

frequência e valor dos rendimentos, já apontadas, constituem mais uma dificuldade na obtenção desse cálculo. Os dados das Tabelas 5.4 e 5.5 são apresentados apenas como referência da ordem de grandeza, sem pretensão de utilizá-los como estimativa do ganho monetário de fato auferido pelos acolhidos,

## **5.2 ATIVIDADES ANTERIORES**

No que trabalhavam as pessoas em situação de rua, antes de chegarem a elas?

A Tabela 5.6 apresenta as atividades declaradas pelo acolhidos. Mais de uma citação pode ter sido feita pelos entrevistados, levando a combinações de trabalhos em diferentes setores/atividades. Entre as atividades citadas, o maior número de menções foi para construção civil, seguida pelos serviços de limpeza, ajudante geral e comércio formal. Há menção, também, aos serviços de zeladoria, serviços de transporte, comércio ambulante e serviços administrativos. Chama atenção a menção ao trabalho rural. Prostituição é a atividade de menor frequência.

**Tabela 5.6 - Atividades anteriores à ida para a rua\***

Atividades	Sim	Não	Total	N
	%	%	%	%
Atividades da construção civil	25,8	74,2	100	99,3
Serviço de limpeza, cozinha.	17,7	82,3	100	99,3
Ajudante geral	14,5	85,5	100	99,3
Comércio formal	11,3	88,7	100	99,3
Serviço de zeladoria, porteiro, vigia.	9	91	100	99,3
Serviços de transporte	8,7	91,3	100	99,3
Comércio ambulante	8,2	91,8	100	99,3
Atividades da indústria	8	92	100	99,3
Trabalho rural	6,1	93,9	100	99,3
Serviços administrativos	5,4	94,6	100	99,3
Não trabalhava	2,8	97,2	100	99,3
Prostituição/Programa	1,5	98,5	100	99,3
Outros	35,4	64,6	100	99,3

\*Respostas múltiplas

É possível afirmar que aumentou o grau de informalidade do trabalho exercido pelos acolhidos, comparando-o com a situação anterior à chegadas nas ruas. Essa afirmação se baseia, primeiramente, na alteração da relação de atividades exercidas anteriormente e as atuais. Assim, antes de chegar às ruas, eram exercidas atividades no comércio formal, serviços de transporte, atividades no setor industrial, serviços administrativos, que não mais constam da relação atual. Algumas atividades permaneceram, como no setor de construção civil, mas com um menor percentual de menções. A Tabela 5.3 mostra a predominância, atualmente, de atividades típicas da situação de rua, como, por exemplo, a mendicância e a catação.

O crescimento da informalidade pode ser visto, também, vínculo do trabalho. A Tabela 5.1 mostra que, entre os acolhidos, aproximadamente 7% estão trabalhando com carteira de trabalho assinada. Antes de chegarem às ruas, 60% declararam ter trabalhado com vínculo

formal, como descrito na Tabela 5.7. O percentual obtido para o assalariamento formal no passado é surpreendente.

**Tabela 5.7 - Trabalhadores com carteira assinada, atividades anteriores à ida para a rua**

Trabalha com carteira assinada	%válidas
Sim	61,7
Não	38,3
Total	100,0
NR	

### **5.3 BENEFÍCIOS E PENSÕES**

Pensões e benefícios complementam a renda dos trabalhadores de forma marginal. Excetuando-se uma mais forte presença dos recebimentos dos programas Bolsa Família/Renda Mínima e Renda Cidadã, os demais benefícios são pouco presentes. Aproximadamente 40% dos entrevistados disseram não receber nenhum benefício, como atesta a Tabela 5.8.

**Tabela 5.8 - Benefícios e pensões \***

Opções	Sim	Não	Total	N
	%	%	%	%
Bolsa família/Renda Mínima/Renda Cidadã	49,1	50,9	100	100
Aposentadoria/Pensão	6,3	93,7	100	99,9
BPC (Benef. Prestação Continuada) /LOAS	5,1	94,9	100	100
Auxílio Doença (está na caixa)	0,7	99,3	100	100
Bolsa Aluguel	0,2	99,8	100	100
Seguro Desemprego	0,1	99,9	100	100
Outro.	0,8	99,2	100	100
Não recebe nenhum	40,3	59,7	100	100

\*Respostas múltiplas

#### **5.4 DESPESAS MONETÁRIAS**

As questões do bloco Trabalho e Renda terminam procurando identificar as despesas monetárias realizadas pelos moradores de rua. Em que bens dispendem a renda obtida?

Os dados da Tabela 5.11 deixa clara a alta participação de o dispêndio alimentar, (considerando-se os itens e comida, refrigerante/suco/águas) seguido da compra de cigarro e drogas. A análise da segurança alimentar foi feita no item anterior do presente relatório e completa a análise dos gastos com alimentação. As informações sobre consumo de álcool e drogas item 8, traça um retrato do consumo de drogas e álcool pela população.

**Tabela 5.9 - Itens das despesas monetárias realizadas no dia da entrevista\***

Itens de despesa	Sim	Não	Total	N
	%	%	%	%
Comida	31,7	68,3	100	99,8
Refrigerante/água/suco	21,7	78,3	100	99,8
Cigarro	21,5	78,5	100	99,8
Transporte (ônibus/metrô/trem)	9,7	90,3	100	99,8
Produtos para higiene	8,6	91,4	100	99,8
Bebida alcoólica	8,4	91,6	100	99,8
Remédios	3,3	96,7	100	99,8
Droga	3,2	96,8	100	99,8
Pensão/hotel	0,4	99,6	100	99,8
Outro	5,9	94,1	100	99,8
Não gastou nada hoje	49,2	50,8	100	99,8

\*Respostas múltiplas

## 6. SAÚDE

Os objetivos deste bloco foram basicamente dois:

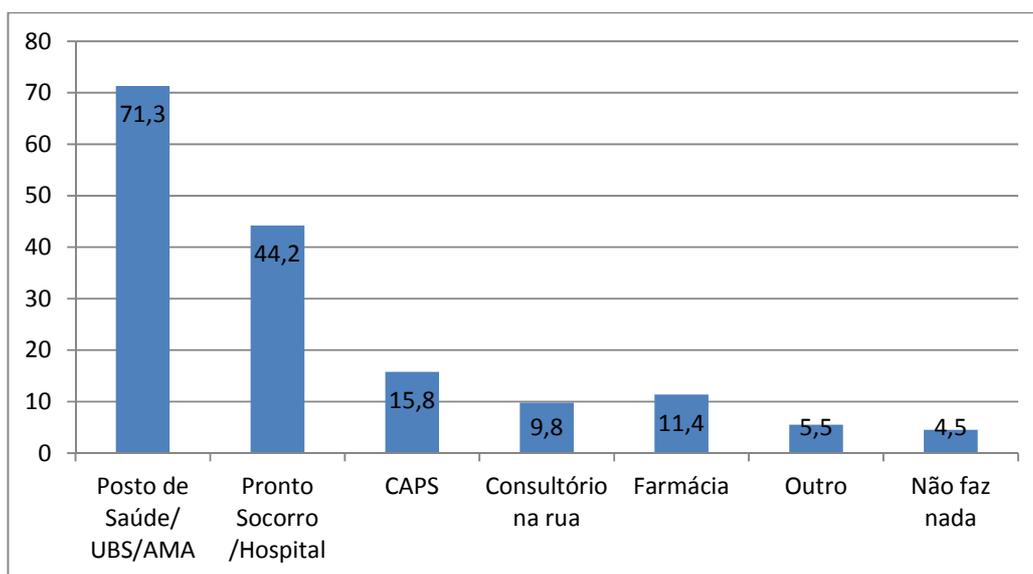
- Identificar se a população de rua está utilizando os serviços de saúde, quais são eles e quando foram utilizados pela última vez.
- Conhecer a incidência de doenças, especialmente as crônicas, na população em situação de rua em São Paulo, ainda que baseado apenas na informação dos sujeitos, de forma a subsidiar os serviços de saúde. Verificar a incidência de algumas doenças como Tuberculose, HIV, doenças de pele, que são consideradas como presentes em maior proporção na rua do que em outros ambientes.

*- Uso dos serviços de saúde*

Apenas 4% dos entrevistados afirmaram não procurar nenhum serviço em caso de problemas de saúde e 11% disseram recorrer a farmácias. O uso dos serviços surpreende, especialmente

o acesso à Atenção Básica (UBS /Posto de saúde), procurado pela grande maioria (71%) dos acolhidos. Em segundo lugar aparecem Hospitais e Pronto Socorros (44%). O acesso ao CAPs foi mencionado por 16% e o Consultório na Rua por 10%. O acesso a Farmácias foi mencionado por 11,4%, Outros por 5,5% e Não faz nada por 4,5%.

**Gráfico 6.1 - Serviços que procura para resolver problemas de saúde (%)**



Como mostra a tabela a seguir, quando se considera as faixas etárias, não há diferença significativa na procura de serviços de saúde, mas apenas pequenas variações.

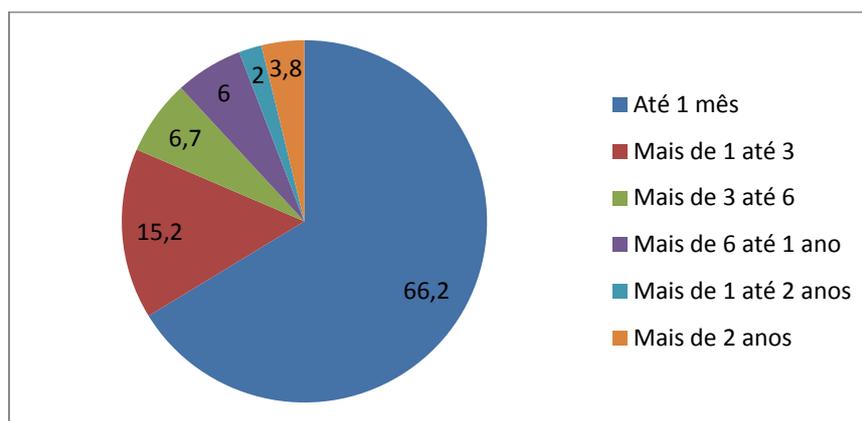
**Tabela 6.1 - O que Procura para Resolver Problemas de Saúde por faixas etárias (%)\***

Opções	Faixa etárias				Total
	Até 30 anos	31 a 40 anos	41 a 49 anos	50 ou mais	
Posto de Saúde/ UBS/AMA	68,1	68,7	69,7	76,5	<b>71,3</b>
Pronto Socorro /Hospital	48,2	45,9	42,7	41,4	<b>44,2</b>
CAPS	16,8	16,7	20,5	11,3	<b>15,8</b>
Consultório na rua	8,8	9,1	12,9	9,1	<b>9,8</b>
Farmácia	12,7	11,2	13,3	9,4	<b>11,4</b>
Outro	5,4	3,6	7,4	5,9	<b>5,5</b>
Não faz nada	5,0	6,1	4,1	3,1	<b>4,5</b>
Base de %	8123*				

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

Entre os acolhidos que procuraram os serviços de saúde, que correspondem a quase totalidade (94%), o acesso é bastante recente. 66% afirmaram ter procurado algum serviço de saúde há apenas um mês, 88% nos últimos 6 meses e 96% no último ano.

**Gráfico 6.2 - Última vez que procurou serviço de saúde (%)**



A procura dos serviços é mais recente, e provavelmente mais frequente, entre as mulheres acolhidas. 80% procuraram algum serviço há até um mês, percentual bem superior ao do grupo masculino (64%) para o mesmo período.

**Tabela 6.2 Última vez que procurou serviço de saúde por sexo (%)**

Tempo	Masc	Fem	Total
Até 1 mês	64,2	80,4	66,2
Mais de 1 até 3	16,0	10,0	15,2
Mais de 3 até 6	7,0	4,7	6,7
Mais de 6 até 1 ano	6,5	2,5	6,0
Mais de 1 até 2 anos	2,0	2,4	2,0
Mais de 2 anos	4,3	,0	3,8
Total	100,0	100,0	100,0
Base de %	7624*		

\* Inclui apenas casos válidos

Entre os mais velhos, com 50 anos e mais, a proporção dos que procuraram os serviços há até 3 meses é de 91%. Mais alta do que nas outras faixas: 83% até 30 anos; 77% de 31 a 40; 79% de 41 a 49 anos.

**Tabela 6.3 Última vez que procurou serviço de saúde por faixa etária (%)**

Tempo	Faixa etárias				Total
	Até 30 anos	31 a 40 anos	41 a 49 anos	50 anos ou mais	
Até 1 mês	65,2	62,9	67,3	68,2	66,2
Mais de 1 até 3	18,5	14,7	11,8	16,3	15,2
Mais de 3 até 6	2,5	8,4	8,0	7,1	6,7
Mais de 6 até 1 ano	9,6	6,4	5,6	3,9	6,0
Mais de 1 até 2 anos	1,9	4,1	1,2	1,1	2,0
Mais de 2 anos	2,3	3,6	6,1	3,3	3,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Base de %	7634*				

\* Inclui apenas casos válidos

*- Problemas de saúde declarados*

Para conhecer os problemas de saúde dos acolhidos foi apresentada aos entrevistados uma lista de doenças. Ainda que a informação não seja fruto de um diagnóstico médico, ela

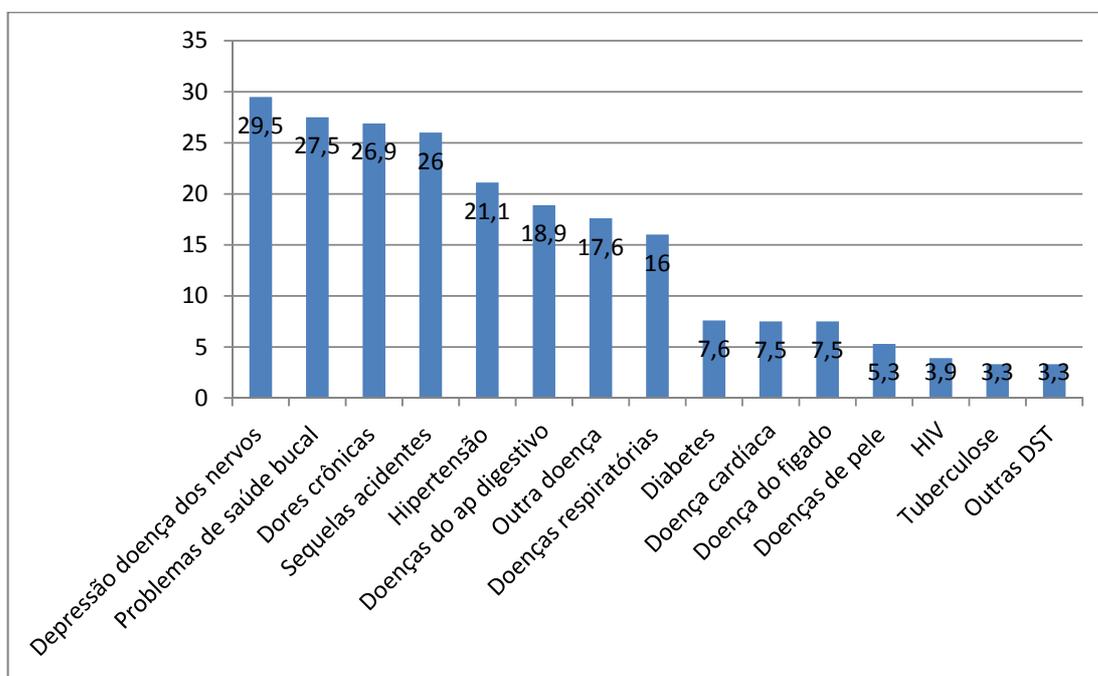
permite uma primeira aproximação dos problemas de saúde desta população. Apenas 21% dos acolhidos afirmaram não ter nenhuma doença, ou seja, 79% declararam serem portadores de um ou mais agravos de saúde.

Um primeiro grupo, com quatro problemas de saúde que mais se destacaram foi: depressão entendida também como problemas mentais (“doença dos nervos”) com 29%, problemas de saúde bucal (27%), dores crônicas (incluindo artrite/artrose, reumatismo, dor na coluna) (26%) e problemas resultantes de trauma de acidentes (26%).

Em seguida foram apontadas doenças como hipertensão (21%), doenças do aparelho digestivo (incluindo gastrite, úlcera), outras doenças não mencionadas no questionário (17%) e doenças respiratórias (asma bronquite, enfisema) com 16%.

Com menos de 10% foram citadas: diabetes (7%), problema cardíaco (7%), problema do fígado (7%), doenças de pele (5%), HIV (4%), tuberculose (3%), e outras DST (3%)

**Gráfico 6.3 - Problemas de saúde declarados (%)**



Comparando as respostas de homens e mulheres em relação aos problemas de saúde, várias doenças apresentam percentuais mais altos no grupo feminino: depressão, dores crônicas, hipertensão, doenças do aparelho digestivo e respiratório, diabetes e doença cardíaca. 17% das mulheres afirmaram não ter problemas de saúde (22% no grupo masculino) (ver tabela abaixo). Uma possibilidade de explicação da diferença talvez se deva ao fato das mulheres terem mais conhecimento de seus problemas de saúde, uma vez que procuram mais os serviços. Um agravamento de saúde em que o percentual é bem mais alto entre os homens se refere aos problemas provocados por acidentes.

**Tabela 6.4 - Problemas de Saúde declarados por sexo (%)\***

Opções	Masc	Fem	Total
Depressão/ Doença dos nervos	28,6	<b>35,7</b>	29,5
Problemas de saúde bucal (dor de dente, inflamação nas gengivas, etc.)	27,5	27,8	27,5
Dores crônicas (artrite/artrose, reumatismo, dor na coluna)	26,3	<b>31,2</b>	26,9
Problemas provocados por acidentes (atropelamento, queda, etc.)	<b>27,2</b>	18,1	26,0
Hipertensão arterial (pressão alta)	19,5	<b>32,5</b>	21,1
Doenças do ap digestivo (dor de estomago, gastrite, úlcera)	17,9	<b>25,9</b>	18,9
Outra doença:	17,8	16,6	17,6
Doenças respiratórias (asma, bronquite, enfisema)	14,9	<b>23,6</b>	16,0
Diabetes	6,3	<b>17,2</b>	7,6
Doença cardíaca (sofre do coração)	6,6	<b>13,8</b>	7,5
Doença do fígado (hepatite/etc)	<b>8,1</b>	3,8	7,5
Doenças de pele (herpes, hanseníase, vitiligo, sarna...)	5,5	4,0	5,3
HIV (AIDS)	<b>4,0</b>	3,2	3,9
Tuberculose	<b>3,6</b>	1,7	3,3
Outras DST – doença sexualmente transmissível	3,3	3,8	3,3
Nenhuma doença	21,6	17,2	21,0
Base de %	8117		

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

Em relação às faixas etárias há também especificidades entre os acolhidos mais velhos (com 50 anos ou mais) em relação aos problemas de saúde. Neste grupo os percentuais relativos à hipertensão, diabetes e dores crônicas são bem maiores do que os encontrados para o total de acolhidos (ver tabela abaixo). Alguns outros são ligeiramente mais altos: depressão, problemas provocados por acidentes e problemas hepáticos.

**Tabela 6.5 - Problemas de Saúde declarados para os com 50 anos ou mais (%)\***

Opções	50 anos ou mais	Total
Depressão/ Doença dos nervos	<b>32,5</b>	29,5
Problemas de saúde bucal (dor de dente, inflamação nas gengivas, etc.)	23,3	27,5
Dores crônicas (artrite/artrose, reumatismo, dor na coluna)	<b>38,8</b>	26,9
Problemas provocados por acidentes (atropelamento, queda, etc.)	<b>32,4</b>	26
Hipertensão arterial (pressão alta)	<b>39,3</b>	21,1
Doenças do ap digestivo (dor de estomago, gastrite, úlcera)	19,8	18,9
Outra doença:	17	17,6
Doenças respiratórias (asma, bronquite, enfisema)	14,2	16
Diabetes	<b>15,7</b>	7,6
Doença cardíaca (sofre do coração)	10,6	7,5
Doença do fígado (hepatite/etc)	<b>11,8</b>	7,5
Doenças de pele (herpes, hanseníase, vitiligo, sarna...)	4,5	5,3
HIV (AIDS)	2,6	3,9
Tuberculose	3,5	3,3
Outras DST – doença sexualmente transmissível	1,5	3,3
Base de %	<b>8115</b>	

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

Em relação à Tuberculose e HIV não se pode afirmar que o índice encontrado na pesquisa seja efetivamente o que exista na população em situação de rua. No entanto, o fato de ser

declarado pelos próprios entrevistados faz supor que foram diagnosticados com exames médicos para fazer tal afirmação. Esta situação permite levantar duas hipóteses. A primeira é que parte da população de rua esteja tendo acesso ao diagnóstico em relação a estas doenças. Segundo que o índice encontrado esteja subestimado, uma vez que se está tendo como base apenas a declaração dos entrevistados. De qualquer forma a proporção de pessoas identificadas como portadoras de HIV (4%) é muito superior a da população total (0,6%) e semelhante a encontrada entre os grupos de risco (aproximadamente 4%)<sup>4</sup>.

Um dado importante referente à prevenção de HIV e DST é o uso de preservativo.

Metade dos acolhidos afirmou usar sempre preservativo nas relações sexuais. 17,0% disseram nunca usar e 19% usar às vezes. Deve-se ter em conta que 14% afirmaram não fazer sexo. Considerando apenas os que têm prática sexual a proporção dos que usam sempre preservativos passa a ser de 58% e dos que não usam nunca de 20%.

**Tabela 6.6 - Uso de Preservativo/Camisinha**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sempre	4.059	49,8	50,0
Às vezes	1.513	18,6	18,6
Não usa	1.382	17,0	17,0
Não faz sexo	1.163	14,3	14,3
Total - válidos	8.117	99,6	100,0
NR	30	0,4	
Total	8.147	100,0	

Chama à atenção a proporção de mulheres que não usam preservativo. Entre as mulheres que declararam fazer sexo 53% afirmaram nunca usar preservativo e apenas 25% usar sempre. Este comportamento as torna extremamente vulneráveis do ponto de vista da exposição a doenças sexualmente transmissíveis.

<sup>4</sup> Ver: Prevalência e vulnerabilidade à infecção pelo HIV de moradores de rua em São Paulo. Revista Saúde Pública, 2012, vol 46, n° 4, p 674-684. Nesta pesquisa, realizada em 2006/2007 em Centros de acolhida com amostra não probabilística e com teste anti HIV, a prevalência do HIV foi 4,9%.

**Tabela 6.7 - Uso de Preservativo/Camisinha por sexo (para os que fazem sexo)\***

Resposta	Masc	Fem	Total
Sempre	62,0	25,4	58,3
Às vezes	22,0	21	21,7
Não usa	16,0	53,6	20,0
Total	100,0		100,0
Base do %		6944	

(\* ) Inclui apenas casos válidos e exclui os que não fazem sexo

Entre os que afirmaram serem portadores de HIV e que fazem sexo, apenas 64% declararam usar sempre preservativos nas relações, e entre os do grupo LGBT apenas 50%. Nos dois casos não é possível fazer afirmações para o conjunto destes grupos na população de rua uma vez que os portadores de HIV correspondem a apenas 4% e o grupo LGBT a 8%. No entanto estas informações podem dar pistas sobre o comportamento destes grupos.

No grupo LGBT entrevistado os agravos de saúde são significativamente maiores: 7% declararam ter tuberculose, 13% DSTs e 20% serem portadores de HIV. No entanto, este grupo tem recorrido aos serviços de saúde em uma proporção maior do que o conjunto dos acolhidos. Apenas 1% não procuraram nenhum serviço de saúde. Entre os demais, 84% declararam ter procurado a UBS, 15% o Consultório na rua, 28% o CAPs. 85% procuraram os serviços há um mês e 96% há até 3 meses.

## 7. DEFICIÊNCIAS FÍSICAS

O objetivo deste bloco foi identificar a proporção de deficientes visuais, auditivos e os com deficiência de mobilidade na população em situação de rua. Estas pessoas necessitam atendimentos especiais e têm direito a benefícios. Pretende-se também conhecer a proporção de cadeirantes, para quem o atendimento requer condições especiais.

É necessário examinar com cuidado os resultados referentes aos deficientes visuais e auditivos, tendo em vista que é a primeira vez que se procura levantar dados sobre deficiências a população em situação de rua. A formulação das perguntas seguiu o modelo do IBGE, sobre deficiência visual e auditiva.

Em relação à deficiência visual 89% declararam não ter nenhuma dificuldade para enxergar, ou seja, 11% possuem alguma dificuldade sendo que 2% não consegue enxergar de modo algum, 5% têm cegueira de um olho e visão reduzida no outro e 4% cegueira de um olho, mas enxerga bem com o outro.

**Tabela 7.1 - Deficiência Visual**

	Frequência	%	% válidas
Sim, não consegue de modo algum.	156	1,9	1,9
Sim, tem cegueira de um olho e visão reduzida no outro	405	5,0	5,0
Sim, tem cegueira de um olho mas enxerga bem com o outro	341	4,2	4,3
Não, nenhuma dificuldade.	7.115	87,3	88,8
Total - válidos	8.017	98,4	100,0
NR	130	1,6	
Total	8.147	100,0	

Em relação à audição a proporção é a mesma da encontrada em relação à visão, 88% declararam não ter dificuldade permanente para ouvir. Entre os 12% que apontaram alguma dificuldade 4,4% tem audição reduzida nos dois ouvidos, 2% são surdos de um ouvido e ouvem pouco com o outro 6% são surdos de um ouvido, mas ouvem bem com o outro.

**Tabela 7.2 - Deficiência auditiva**

	Frequência	%	% válidas
Sim, tem audição reduzida nos dois ouvidos	356	4,4	4,4
Sim, é surdo de um ouvido e ouve pouco com o outro	167	2,0	2,0
Sim, é surdo de um ouvido mas ouve bem com o outro	456	5,6	5,6
Não, nenhuma dificuldade.	7.165	87,9	88,0
Total – válidos	8.145	100,0	100,0
NR	2	0,0	
Total	8.147	100,0	

Em relação à deficiência de mobilidade foi perguntado se o entrevistado tinha alguma dificuldade para caminhar ou subir degraus. 78% disseram não ter nenhuma dificuldade. 1%

declarou não conseguir caminhar de modo algum, 8% caminhar com grande dificuldade e 14% com alguma dificuldade.

**Tabela 7.3 - Deficiência motora**

	Frequência	%	% válidas
Sim, não consegue de modo algum	80	1,0	1,0
Sim, tem grande dificuldade	541	6,6	6,7
Sim, tem alguma dificuldade	1.147	14,1	14,1
Não, nenhuma dificuldade	6.366	78,1	78,3
Total – válidos	8.134	99,8	100,0
NR	13	0,2	
Total	8.147	100,0	

São cadeirantes 2% dos acolhidos, o que corresponde a aproximadamente 180 pessoas.

**Tabela 7.4 – Cadeirantes**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sim	173	2,1	2,1
Não	7.869	96,6	97,9
Total	8.042	98,7	100,0
NR	105	1,3	
Total	8.147	100,0	

## 8. USO DE ÁLCOOL E DROGAS

O objetivo deste bloco foi o de conhecer a incidência do uso de álcool e/ou drogas na população em situação de rua, a frequência de uso e os tipos de substâncias utilizadas.

Procurou-se ainda conhecer se o uso de substâncias precedeu ou não a ida para rua.

### *- Uso de álcool e drogas*

Mais da metade dos acolhidos (54%) declarou fazer uso atualmente de substâncias psicoativas (álcool e/ou drogas).

A substância mais utilizada é o álcool, declarada por 45% dos acolhidos. Os que afirmaram fazer uso de drogas foram 29%. Deve-se observar que 19% informaram fazer uso tanto de álcool como de drogas.

**Tabela 8.1 - Uso de Álcool e Drogas**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Não usa	3.721	45,7	45,7
Apenas álcool	2.084	25,6	25,6
Apenas drogas	782	9,6	9,6
Álcool e drogas	1.548	19,0	19,0
Total	8.134	99,8	100,0
NR	13	0,2	
Total	8.147	100,0	

O uso de álcool e drogas ilícitas é bem maior entre os homens do que no grupo feminino. 72% das mulheres acolhidas não usam nem álcool nem drogas enquanto que apenas 42% dos homens declararam não fazer uso.

**Tabela 8.2 - Uso de Álcool e Drogas por sexo (%)\***

Resposta	Masc	Fem	Total
Não usa	42,0	72,0	45,8
Usa álcool	48,0	20,9	44,6
Usa drogas ilícitas	29,9	20,3	28,7
Base do %		8.133	

(\*) Inclui apenas casos válidos

Ao separar no grupo dos acolhidos os participantes do programa De Braços Abertos, observa-se alterações nas proporções de usuários de álcool e drogas, especialmente no grupo feminino, uma vez que neste programa 100% são usuários.

Considerando os acolhidos dos CA, CAEs e Repúblicas o percentual de mulheres não usuárias sobe para 81%. As que usam álcool são 15% e as que usam drogas ilícitas apenas 11%.

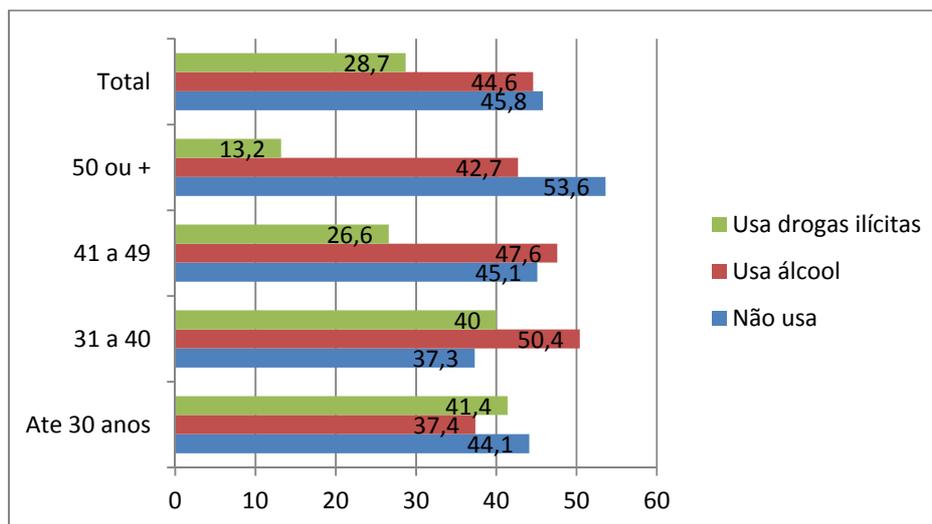
**Tabela 8.3 - Uso de Álcool e Drogas por tipo de serviço e sexo (%)\***

Resposta	CA, CAE, REP			DBA		
	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total
Não usa	43,7	<b>81,4</b>	45,8	0	<b>0</b>	0
Usa álcool	46,9	<b>15,5</b>	43,2	74,7	<b>63,3</b>	71,2
Usa drogas ilícitas	27,3	<b>10,9</b>	25,4	93,8	<b>92,4</b>	93,3
Base do %		7733			389	

(\*) Inclui apenas casos válidos

A comparação de grupos etários em relação ao uso de álcool e drogas mostra que especialmente em relação às drogas ilícitas o consumo é bastante significativo nas faixas etárias mais baixas (41% entre os que têm até 30 anos e 40% entre 31 e 40 anos) e vai diminuindo conforme aumenta a idade, sendo apenas 13% entre os que têm 50 anos ou mais. O mesmo não ocorre com o álcool em que a proporção de uso está presente de forma significativa nas diferentes faixas etárias, muitas vezes combinado com o uso das drogas ilícitas.

**Gráfico 8.1 - Uso de Álcool e Drogas por faixa etária (%)**



**Tabela 8.4 - Uso de Álcool e Drogas por faixa etária (%)\***

Resposta	Faixa etária				Total
	Até 30	31 a 40	41 a 49	50 ou mais	
Não usa	44,1	37,3	45,1	53,6	45,8
Usa álcool	37,4	50,4	47,6	42,7	44,6
Usa drogas ilícitas	41,4	40,0	26,6	13,2	28,7
Base do %	8.133				

(\*) Inclui apenas casos válidos

*- Frequência do uso de álcool e drogas*

Em relação à frequência do uso do álcool 64% declararam fazê-lo toda semana sendo que 23% todos os dias. 36% disseram fazer uso menos do que uma vez por semana.

**Tabela 8.5 - Frequência de Uso de Álcool**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Todos os dias	808	9,9	23,3
Alguns dias por semana.	1.417	17,4	40,8
Menos de uma vez por semana	1.247	15,3	35,9
Total – válidos	3.472	42,6	100,0
NR	4.675	57,4	
Total	8.147	100,0	

Em relação ao uso de drogas ilícitas 71% declararam fazer uso toda semana sendo que 34% todos os dias. 29% declararam fazer uso menos do que uma vez por semana.

**Tabela 8.6 - Frequência de Uso das Drogas**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Todos os dias	707	8,7	34,1
Alguns dias por semana.	768	9,4	37,0
Menos de uma vez por semana	598	7,3	28,9
Total – válidos	2.073	25,4	100,0
NR	6.074	74,6	
Total	8.147	100,0	

Os dados sobre frequência podem indicar que nem todos os que usam álcool e/ou drogas são necessariamente dependentes químicos.

Em relação ao uso do crack foi perguntado quantas pedras eram consumidas por dia de uso. O número médio foi 9 pedras por dia sendo a mediana 5 e a moda 2.

**Tabela 8.7 - Pedras de Crack Consumidas por Dia**

N	898
Média	9
Mediana	5
Moda	2
Percentil - 25%	2
Percentil - 50%	5
Percentil - 75%	10

Em relação aos usuários de drogas ilícitas há algumas diferenças em relação à situação de saúde e uso de serviços quando comparada com o conjunto. A proporção dos que afirmaram serem portadores de HIV é maior (5,8%) neste grupo. O uso de camisinha sempre é ligeiramente inferior ao conjunto. Em relação aos serviços de saúde a proporção dos que recorrerem ao CAPs e Consultório na rua é bem maior que a encontrada para o conjunto dos acolhidos.

**Tabela 8.8 Aspectos da Situação de Saúde e uso de serviços para usuários de drogas ilícitas e total de acolhidos (%)\***

Resposta	Usuários de drogas ilícitas	Total de acolhidos
Portador de HIV	5,8	3,9
Uso de camisinha sempre	48,2	50,0
Uso do CAP	23,6	15,6
Cons Rua	14,8	9,8
Base de %	2330	8147

(\*) Inclui apenas casos válidos

*- Uso de álcool e drogas antes de depois de estar em situação de rua*

Foi perguntado aos acolhidos sobre o uso de álcool e drogas antes de ir para rua. O resultado surpreende porque o uso era significativamente mais alto anteriormente, quando 75% afirmaram fazer uso de álcool e/ou drogas, sendo que 65% usavam álcool e 48% drogas<sup>5</sup>.

O que explicaria a mudança em 22% dos acolhidos que teriam deixado de usar qualquer substância psicoativa? Uma das hipóteses é que os entrevistados tenham omitido o uso atual pelo fato de estarem sendo entrevistados nos centros de acolhida e temerem punições da instituição. Outra possibilidade é que tenham usado álcool e ou drogas em outros momentos da vida de forma esporádica, ou ainda, que tenham deixado de usar em função de tratamentos ou temporariamente. De qualquer forma a diferença de mais de 20% levanta indagações sobre a veracidade das informações.

**Tabela 8.9 -Uso Anterior de Álcool e Droga**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Não usava	1.997	24,5	24,6
Apenas álcool	2.239	27,5	27,6
Apenas drogas	829	10,2	10,2
Álcool e drogas	3.058	37,5	37,6
Total	8.123	99,7	100,0
NR	24	0,3	
Total	8.147	100,0	

Em relação ao uso de drogas ilícitas destaca-se um grupo que já era usuário antes de ir para rua. Destes, 54% declararam que continuam usando atualmente e 46% que deixaram de usar. Em relação ao grupo que não usava drogas antes de ir para rua, apenas 5% afirmaram que passaram a fazer uso depois de estar em situação de rua.

<sup>5</sup> Em pesquisa realizada nos albergues de São Paulo em 2006, a metade dos albergados declarou ter feito uso continuado de álcool durante a vida e 24% afirmam ter usado drogas.

**Tabela 8.10 - Uso de Drogas Ilícitas Antes e Depois da Ida para a Rua (%)\***

Era usuário de droga ilícita	É usuário de droga ilícita		Total
	sim	não	
Sim	54,3	45,7	100,0
Não	4,9	95,1	100,0
Total	28,6	71,4	100,0
Base de %	8110		

*- Tipo de substância utilizada*

Em relação ao tipo de droga utilizada tem-se, em primeiro lugar, o álcool, consumido por quase metade dos acolhidos (45%). Um segundo grupo, que vem em seguida, inclui a maconha (19%), o crack (12%) e a cocaína (11%). São pouco expressivos os inalantes (cola, tinner, benzina, etc.) 1% e outras substâncias (0,4%). O cigarro é utilizado por 54% dos acolhidos.

**Tabela 8.11 - Substâncias Utilizadas Atualmente (%)\***

Opções		
	Freq.	%
Cigarro	4.406	54,2
Bebida alcoólica (cachaça, cerveja, uísque)	3.631	44,6
Maconha	1.526	18,8
Crack	972	11,9
Cocaína (pó)	888	10,9
Inalantes (Cola, tinner, benzina, etc)	120	1,5
Outra substância	33	0,4
Não usa nenhuma	2.282	28,1
Base de %	8147	

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

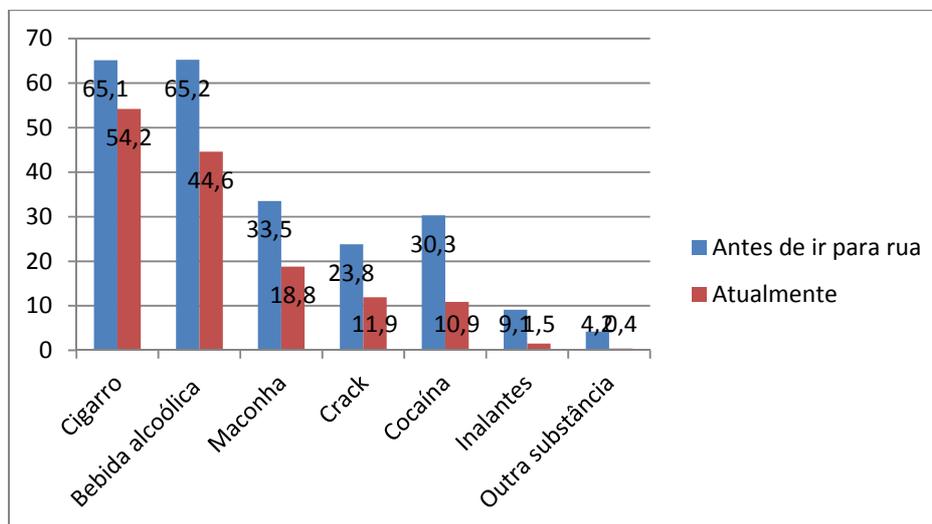
A comparação do uso das substâncias, antes e depois de estar em situação de rua, revela um decréscimo significativo no uso de todas elas, inclusive o cigarro.

**Tabela 8.12 - Substâncias Utilizadas Antes de Ir para a Rua (%)\***

Opções		
	Freq.	%
Cigarro	5.291	65,1
Bebida alcoólica (cachaça, cerveja, uísque)	5.297	65,2
Maconha	2.720	33,5
Crack	1.935	23,8
Cocaína (pó)	2.461	30,3
Inalantes (Cola, tinner, benzina, etc.)	740	9,1
Outra substância	345	4,2
Não usava nenhuma	1.280	15,8
Base de %	8147	

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

**Gráfico 8.2 - Substâncias utilizadas pelos acolhidos antes de ir para a rua e atualmente (%)**

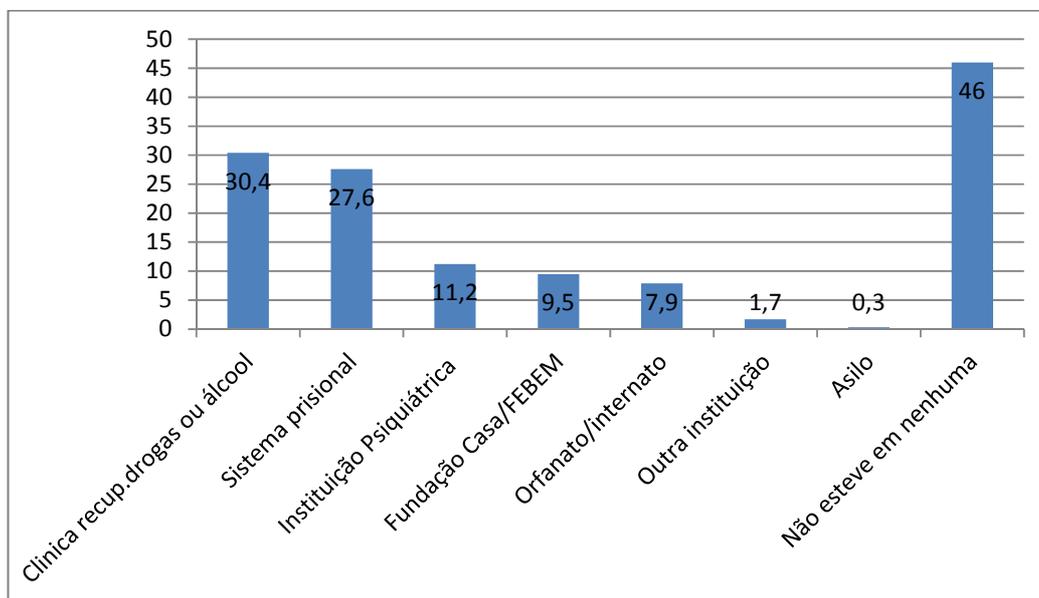


## 9. INTERNAÇÃO EM INSTITUIÇÕES

O objetivo deste bloco foi identificar a experiência institucional da População em situação de rua, considerando especialmente o sistema prisional, as instituições de internação de saúde mental e clínicas de recuperação de dependência de álcool e drogas e a internação de crianças e adolescentes.

Mais da metade dos acolhidos (54%) passou por alguma das instituições mencionadas. As que mais se destacaram foram as clínicas de recuperação de dependência de drogas ou álcool, com 30% e o sistema prisional por onde passaram 28% dos acolhidos. 11% estiveram em instituições psiquiátricas e 10% foram internos na Fundação Casa. Considerando também os que estiveram em orfanatos tem-se que 14% tiveram histórico institucional de internação na infância/adolescência.

Gráfico 9.1 - Internação em instituições (%)



Ter passado por instituições parece ser um indicativo do perfil das gerações mais novas da população em situação de rua. O histórico de internação é mais frequente entre os mais jovens

atingindo 63% e 65% nas faixas de até 30 anos e de 31 a 40 respectivamente. Entre os com 50 anos e mais apenas 37% declararam ter sido internado em alguma instituição.

**Tabela 9.1 - Internações em Instituições por faixas etárias (%)\***

Instituições	Faixas etárias				Total
	Até 30	31 a 40	41 a 49	50 e +	
Esteve em alguma instituição	<b>63,1</b>	<b>65,1</b>	<b>57,1</b>	<b>36,6</b>	<b>53,7</b>
Clínica recup. drogas ou álcool	36,5	39,5	36,2	15,8	30,5
Sistema prisional	30,2	38,1	29,6	16	27,5
Instituição Psiquiátrica	9,8	9,4	13,1	11,9	11,1
Fundação Casa/FEBEM	14,9	12,5	6,6	5,3	9,4
Orfanato/internato	14	7,6	4,1	6,6	7,8
Outra instituição	2,5	2,5	0,8	1,2	1,7
Asilo	0	0,6	0	0,3	0,2
Não esteve em nenhuma	<b>36,9</b>	<b>34,9</b>	<b>42,9</b>	<b>63,4</b>	<b>46,3</b>
Base de %	8147				

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

## 10. ORIENTAÇÃO SEXUAL

Este é um tema novo introduzido nesta pesquisa, com o objetivo de verificar a proporção de pessoas com diferentes orientações sexuais nessa população. Em se tratando de assunto ainda considerado de difícil abordagem, foram formuladas duas questões. A primeira, com a intenção de introduzir o assunto de forma natural serviu para efetuar o levantamento de quantos fazem sexo seguro, usando preservativo, e de quantos não fazem sexo. Constatou-se que 14% não fazem sexo e que 20% o fazem sem usar preservativo. Este item foi tratado na análise de saúde, dada a pertinência do assunto.

A segunda pergunta, referente à orientação sexual visava conhecer a proporção das pessoas em situação de rua que constituem as minorias que, via de regra, são discriminadas ou sofrem abusos nas ruas e nas instituições, em evidente desrespeito à liberdade individual e aos direitos humanos. Outro problema que levou à formulação da questão é a presença, nos

serviços de acolhida, daqueles que não se identificam com o sexo biológico e muitas vezes não são respeitados em sua orientação sexual.

A pergunta foi formulada de forma simples, para saber se o entrevistado se considera heterossexual, homossexual, bissexual ou transexual. Para muitos dos entrevistados, a pergunta causou estranheza e foi necessário explicar o significado dos termos utilizados.

Entre os acolhidos, a grande maioria (93%) afirmou considerar-se heterossexual. Os demais constituem uma minoria em que 4% se declararam homossexuais, 2% bissexuais e 1%, transexuais.

**Tabela 10.1 - Orientação Sexual dos Acolhidos**

Orientação sexual	Frequência	%	% válidas
Heterossexual	7.544	92,6	93,2
Homossexual /gay/lésbica	314	3,9	3,9
Bissexual	119	1,5	1,5
Transexual	90	1,1	1,1
Outro	27	0,3	0,3
Total - válidos	8.094	99,3	100,0
NR	53	0,7	
Total	8.147	100,0	

A distribuição dos acolhidos de diferentes orientações sexuais por faixa etária revela um aspecto interessante. Os heterossexuais são, em sua maioria (56%), pessoas com mais de 40 anos de idade sendo que a maior proporção está na faixa de 50 anos e mais (33,6%). Entre as chamadas minorias, 75% dos homossexuais se concentram nas duas primeiras faixas etárias, com maior proporção no grupo mais jovem, de até 30 anos.

Os bissexuais e os transexuais também apresentam maior proporção nas duas primeiras faixas etárias com, respectivamente 58% e 90%. Portanto, é entre os adultos mais jovens que se observa uma maior diversidade de orientação sexual (Tabela 10.2).

**Tabela 10.2 - Orientação sexual por faixa etária**

Orientação sexual	Faixa etária				Total
	Até 30 anos	31 a 40	41 a 49	50 ou mais	
Heterossexual	1421	1891	1686	2533	7531
	18,9%	25,1%	22,4%	33,6%	100,0%
Homossexual	124	112	35	43	314
	39,5%	35,7%	11,1%	13,7%	100,0%
Bissexual	37	32	33	18	120
	30,8%	26,7%	27,5%	15,0%	100,0%
Transexual	41	40	0	9	90
	45,6%	44,4%	0,0%	10,0%	100,0%
Outro	0	13	0	14	27
	0,0%	48,1%	0,0%	51,9%	100,0%
Total	1623	2088	1754	2617	8082
	20,1%	25,8%	21,7%	32,4%	100,0%

Em relação à população masculina e feminina, não se observa nenhuma diferença de orientação sexual. A grande maioria, de ambos os sexos, apresenta a mesma proporção de pessoas heterossexuais e entre as demais orientações, ainda que em proporções muito baixas, não há diferença de gênero.

**Tabela 10.3 – Orientação sexual do acolhido por sexo**

Orientação sexual	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Heterossexual	6581 93,0%	952 94,3%	7533 93,2%
Homossexual	275 3,9%	39 3,9%	314 3,9%
Bissexual	110 1,6%	9 ,9%	119 1,5%
Transexual	80 1,1%	10 1,0%	90 1,1%
Outro	27 ,4%	0 0,0%	27 ,3%
<b>Total</b>	<b>7073</b> <b>100,0%</b>	<b>1010</b> <b>100,0%</b>	<b>8083</b> <b>100,0%</b>

## 11. CIDADANIA

O tema cidadania refere-se aos direitos sociais, políticos e econômicos que conferem uma vida digna às pessoas. Em relação à população em situação de rua, foram levantados alguns dados referentes à posse de documentos, o impedimento de livre acesso a determinados locais, a violência sofrida na rua e a participação em movimentos sociais, cujos resultados são apresentados a seguir.

### 11.1 POSSE DE DOCUMENTOS

A posse de documentos é uma informação importante, considerando que sem documentos de identificação, a pessoa inexistente como cidadão, encontrando dificuldades para ter acesso a serviços e benefícios, abertura de conta bancária e emprego.

Entre os acolhidos, a grande maioria (98%) possui pelo menos um dos documentos listados no questionário e apenas 2% declararam não possuir nenhum deles (Tabela 11.1).

**Tabela 11.1 - Acolhidos que Possuem ao Menos um Documento**

Possui ao menos um documento	Frequência	%	% válidas
Não possui	198	2,4	2,4
Possui	7.900	97,0	97,6
Total	8.099	99,4	100,0
NR	48	0,6	
Total	8.147	100,0	

Entre os que possuem, cabe verificar qual ou quais são esses documentos. O levantamento efetuado verificou a proporção de pessoas que possuem cada um dos documentos listados, tendo-se constatado que a maioria possui um dos principais documentos: certidão de nascimento (68%), carteira de identidade (92%), carteira de trabalho (81%), título de eleitor (73%) e CPF (89%).

Pouco mais de 19% possuem a Carteira de Motorista (CNH) que traz os números dos demais documentos (RG e CPF) e o nome dos genitores servindo, portanto, como documento de identificação. Foram encontrados 3% de estrangeiros com carteira modelo 19 (RNE) e 10% de acolhidos que possuem passaporte.

**Tabela 11.2 - Documentos que os Acolhidos Possuem\***

Documentos que possui	Freq	%
Certidão de Nascimento	5.513	68,1
Carteira de Identidade	7.408	91,5
Carteira de Trabalho	6.549	80,9
Título de Eleitor	5.928	73,2
Carteira de motorista	1.557	19,2
CPF	7.211	89,0
Carteira Modelo 19	222	2,7
Passaporte	778	9,6
Base de porcentagem	8099	

(\*) Respostas múltiplas. Apenas respostas válidas

Foi também identificada a proporção dos que possuem um conjunto de 4 documentos considerados mais importantes para o exercício da cidadania: a carteira de identidade, o CPF,

a carteira de trabalho e o título de eleitor. Conforme dados da Tabela 11.3, quase 64% dos acolhidos possuem todos esses documentos; 75% não possuem o título de eleitor e 96% possuem apenas 1 desses documentos.

**Tabela 11.3 - Posse dos Principais Documentos\***

Documentos que possui	Freq.	%
CI, CPF, CT e TE	5153	63,6%
CI, CPF e CT	6045	74,6%
CI ou CPF ou CT ou TE	7802	96,3%
Base de porcentagem	8099	

(\*) Respostas múltiplas. Apenas dados válidos

Em relação aos acolhidos que possuem os quatro principais documentos, foram identificadas suas características quanto à faixa etária, sexo e cor. Tomando por base o total de pessoas de cada faixa etária, constata-se que em todas, a proporção dos que possuem os quatro principais documentos é maior do que a dos que não possuem. Nas duas primeiras faixas etárias, essa diferença é menor do que nas demais, valendo destacar o grupo de 41 a 49 anos, e o de 50 anos e mais, com respectivamente 72% e 65% de pessoas que possuem esses quatro tipos de documento (Tabela 11.4).

**Tabela 11.4 – Posse de quatro documentos por faixa etária**

Faixa etária	Possui RG, CPF, Título de Eleitor e Carteira de Trabalho		Total
	Sim	Não	
Até 30 anos	930 57,5%	686 42,5%	1616 100,0%
31 a 40	1248 59,5%	849 40,5%	2097 100,0%
41 a 49	1264 72,1%	488 27,9%	1752 100,0%
50 ou mais	1699 64,8%	923 35,2%	2622 100,0%
Total	5141 63,6%	2946 36,4%	8087 100,0%

Em relação ao sexo, observa-se na Tabela 11.5, que entre os homens acolhidos, quase 66% possuem os quatro documentos mais importantes ainda que seja elevada a proporção dos que não possuem (34%). Mas entre as mulheres, praticamente a metade possui e pouco mais de 50% não possuem, uma proporção bem mais elevada que a do segmento masculino.

**Tabela 11.5- Posse de quatro documentos por sexo**

Possui CI, CPF, Título de Eleitor e Carteira de Trabalho	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Sim	4648 65,6%	495 49,5%	5143 63,6%
Não	2440 34,4%	506 50,5%	2946 36,4%
Total	7088 100,0%	1001 100,0%	8089 100,0%

Em relação à cor, a proporção de brancos que possuem os 4 documentos é ligeiramente maior que a dos não brancos na mesma condição, registrando uma diferença da ordem de 5%. Essa mesma diferença se observa entre os que não possuem todos esses documentos, mas em maior proporção entre os não brancos, conforme dados da Tabela 11.6. Apesar dessa

pequena diferença, ainda é expressiva a proporção dos que não possuem esses 4 documentos, com pouco mais de 33% entre os branco e quase 38% entre os não brancos.

**Tabela 11.6- Posse de quatro documentos por cor**

Possui CI, CPF, Título de Eleitor e Carteira de Trabalho	Cor		Total
	Branca	Não branca	
Sim	1624	3494	5118
	66,9%	62,5%	63,9%
Não	803	2093	2896
	33,1%	37,5%	36,1%
Total	2427	5587	8014
	100,0%	100,0%	100,0%

## 11.2 DISCRIMINAÇÃO SOFRIDA PELAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Muitos locais de acesso ao público em geral, como bares, restaurantes, bancos, órgãos e serviços públicos costumam impedir a entrada de pessoas em situação de rua, em flagrante desrespeito aos direitos humanos. Trata-se de uma violência moral, porque submete essas pessoas a uma grande humilhação e constrangimento ao serem tratadas como indesejáveis nesses espaços de livre acesso ao público em geral.

No levantamento feito, 75% informaram que nunca foram impedidos de entrar nos lugares mencionados. Entretanto, quase 14% foram proibidos de entrar em restaurantes/bares, pouco mais de 9% foram barrados na entrada de shopping, quase 10% não tiveram acesso ao transporte coletivo e 8% não tiveram acesso a bancos. Ainda que em proporção menor, muitos acolhidos foram impedidos de entrar em órgãos públicos (6%), em serviços de saúde (3%) e de assistência social (3%), o que é absolutamente injustificável, porque são serviços aos quais normalmente devem recorrer. (Tabela 11.7).

**Tabela 11.7 - Locais em que os Acolhidos foram impedidos de entrar\***

Locais em que foi impedido de entrar	Freq.	%
Shopping,	762	9,4
Restaurante/bares	1.106	13,6
Banco	633	7,8
Órgãos públicos	500	6,1
Serviços de saúde	248	3
Serviços de assistência social	217	2,7
Transporte coletivo (metrô/ônibus/trem)	772	9,5
Outro local	212	2,6
Nunca foi impedido de entrar nesses lugares	6.095	74,8
Base de porcentagem	8.147	

\*Respostas múltiplas

### 11.3 OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA

Além da humilhação e discriminação, outros tipos de violência moral e física são praticados contra a população em situação de rua, como se já não bastasse o sofrimento da própria condição de pessoa sem moradia, sem trabalho e renda regular e sem família.

A forma de violência que ocorreu em maior proporção contra essa população foi o roubo/furto de seus pertences, com pouco mais de 59%, seguida da agressão verbal, na forma de xingamento, ofensa e humilhação que foi sofrida por 55% dos acolhidos. Dentre os vários tipos de violência física, o espancamento e luta corporal atingiu pouco mais de 37% enquanto a tentativa de homicídio com tiro, facada, queimadura ocorreu com pouco mais de 16% dos acolhidos, proporção menor do que a de vítimas de remoção forçada do local em que costuma ficar, que foi da ordem de 25%. Dentre o elenco de violências, o abuso e/ou violência sexual foi a menos cometida contra essa população, cujas vítimas foram pouco mais de 4%. Como é muito frequente as pessoas em situação de rua sofrerem mais de um tipo de violência, as respostas são de múltipla escolha (Tabela 11.8).

**Tabela 11.8 - Violência Sofrida pelos Acolhidos\***

Tipos de violência	Sim		Não		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Agressão verbal	4.489	55,2	3.647	44,8	8.137	100,0
Agressão física	3.055	37,5	5.082	62,5	8.137	100,0
Tentativa de homicídio	1.318	16,2	6.806	83,8	8.124	100,0
Abuso/violência sexual	343	4,2	7.748	95,8	8.091	100,0
Roubo/furtos	4.824	59,4	3.304	40,6	8.128	100,0
Remoção forçada	1.992	24,6	6.100	75,4	8.093	100,0

\*Respostas múltiplas considerando apenas as válidas.

#### 11.4 AGENTES DA VIOLÊNCIA

Em relação aos autores dos diversos tipos de violência contra a população em situação de rua, foram incluídos nesta pesquisa, dois novos agentes: o traficante e outros agentes públicos, especificamente a limpeza urbana e o cata bagulho. Estes, em função da prática quase rotineira de remoção da população dos locais em que costumam permanecer e aquele, em decorrência da presença cada vez maior do consumo de drogas nas ruas.

A Tabela 11.9 apresenta os agentes agressores, por tipo de violência. Como vários desses agentes podem ter praticado o mesmo tipo de violência contra as pessoas, a questão permite respostas múltiplas. Assim, os valores apresentados correspondem ao percentual de pessoas que sofreram aquele tipo de violência por parte de cada agente agressor. Por exemplo, do total de pessoas que foram vítimas de agressão verbal (xingamento), 49% apontaram a polícia militar e civil como autores, 34% apontaram a GCM, 50% os pedestres; 49% os moradores de rua, 33% os comerciantes, 25% a segurança privada, 10% apontaram os traficantes e 11% os agentes de limpeza urbana e cata bagulho. Isto significa que essa população sofreu agressão verbal, em maior ou menor proporção, por parte de todos os agentes arrolados, o mesmo ocorrendo em relação aos demais tipos de violência. A remoção forçada, a tentativa

de homicídio e o abuso sexual são, nessa ordem, os tipos de violência com menor incidência. Entre os que sofreram remoção forçada, 42% acusam a segurança privada, 35% apontam a polícia e 32%, a GCM como agentes dessa forma de violência.

Para 48% dos que sofreram tentativa de homicídio, os autores foram os moradores de rua e para 28%, os transeuntes. Em relação ao abuso sexual, 49% das vítimas acusam os moradores de rua e 41%, os transeuntes.

Os moradores de rua são acusados de todos os tipos de violência, em proporções elevadas, mas chama atenção a prática de roubos/furtos e o espancamento/luta corporal denunciadas, respectivamente, por 71% e 63% das vítimas dos próprios moradores de rua, conforme dados da Tabela 11.9.

**Tabela 11.9 - Agentes da Violência, por Tipo de Agressão Sofrida pelos Acolhidos\*  
(em %)**

Agentes da violência	Agressão verbal	Agressão física	Tentativa de homicídio	Abuso sexual	Roubo/furto	Remoção forçada
Polícia civil/militar	49,0	35,0	26,3	12,6	8,3	34,5
GCM	33,6	20,8	0,6	7,3	3,1	32,4
Pedestres/transeuntes	50,1	24,0	27,5	40,6	36,7	8,4
Morador de rua	48,6	63,0	48,3	49,5	71,1	8,7
Comerciante	33,2	7,2	2,5	4,0	1,5	25,1
Segurança privada	24,6	13,6	1,7	4,0	0,7	42,2
Traficante	10,1	3,9	6,2	11,3	2,1	3,1
Limpeza urbana/cata bagulho	10,9	2,2	0,0	0,0	1,2	12,2
Base de porcentagem	4417	3055	1222	326	4593	1884

\*Respostas múltiplas considerando apenas as válidas

## 11.5 PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS

Os Movimentos Sociais são formas de organização e mobilização de pessoas e grupos em defesa de interesses específicos. É uma forma de luta que tem aumentado no cenário político

porque os movimentos conseguem dar visibilidade às suas causas, aos seus problemas e às suas reivindicações. A participação da população em situação de rua em movimentos sociais é, portanto, um indicador de inserção na vida política e social em defesa de interesses coletivos.

Nesta pesquisa, houve a preocupação de ampliar o rol de movimentos sociais para conhecer o nível de participação e os interesses específicos dessa população. Foram introduzidos, além do Movimento de População de Rua, mais quatro Movimentos: o de Catadores, o de Luta por Moradia, o LGBT e o de Mulheres.

Conforme dados colhidos, 84% dos acolhidos não têm nenhuma participação nesses Movimentos. Dentre os que afirmaram participar, 8% integram o Movimento de Luta por Moradia, 7% participam do Movimento de População de Rua, 3% são do Movimento de Catadores e 3%, do Movimento LGBT.

**Tabela 11.10 - Participação em Movimentos Sociais \***

Movimento	Participa do Movimento	
	Freq.	%
Movimento de População de Rua	590	7,3
Movimento de catadores	219	2,7
Movimento de luta por moradia	613	7,6
Movimento LGBT (Lésbicas/gays/bissexual e transexual)	208	2,6
Movimento de mulheres	17	0,2
Outro .	177	2,2
Não participa de nenhum	6.759	83,6

## 12. TEMPO DE RUA

O tempo de rua é uma variável central na caracterização do perfil socioeconômico da população em situação de rua, tema que vem sendo trabalhado pela Fipe nas pesquisas realizadas em 2000, 2010 e na atual, em 2015. A hipótese subjacente a essa variável é que a

permanência nas ruas por longo período “altera o comportamento das pessoas, suas percepções, projetos e possibilidades de saída”<sup>6</sup>.

Estimar o tempo de rua é tarefa que apresenta dificuldades que decorrem, principalmente, da tendência à perda da noção de tempo cronológico por aqueles que vivem longo período nas ruas. Para essas pessoas, o tempo adquire mais significado quando referido a acontecimentos marcantes como perdas, separações, doenças e outros eventos que alteraram suas vidas.

A metodologia desenvolvida pela Fipe, para chegar à estimativa dessa variável, procurou levantar um conjunto de informações que faziam referência à última moradia em que essas pessoas viviam antes de passarem para rua. As perguntas procuravam resgatar a lembrança da perda da última casa considerada como sendo sua, e associavam a esse acontecimento, a data do início de sua vida na rua. Entende-se que a perda da moradia representa um ponto de ruptura, um marco capaz de levar o morador a rememorar a sequência dos acontecimentos<sup>7</sup>.

Para tornar mais precisa a estimativa do tempo de rua as perguntas introduzidas no questionário procuraram identificar dois grupos, que passaram por trajetórias diversas até chegar à situação de rua. No primeiro grupo (Grupo 1), ao perderem a moradia, as pessoas passaram a pernoitar diretamente em centros de acolhida/ruas e, no segundo grupo (Grupo 2), ao perderem a última moradia, as pessoas passaram a morar em casas de amigos, parentes, pensão, hotel, local de trabalho, em ocupações, ou em alguns casos, em instituições como Fundação Casa ou presídios. O que diferencia este segundo grupo é que as pessoas tiveram condições de mobilizar suas relações sociais, familiares e profissionais visando encontrar espaços para se abrigar, ou ainda dispunham de recursos monetários para pagar um quarto em hotel ou pensão. Conseguiram dessa forma, adiar, temporariamente, a passagem para a situação de rua.

O tempo de rua foi estimado diferentemente para esses dois conjuntos de pessoas: para o primeiro, o tempo foi computado a partir do momento em que perderam a última moradia e

---

<sup>6</sup>Censo da População de Moradores Em Situação De Rua e Caracterização Socioeconômica da População Adulta na Cidade de São Paulo, Fipe/SMADS, Abril de 2010.

<sup>7</sup>Idem.

passaram diretamente os centros de acolhida/rua; para o segundo, o tempo foi contado a partir do momento em que perderam o último abrigo e passaram a ter como alternativas, os centros de acolhida ou as ruas.

### 12.1 PERDA DA MORADIA E A IDA PARA A RUA

O questionário utilizado com os moradores dos centros de acolhida e nas ruas incluiu questões que procuravam identificar quando eles deixaram de ter uma casa para morar. Os dados estatísticos a seguir trazem os resultados obtidos, considerando o total da população de acolhidos.

Observa-se que o tempo médio de perda da última moradia é de 6,4 anos (78 meses). Mas há uma ampla diversidade entre os acolhidos quanto a essa variável: 25% tiveram essa perda mais recentemente, há menos de 1 ano, e para 75%, há até 10 anos (120 meses).

**Tabela 12.1 – Quando Deixou de Ter uma Casa para Morar**

<b>Estatísticas</b>	
N (*)	8.040
Média	6,4
Mediana	3,3
Percentil - 25%	0,8
Percentil - 50%	3,3
Percentil - 75%	10,0

(\*) Inclui apenas casos válidos

A organização dos dados por faixas temporais revela que a perda da moradia é recente para 26% dos abrigados, enquanto para 38% ocorreu entre 1 a 5 anos. Para muitos isto aconteceu há um longo período, uma vez que 21% dos abrigados registraram que perderam última “casa” há mais de 10 anos.

**Tabela 12.2 – Há quantos anos deixou de ter casa para morar**

Tempo	Frequência	%	% válidas
Menos de 1 ano	2.051	25,2	25,5
Mais de 1 a 5 anos	3.037	37,3	37,8
Mais de 5 a 10 anos	1.273	15,6	15,8
Mais de 10 anos	1.680	20,6	20,9
Total	8.040	98,7	100
NR	107	1,3	
Total	8.147	100	

Um dos pontos do questionário procurou levantar a informação se a última casa se localizava na cidade de São Paulo. Essa questão também remete à identificação do momento da perda da moradia como uma etapa de sua trajetória de vida: 55% confirmaram a capital como lugar de sua moradia.

**Tabela 12.3 – Onde ficava a casa**

Ficava em São Paulo	Frequência	%	% válidas
Sim	4.495	55,2	55,3
Não	3.632	44,6	44,7
Total	8.128	99,8	100
NR	19	0,2	
Total	8.147	100	

Com relação às diversas trajetórias das pessoas em situação de rua, as informações levantadas permitiram verificar que 67% dos moradores nos centros de acolhida, ao perderem sua moradia, passaram diretamente para a situação de rua. Por outro lado, os que arranjaram alternativas habitacionais, representam um conjunto bem menor, mas também expressivo (33%).

**Tabela 12.4 – Com a Perda da Moradia foi direto para Centro de Acolhida/Rua**

Foi para centro de acolhida/rua	Frequência	%	% válidas
Sim	5.409	66,4	66,6
Não	2.715	33,3	33,4
Total	8.123	99,7	100
NR	24	0,3	
Total	8.147	100	

A tabela 12.5 indica os arranjos habitacionais adotados pelo grupo de pessoas que, ao perderem a moradia, conseguiram evitar a passagem para a rua. As principais alternativas para essas pessoas foram as seguintes: pensões e hotéis (29%); casa de parentes (27%); casa de amigos (19%) e local de trabalho (12%). Cabe destacar ainda que 18% passaram por instituições diversas como casa de detenção (7%); Febem/Fundação Casa (1%), orfanato/asilo (2%); hospital e clínica (8%).

**Tabela 12.5 – Alternativas de moradia**

Alternativas antes de ir para a rua	Sim		Não	
	Freq.(*)	%	Freq.	%
Casa de amigos	510	18,9	2.196	81,1
Casa de companheira (o)	149	5,5	2.558	94,5
Casa de parentes	731	27,0	1.975	73,0
Pensão, hotel	783	28,9	1.924	71,1
Local de trabalho	329	12,2	2.377	87,8
Casa de detenção	196	7,2	2.511	92,8
FEBEM, Fundação CASA	32	1,2	2.674	98,8
Orfanato, asilo	48	1,8	2.659	98,2
Local para tratamento de saúde (hosp./ clinica)	216	8,0	2.491	92,0
Ocupação	34	1,3	2.672	98,7
Outro	450	16,6	2.256	83,4
Base de % ( total de respondentes)		2.707		

(\*) Respostas múltiplas. Incluí apenas casos válidos

Conforme já indicado acima, o tempo de rua foi estimado de acordo com a situação das pessoas após a perda da última moradia. Para o grupo de pessoas que passaram a viver diretamente na rua ou centros de acolhida (Grupo 1), o tempo de rua coincide com a data da perda da sua casa. E para o outro grupo que conseguiu se abrigar nas diversas alternativas indicadas na Tabela 12.5 o tempo de rua é computado a partir da perda desses abrigos provisórios, momento em que passaram a pernoitar nos logradouros ou nos serviços públicos (Grupo 2).

A estimativa do tempo de rua tanto para a população acolhida como para a encontrada nos logradouros resulta da junção do tempo de passagem para a rua, declarado pelos moradores, conforme suas trajetórias específicas. Cabe observar que essas estimativas devem ser

interpretadas com cuidado, uma vez que é conhecida a dificuldade dos moradores de rua em tratar o tempo cronológico.

A tabela 12.6 inclui as estatísticas básicas para os dois grupos, indicando os valores maiores para o Grupo 1. O tempo médio de rua para o Grupo 1 é 5,9 anos, sendo que metade (mediana) está na rua há 3 anos. Para o Grupo 2 a média é 3,6 anos, e a mediana, 1,2 anos. O terceiro quartil também aponta para a diversidade entre os grupos: no primeiro, as pessoas estão na rua há até 9 anos, e no segundo, há até 4 anos.

**Tabela 12.6 – Estatísticas do Tempo de Rua**

<b>Estatísticas</b>	<b>Grupo 1</b>	<b>Grupo 2</b>
N (*)	5.360	2.680
Média	5,9	3,6
Mediana	3,0	1,2
Percentil - 25%	0,5	0,3
Percentil - 50%	3,0	1,2
Percentil - 75%	9,0	4,0

(\*) Inclui apenas os casos válidos

O tempo de rua foi agregado em intervalos, nas quais 39% dos abrigados têm até 1 ano de vida na rua, enquanto 16% têm 10 anos ou mais nessa condição. Do ponto de vista das políticas públicas dirigidas a essa população a permanência prolongada na rua constitui aspecto importante, uma vez que esse tempo resulta em obstáculos para a reinserção dessas pessoas no mercado de trabalho. Quanto menor o tempo de rua pode-se supor a existência de condições mais favoráveis à reinserção.

**Tabela 12.7 – Tempo de Rua**

Tempo	Frequência	%	% válidas
Até 6 meses	2.315	28,4	28,8
7 meses a 1 ano	893	11,0	11,1
Mais de 1 a 2 anos	1.087	13,3	13,5
Mais de 2 a 5 anos	1.462	17,9	18,2
Mais de 5 a 10 anos	1.002	12,3	12,5
10 anos ou mais	1.281	15,7	15,9
Total	8.040	98,7	100
NR	107	1,3	
Total	8.147	100	

### 13. SAÍDA DA RUA

A saída da rua é o objetivo maior dos programas de atendimento à população em situação de rua e o mais difícil de alcançar frente à complexidade e natureza dos problemas dessa população: tempo de rua, tempo de desemprego, consumo abusivo de droga e álcool, problemas de saúde mental, perda de vínculo familiar, baixo nível de escolaridade e dificuldade de inserção num mercado de trabalho cada vez mais exigente em termos de qualificação.

Tendo em vista conhecer a posição dos entrevistados sobre essa questão, foi introduzida uma pergunta para saber o que mais o ajudaria a sair dessa situação, dentre as seguintes alternativas: ter moradia permanente, retornar à casa da família, ter emprego fixo, receber BPC, superar a dependência de álcool e droga.

Conforme dados da tabela 13.1, ter uma moradia permanente e ter emprego fixo foram as condições mais mencionadas, respectivamente por 37% e 36% dos acolhidos. A moradia para alguns e o emprego fixo para outros, seria o que mais os ajudaria a sair da rua porque lhes daria base sólida para reconstruir o que perderam. Entre as demais alternativas, uma parcela de quase 8%, mencionou o recebimento do BPC, um benefício permanente, como possibilidade de sair da situação de rua. Para 6%, o mais importante seria conseguir superar a dependência de álcool e drogas, num claro sinal de que necessita de ajuda nesse sentido. O

retorno à casa da família foi mencionado por apenas 5% e uma parcela inferior a 1% dos acolhidos afirmou não querer sair da rua.

**Tabela 13.1 - Condição que mais Ajudaria a Sair da Rua**

Condição	Frequência	%	% válidas
Ter uma moradia permanente	2.863	35,1	37,0
Retornar à casa da família	391	4,8	5,1
Ter emprego fixo	2.808	34,5	36,3
Receber Benefício: BPC (Benefício de Prestação Continuada) /aposentadoria	593	7,3	7,7
Superar a dependência de álcool e droga	472	5,8	6,1
Outro	568	7,0	7,3
Não quer sair da rua	44	0,5	0,6
Total - válidos	7.738	95,0	100,0
NR	409	5,0	
Total	8.147	100,0	

Comparando as respostas dos acolhidos de ambos os sexos, observa-se que para pouco mais de 50% das mulheres, ter uma moradia permanente seria a principal condição para sair da rua, o que é mencionado por quase 35% dos homens. O emprego fixo foi igualmente mencionado pelos dois grupos, enquanto todas as demais alternativas foram apontadas em maior proporção pelos homens (Tabela 13.2).

**Tabela 13.2 – Condição que mais ajudaria a sair da rua e gênero**

Condição para sair da rua	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Ter uma moradia permanente	2351 34,9%	512 51,4%	2863 37,0%
Retornar à casa da família	363 5,4%	28 2,8%	391 5,1%
Ter emprego fixo	2443 36,2%	365 36,6%	2808 36,3%
Receber Benefício: BPC (Benefício de Prestação Continuada) /aposentadoria	569 8,4%	24 2,4%	593 7,7%
Superar a dependência de álcool e droga	455 6,7%	17 1,7%	472 6,1%
Outro	517 7,7%	51 5,1%	568 7,3%
Não quer sair da rua	44 ,7%	0 0,0%	44 ,6%
Total	6742 100,0%	997 100,0%	7739 100,0%

Em relação à idade, a Tabela 13.3 aponta alguns aspectos que merecem destaque. A alternativa ter emprego fixo é a que apresenta as maiores proporções nas três primeiras faixas etárias, com respectivamente 46%, 37% e 47% reduzindo apenas no grupo de mais idade para 22%. Em situação inversa aparece a menção à moradia permanente, que teve pouco mais de 45% de pessoas do último grupo etário. O retorno à casa da família é pouco mencionado em todos os grupos, assim como a superação da dependência, que não chegou a 10% em nenhuma faixa etária. Cabe destacar que entre os mais velhos, 17% mencionaram o BPC.

**Tabela 13.3 – Condição que mais ajudaria a sair da rua e faixa etária**

Condição	Faixa etária				Total
	Até 30 anos	31 a 40	41 a 49	50 ou mais	
Ter uma moradia permanente	499	723	488	1153	2863
	32,6%	36,0%	29,3%	45,4%	37,0%
Retornar à casa da família	94	130	73	94	391
	6,1%	6,5%	4,4%	3,7%	5,1%
Ter Emprego fixo	706	746	787	570	2809
	46,1%	37,2%	47,3%	22,4%	36,3%
Receber Benefício: BPC /aposentadoria	26	41	93	432	592
	1,7%	2,0%	5,6%	17,0%	7,6%
Superar a dependência de álcool e droga	130	191	97	54	472
	8,5%	9,5%	5,8%	2,1%	6,1%
Outro	75	155	125	214	569
	4,9%	7,7%	7,5%	8,4%	7,4%
Não quer sair da rua	0	21	0	23	44
	0,0%	1,0%	0,0%	,9%	,6%
Total	1530	2007	1663	2540	7740
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

### **PARTE III: RESULTADOS PARA OS MORADORES DE RUA**

São descritos, a seguir, os resultados das variáveis incluídas no questionário aplicado às pessoas em situação de rua encontradas, nas noites do levantamento amostral, pernoitando nas ruas, praças e espaços públicos da cidade de São Paulo.

#### **1. CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO**

A caracterização demográfica dos moradores de rua tem como base as mesmas variáveis utilizadas para os acolhidos: idade, sexo, cor, local de origem e escolaridade. De modo semelhante, se destaca o perfil de uma população com predominância de homens, não brancos, com idade média de 41 anos e de baixa escolaridade.

##### **1.1 IDADE, SEXO E COR**

Considerando que o questionário utilizado nos centros de acolhida e na rua foi o mesmo, a orientação para o levantamento das informações demográficas seguiu critérios idênticos para os dois grupos de moradores. Em ambas as situações, a idade foi obtida pela declaração do entrevistado e se ele tivesse alguma dificuldade para responder, era perguntado o ano em que nasceu. As estatísticas a seguir indicam que, entre os moradores de rua entrevistados, apenas 0,4% não informaram a idade.

De modo geral os valores dos parâmetros estatísticos encontrados entre os moradores de rua são semelhantes aos dos acolhidos embora um pouco menores. A exceção é idade máxima encontrada, de 85 anos. A idade média é 41 anos e a mediana, 40 anos. Essas duas medidas são bem próximas, indicando que o conjunto das idades dos moradores de rua é relativamente simétrico em relação à posição central e que as posições extremas da distribuição de idades têm peso relativo pouco expressivo. O primeiro quartil mostra uma população relativamente jovem, com idade até 32 anos e 50%, até 40 anos.

**Tabela 1.1 - Estatísticas da Idade dos Moradores de Rua**

<b>Estatísticas da Idade</b>	<b>Valor</b>
N (*)	5.933
Média	41
Mediana	40
Idade mínima	18
Idade máxima	85
Percentil - 25%	32
Percentil - 50%	40
Percentil - 75%	49

(\*) Inclui apenas casos válidos

Ao contrário da idade, a informação relativa ao sexo foi atribuída pelo pesquisador, como forma de contornar as dificuldades de fazer a pergunta e obter resposta adequada.

Tal como entre os acolhidos, os dados sobre os moradores de rua revelaram a predominância do sexo masculino: 88% do total, e a participação de 12% do sexo feminino.

**Tabela 1.2 - Sexo**

<b>Resposta</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válidas</b>
Masculino	5.224	87,7	88,0
Feminino	716	12,0	12,0
Total – válidos	5.939	9,7	100
NR	15	0,3	
Total	5.954	100	

No cruzamento das variáveis sexo e idade, observa-se que em todas as faixas etárias não há diferenças expressivas entre os dois gêneros. As mais significativas estão nas duas faixas extremas: 23% das mulheres têm até 30 anos e 21% têm 50 anos ou mais (entre os homens os valores são 19% e 24%, respectivamente). Nas demais faixas etárias os valores são iguais.

**Tabela 1.3 – Faixa etária e sexo**

Faixa Etária	Masculino		Feminino		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.(*)	%
Até 30 anos	1.000	19,2	163	22,8	1.163	19,7
31 a 40 anos	1.695	32,7	236	33,0	1.931	32,6
41 a 49 anos	1.241	23,9	168	23,5	1.409	23,8
50 anos ou mais	1.267	23,8	148	20,7	1.415	23,9
Total	5.203	99,6	715	100	5.918	100

(\*) Inclui apenas casos válidos

Diferentemente do sexo, a cor foi obtida por declaração do entrevistado. Com relação a esta variável, destaca-se a expressiva semelhança com os abrigados: os pretos e os pardos constituem 69% do total e os brancos, 27%. Conforme indicado na Parte II desse relatório, a presença dos não brancos na população em situação de rua é muito superior à verificada na cidade de São Paulo (37% em 2010).

**Tabela 1.4 – Cor**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Branca	1.604	26,9	27,2
Preta	1.342	22,5	22,7
Parda	2.751	46,2	46,6
Amarela	51	0,9	0,9
Indígena	153	2,6	2,6
Total – válidos	5.900	99,1	100
NR	54	0,9	
Total	5.954	100	

## 1.2 LOCAL DE ORIGEM

Sobre o local de origem procurou-se, inicialmente, identificar a proporção dos nascidos na cidade de São Paulo. As pesquisas realizadas em 2000 e 2009 mostraram a crescente participação dos paulistanos entre os moradores de rua e pretendia-se verificar se essa tendência tem continuidade no momento atual. Considerando as respostas válidas, observa-se que 29% são naturais de São Paulo, enquanto a grande maioria (71%) é formada por não paulistanos que em algum momento de sua trajetória, migraram para esta cidade.

**Tabela 1.5 - Nasceu no Município de São Paulo**

Resposta	Frequência	%	% válido
Sim	1.725	29,0	29,0
Não	4.229	71,0	71,0
Total	5.954	100	100

Com relação aos não paulistanos procurou-se identificar o tempo de moradia em São Paulo. O migrante que vive nas ruas não é recém chegado na cidade. Apenas 10% migraram para a capital há menos de 1 ano; enquanto a grande maioria (75%) aqui vive há 5 anos e mais, conforme Tabela 1.6. Nesse aspecto, os moradores de rua se diferenciam dos abrigados uma vez que, entre estes últimos, a proporção dos que vivem na cidade menos de 1 ano é mais do que o dobro e os que aqui estão há 5 anos e mais apresentam proporção bem menor.

**Tabela 1.6 - Tempo de moradia dos não paulistanos na cidade de São Paulo**

Tempo na cidade	Frequência	%	% válida
Menos de 1 ano	428	10,1	10,3
De 1 a 5 anos	628	14,8	15,2
Há 5 anos e mais	3.082	72,9	74,5
Total - válidos	4.138	97,8	100,0
NR	91	2,2	
Total	4.229	100,0	

Para não paulistanos foi perguntado em que Estado ou país nasceram, de modo a identificar a participação de migrantes e imigrantes no conjunto dessa população.

Ao contrário do que vem ocorrendo nos centros de acolhida, a proporção de estrangeiros entre os moradores de rua é pouco expressiva, representando 1% do total. Essa constatação indica que os imigrantes de baixa renda, principalmente africanos que têm chegado a São Paulo nos tempos recentes estão sendo encaminhados para os serviços públicos que oferecem pernoite.

**Tabela 1.7 – País de origem dos não paulistanos**

País	Freq. (*)	%
Brasil	4.170	98,8
Bolívia	15	0,4
Colômbia	9	0,2
Peru	7	0,2
Portugal	7	0,2
Grécia	4	0,1
Tanzânia	9	0,2
Total	4.221	100

(\*)Inclui apenas os casos válidos

Com relação aos moradores de rua que nasceram no Brasil, observa-se que o Nordeste é a região que mais contribui para a composição da população de rua (45%), seguida pelo Sudeste com 43%. As demais regiões participam com 12%.

**Tabela 1.8 - Região de origem dos não paulistanos**

Região	Frequência	%	% válidas
Sudeste	1.799	42,5	43,2
Nordeste	1.856	43,9	44,6
Sul	318	7,5	7,6
Centro-Oeste	105	2,5	2,5
Norte	83	2,0	2,0
Total – válidos	4.161	98,4	100
NR	68	1,6	
Total	4.229	100	

### 1.3 ESCOLARIDADE

O perfil da escolaridade dos moradores de rua é semelhante ao dos acolhidos, com diferenças pontuais, e em geral favoráveis a estes últimos. Entre os moradores de rua a proporção de analfabetos chega a 9,8%, quase 3 pontos percentuais acima da verificada entre os acolhidos. Essa taxa é mais do que o dobro da verificada no Estado de São Paulo (4,3%) e no município (3,2%).

**Tabela 1.9 – Sabe Ler e Escrever**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sim	5.365	90,1	90,2
Não	580	9,7	9,8
Total – válidos	5.945	99,9	100
NR	9	0,1	
Total	5.954	100	

O cruzamento das variáveis “sabe ler e escrever” e “sexo” permite verificar que homens e mulheres pouco se diferenciam, ambos com uma taxa de 10% de analfabetos, o que os coloca num patamar muito distante da taxa verificada no município de São Paulo (3,2%)

**Tabela 1.10 - Sabe Ler e Escrever conforme Sexo**

Resposta	Masculino	Feminino	Total
	%	%	%
Sim	90,3	89,9	90,2
Não	9,7	10,1	9,8
Total	100	100	100

À pergunta sobre a frequência escolar, 94% responderam positivamente (Tabela 1.11). No entanto, o baixo nível de escolaridade se confirma posto que apenas 16% concluíram o ensino fundamental e a mesma proporção em relação ao ensino médio (Tabela 1.12).

**Tabela 1.11 – Frequência à Escola**

Resposta	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Sim	4.904	94,0	699	97,6	5.603	94,5
Não	312	6,0	17	2,4	329	5,5
Total	5.216	100	716	100	5.932	100

(\*Inclui apenas os casos válidos)

**Tabela 1.12 – Nível de Escolaridade**

Escolaridade	Frequência	%	% válidas
Fundamental de 1ª a 4ª Série Incompleto	803	13,5	14,3
Fundamental de 1ª a 4ª Série Completo	712	12,0	12,7
Fundamental de 5ª a 8ª Série Incompleto	1.235	20,7	22,0
Fundamental de 5ª a 8ª Série Completo	891	15,0	15,9
Médio Incompleto	638	10,7	11,4
Médio Completo	913	15,3	16,3
Superior Incompleto	199	3,3	3,6
Superior Completo	215	3,6	3,8
Total	5.605	94,1	100
NR	349	5,9	
Total	5.954	100	

A tabela 1.13 traz um cruzamento do grau de escolaridade dos acolhidos com a idade, com o objetivo de verificar se a formação escolar dessas pessoas assume características diversas conforme sua distribuição etária. Em seus traços mais gerais a situação dos moradores de rua, nesse aspecto, assemelha-se à dos abrigados.

A menor escolaridade dos grupos etários mais elevados é um aspecto que caracteriza a população brasileira em geral e está presente na população em situação de rua. Os resultados observados no fundamental incompleto demonstram essa realidade: as porcentagens são claramente ascendentes da primeira à última faixa etária: de 43% entre os mais jovens, chega-se a 56% entre os de 50 anos e mais. A situação inversa ocorre tanto no fundamental completo como no médio incompleto: em ambos, as porcentagens são declinantes na escala etária.

De forma semelhante ao verificado entre os acolhidos foram encontrados moradores de rua com formação superior: 7% do total, que corresponde a 414 pessoas.

**Tabela 1.13 – Nível de Escolaridade por Faixa Etária**

Nível educacional	Faixas Etárias				Total
	Até 30 anos	31 a 40 anos	41 a 49 anos	50 anos ou mais	
	%	%	%	%	%
Fundamental Incompleto	43,1	44,5	54,3	55,7	49,0
Fundamental Completo	19,6	17,7	15,6	10,4	16,0
Médio Incompleto	17,7	13,2	5,2	9,4	11,4
Médio Completo	16,2	19,3	12,9	15,0	16,2
Superior Incompleto	2,1	2,9	5,9	3,5	3,5
Superior Completo	1,4	2,5	6,0	5,9	3,9
Total	100	100	100	100	100

(\*)Inclui apenas os casos válidos

## 2. ALTERNATIVAS DE PERNOITE

Os logradouros da cidade e os centros de acolhida são os locais em que a população em situação de rua costuma pernoitar. Fora desses espaços, são poucas as alternativas de pernoite, uma vez que isso depende, em grande parte, das relações sociais que essas pessoas conseguem estabelecer e manter para contar, esporadicamente, com outras opções. Para conhecer as alternativas de pernoite dos moradores de rua, foi verificado se eles já dormiram em centro de acolhida e se na última semana teriam procurado vaga nesses serviços ou pernoitado em outro local que não fosse a rua e o centro de acolhida.

Os dados da Tabela 2.1 revelam que 77% dos moradores de rua já dormiram em Centro de Acolhida enquanto 23% só dormiram na rua. Trata-se de uma parcela expressiva de pessoas que nunca estiveram numa instituição de acolhida e nessa condição, provavelmente, têm menos acesso a outros bens e serviços, cabendo verificar algumas de suas características como tempo de rua, sexo e faixa etária.

**Tabela 2.1 - Morador de Rua que já Dormiu em Centro de Acolhida**

Dormiu em Centro de Acolhida	Frequência	%	% válidas
Sim	4,580	76.8	77.0
Não	1,360	23.0	23.0
Total	5,940	99.8	100.0
NR	14	0.2	
Total	5,954	100.0	

Na semana anterior ao dia da pesquisa, 18% dos moradores de rua tinham procurado por vaga em centros de acolhida. Desses, apenas 7% conseguiram uma vaga enquanto os demais não tiveram a mesma sorte. A grande maioria (82%) informou não ter procurado por vaga na semana anterior (Tabela 2.2). Há uma parcela dessa população que resiste à ideia de ir para os centros de acolhida, por várias razões: têm dificuldade em aceitar e cumprir as regras relativas às rotinas necessárias para manter a organização e o funcionamento do serviço, seja em função das normas gerais de conduta como a proibição do consumo de bebida alcoólica e drogas, o porte de arma branca, entre outras. Com isso, preferem pernoitar nas ruas, apesar das condições precárias e dos riscos que correm.

**Tabela 2.2 - Procura de Vaga em Centro de Acolhida na Última Semana**

Procurou vaga na última semana	Frequência	%	% válidas
Procurou e conseguiu	436	7,3	7,4
Procurou e não conseguiu	645	10,8	10,9
Não procurou	4.828	81,1	81,7
Total	5.909	99,2	100,0
NR	45	0,8	
Total	5.954	100,0	

## 2.1 ALTERNATIVA DE PERNOITE E TEMPO DE RUA

O tempo de rua pode ter alguma influência no comportamento e nas estratégias de sobrevivência dos moradores de rua. Nesse sentido, foi verificado o tempo de rua dos que dormiram e dos que nunca dormiram em Centro de Acolhida. Observa-se, na Tabela 2.3, que entre os que só dormiram na rua, a proporção é maior em relação aos que já dormiram no

Centro de Acolhida, nas três primeiras faixas de tempo de rua, ou seja, entre os que são mais novos na situação de rua. De fato, entre os recém-chegados, com até 6 meses de rua, a proporção é de quase 27% contra 17% dos que já dormiram em Centro de Acolhida. À medida que aumenta o tempo de rua, aumenta a proporção dos que já dormiram em Centro de Acolhida, provavelmente porque conseguem ampliar contatos e informações. Apesar disso, há uma parcela com mais tempo de rua, que permanece dormindo somente na rua: 18% com mais de 2 a 5 anos, 19% com mais de 5 a 10 anos e 12% com 10 anos ou mais. Constituem o grupo que por alguma razão resiste a dormir em Centro de Acolhida.

**Tabela 2.3 – Alternativa de pernoite dos moradores de rua por tempo de rua**

Tempo de rua	Dormiu em Centro de Acolhida		Total
	Sim	Não	
Até 6 meses	741	353	1094
	16,5%	26,7%	18,9%
7 meses a 1 ano	420	163	583
	9,4%	12,3%	10,0%
Mais de 1 a 2 anos	486	156	642
	10,8%	11,8%	11,1%
Mais de 2 a 5 anos	1072	242	1314
	23,9%	18,3%	22,6%
Mais de 5 a 10 anos	959	253	1212
	21,4%	19,2%	20,9%
10 anos ou mais	804	154	958
	17,9%	11,7%	16,5%
Total	4482	1321	5803
	100,0%	100,0%	100,0%

## 2.2 ALTERNATIVAS DE PERNOITE E GÊNERO

Embora se saiba que na população de rua é muito maior a presença de homens, houve interesse em verificar entre os que dormiram em Centro de Acolhida e os que só dormiram na rua, qual a proporção de pessoas do sexo masculino e feminino.

Interessante observar que tanto entre os homens quanto entre as mulheres, a maioria já dormiu em Centro de Acolhida: 78% de homens e 70% de mulheres. No entanto, do grupo feminino, 29% só dormiram na rua, proporção maior que a do grupo masculino com 22% (Tabela 2.4).

Há uma diferença no comportamento das mulheres de rua e dos Centros de Acolhida. Nestes, 41% das mulheres nunca dormiram na rua, enquanto entre moradoras de rua, 29% nunca dormiram em Centro de Acolhida.

**Tabela 2.4- Alternativas de pernoite dos moradores de rua e gênero**

Sexo	Dormiu em Centro de Acolhida		Total
	Sim	Não	
Masculino	4065 78,0%	1145 22,0%	5210 100,0%
Feminino	507 70,9%	208 29,1%	715 100,0%
Total	4572 77,2%	1353 22,8	5925 100,0%

### 2.3 ALTERNATIVA DE PERNOITE E FAIXA ETÁRIA

Outra característica importante a verificar é a diferença entre os dois grupos de moradores de rua, quanto à idade. Na distribuição por faixa etária, observa-se que entre o grupo que já dormiu em Centro de Acolhida e o que nunca dormiu, a proporção de pessoas deste último grupo é maior que a daquele, nas duas primeiras faixas etárias, que correspondem aos mais jovens. Com o aumento da idade as proporções se invertem. Nas duas últimas faixas etárias, a proporção dos que dormiram passa a ser maior que a dos que nunca dormiram em Centro de Acolhida. Contudo, há uma parcela de 23% dos que só dormiram na rua e que correspondem ao grupo etário com mais de 49 anos, que inclui os idosos (Tabela 2.5).

**Tabela 2.5. Alternativas de pernoite dos moradores de rua por faixa etária**

Faixa Etária	Dormiu em Centro de Acolhida		Total
	Sim	Não	
Até 30 anos	868 19,0%	295 21,9%	1163 19,6%
31 a 40	1458 31,9%	488 36,2%	1946 32,9%
41 a 49	1150 25,2%	250 18,6%	1400 23,7%
50 ou mais	1096 24,0%	314 23,3%	1410 23,8%
Total	4572 100,0%	1347 100,0%	5919 100,0%

#### 2.4 ALTERNATIVAS DE PERNOITE NA ÚLTIMA SEMANA

Sem a possibilidade de vaga no Centro de Acolhida, os moradores de rua teriam conseguido pernoitar em outro local, na semana anterior? A essa pergunta, 90% responderam negativamente, restando-lhes pernoitar nos seus locais habituais: rua ou centro de acolhida, enquanto os demais encontraram outro local. Dentre as alternativas mencionadas, a única que dependeria da obtenção de algum rendimento para pagar, era dormir num quarto de pensão, o que foi alcançado por 4% dos moradores de rua. Os que conseguiram pernoitar em alguma instituição religiosa ou assistencial foram 2%, a mesma proporção dos que buscaram apoio de amigos ou parentes com os quais ainda mantêm alguma relação (Tabela 2.6).

**Tabela 2.6 - Alternativas de Pernoite dos Moradores de Rua na Última Semana\***

Local de pernoite	Sim	
	Freq.	%
Pensão, vaga, quarto	253	4,3
Instituição (igreja, abrigo, Missão Belém, Caminho, etc.)	89	1,5
Casa de amigo/parentes	120	2
Hotel de Braços Abertos (DBA)	48	0,8
Na própria casa	70	1,2
Outro	87	1,5
Dormiu na rua ou centro de acolhida	5.344	89,8
Base de porcentagem	5.949	

(\*) Respostas múltiplas

### 3. VÍNCULOS FAMILIARES

É conhecida a situação das pessoas em situação de rua, no que se refere à perda dos vínculos familiares. Este fator é apontado como uma dentre as várias causas que levam as pessoas a viver na rua. A abordagem deste tema procura verificar a situação atual e a anterior à ida para a rua/centro de acolhida, no que diz respeito à presença ou não de pessoas convivendo com os moradores de rua. As informações referentes aos dois momentos são respostas múltiplas, uma vez que podem ser várias as combinações possíveis de convivência.

#### 3.1 COM QUEM VIVE ATUALMENTE

O Censo da população de rua de 2015 já havia constatado o elevado número de pessoas só morando nas ruas. Na pesquisa amostral, foram registrados 69% de moradores de rua nessa condição. Entre os demais que vivem atualmente em companhia de outras pessoas, 15% mencionaram estar com cônjuge ou companheiro/a, proporção igual à dos que mencionaram viver com pessoas amigas. Dos que têm filhos, apenas 1% gozam de sua companhia na rua.

As demais pessoas da família de origem ou parentes foram mencionadas em proporção insignificante. Além de retratar a solidão atual dessas pessoas, esses dados indicam a perda de laços afetivos e familiares decorrentes de uma desestruturação familiar cujas causas possíveis são de várias naturezas. Não se tem a informação de como se deu essa ruptura, nem se essas pessoas abandonaram a família ou foram por elas expulsas de seu convívio. Apenas foram levantadas as informações sobre as pessoas com as quais vivia antes de perder a última moradia.

**Tabela 3.1 - Moradores de Rua que Atualmente Vivem Sós ou Acompanhados\***

Com quem vive atualmente	Freq.	%
Sozinho	4.109	69,3
Marido, mulher, companheiro/a	859	14,5
Filho(s)	62	1,0
Pai, padrasto	20	0,3
Mãe, madrasta	50	0,8
Irmãos	38	0,6
Outros membros da família	36	0,6
Amigos	866	14,6
Outras pessoas	88	1,5
Base de porcentagem	5932	

(\*) Respostas múltiplas e apenas casos válidos.

### 3.2 COM QUEM VIVIA NA ÚLTIMA MORADIA

É muito provável que a fragilidade dos laços familiares já estivesse presente antes da ida para a rua, mas os dados levantados sobre a convivência familiar anterior apenas permitem uma comparação dos dois momentos.

É muito significativa a diferença que se observa na proporção de pessoas vivendo sós atualmente, em comparação com a situação anterior à ida para a rua. Atualmente são 69% de

moradores de rua solitários enquanto antes da perda da última moradia eram 18% nessa condição. O inverso ocorre em relação à presença de pessoas da família e/ou parentes e amigos. Atualmente 30,7% contam com a companhia dessas pessoas quando anteriormente, 82% conviviam com essas pessoas, ou seja, tinham uma família (Tabela 3.2).

**Tabela 3.2 – Situação de convívio atual e anterior dos moradores de rua**

Com quem vive	Atualmente		Antes da rua	
	Freq.	%	Freq.	%
Sozinho	4109	69,3	1068	18,0
Com familiares e/ou outras pessoas	1823	30,7	4849	82,0
Total	5932	100,0	5917	100,0

Na última moradia 18% de moradores de rua já viviam sós, mas a maioria vivia com outras pessoas: 37% moravam com o cônjuge ou companheiro/a e 26% tinham a companhia dos filhos, contando, portanto, com a presença de membros da família conjugal.

Os que viviam com alguém da família de origem, 16% mencionaram a figura do pai/padrasto, 29% citaram a mãe ou madrasta e 21%, tinham irmãos em seu convívio. Apenas 8%, viviam com outros parentes, enquanto 4% contavam com amigos e conhecidos, sem relação de parentesco (Tabela 3.3)

**Tabela 3.3 - Moradores de Rua que Viviam Sós ou Acompanhados na Última Moradia**

Com quem vivia na última moradia	Sim	
	Freq.*	%
Sozinho	1.068	18,0
Marido, mulher, companheiro/a	2.172	36,7
Filho(s)	1.516	25,6
Pai, padrasto	964	16,3
Mãe, madrasta	1.708	28,9
Irmãos	1.218	20,6
Outros membros da família	472	8,0
Amigos	111	1,9
Outras pessoas	91	1,5
Base de porcentagem	5.917	

(\*) Respostas múltiplas

A comparação entre a situação anterior à ida para a rua e a atual revela uma grande diferença em relação às perdas familiares. Conforme já mencionado, há um significativo aumento de pessoas sós nas ruas, passando de 18% para 69% e uma expressiva redução da presença de pessoas com cônjuge/companheiro/a, passando de 37% para 15%. Na atual situação, praticamente não contam com a presença dos filhos e de membros da família de origem. Contudo, a presença de amigos e companheiros sem vínculo familiar, que era da ordem de 3,5%, passou a ser de 16% na rua. Amigos e conhecidos passam a ter uma presença maior do que a de membros da família de origem no convívio com moradores de rua. Ao perder a última moradia, essa população perdeu também, grande parte de suas relações familiares, seja porque os vínculos já eram frágeis, seja porque algumas circunstâncias particulares como o desemprego, o consumo excessivo de álcool e/ou drogas, ou até a morte de um membro importante da família, levaram a essa desestruturação da família e à ruptura sem retorno. Nessas circunstâncias, muitas pessoas abandonam a família ou acabam sendo expulsas da casa porque as relações familiares já estão por demais esgarçadas. Nesse ambiente, a convivência se torna difícil.

### 3.3 PERDA DA FAMÍLIA CONJUGAL E O USO DE ÁLCOOL E/OU DROGA

Atualmente, apenas 15% vivem na rua em companhia de algum membro da família conjugal, representando uma redução de quase 50% dos que antes moravam com a família que constituiu. Uma das razões dessa perda pode ter sido o consumo de álcool e droga antes da ida para a rua, uma vez que se constatou o elevado percentual de pessoas que já consumiam esses produtos.

De acordo com os dados da Tabela 3.4, dentre os moradores de rua que atualmente convivem com cônjuge ou filhos apenas 19% não faziam uso de nenhuma substância, proporção ligeiramente maior que a dos que perderam cônjuge e filhos. Ao mesmo tempo, observa-se que nos dois grupos, mais de 40% consumiam álcool e droga, não se registrando nenhuma diferença mais relevante. Ainda que o consumo anterior de álcool seja maior entre os que não vivem com ninguém da família conjugal em que 73% consumiam apenas álcool ou álcool e droga, contra 62% do outro grupo, o consumo de bebida alcoólica já era muito alto seja entre os que atualmente convivem com cônjuge ou filho, como entre os que não convivem.

**Tabela 3.4 – Morador de rua com cônjuge ou filhos e uso anterior de álcool e/ou droga**

Vive com cônjuge e/ou filhos	Uso anterior de álcool e droga				Total
	Não usava	Apenas álcool	Apenas drogas	Álcool e drogas	
	166	167	166	377	876
Sim	18,9%	19,1%	18,9%	43,0%	100,0%
	822	1540	548	2124	5034
Não	16,3%	30,6%	10,9%	42,2%	100,0%
	988	1707	714	2501	5910
Total	16,7%	28,9%	12,1%	42,3%	100,0%

### 3.4 PESSOAS SÓS E CONSUMO ANTERIOR DE ÁLCOOL E DROGA

O consumo de álcool e uso de drogas antes da vida de rua é elevado, tanto entre os que hoje vivem sós como entre os que estão acompanhados na rua. Do total dos que vivem sós, 19% não consumiam nada anteriormente, mas quase 40% faziam uso de álcool e drogas, 30% consumiam apenas bebida alcoólica e 12%, apenas drogas. Esses dados não diferem muito do comportamento dos que hoje estão acompanhados na rua: 48% consumiam drogas e álcool, 26% só consumiam bebida alcoólica e 13%, apenas drogas. É mais provável que o uso anterior dessas substâncias tenha sido um dos motivos do rompimento familiar e a saída para a rua (Tabela 3.5).

**Tabela 3.5- Morador de rua que vive só e uso anterior de álcool e/ou droga**

Vive só	Uso anterior de álcool e droga				Total
	Não usava	Apenas álcool	Apenas drogas	Álcool e drogas	
	755	1243	469	1620	4087
Sim	18,5%	30,4%	11,5%	39,6%	100,0%
	233	464	245	881	1823
Não	12,8%	25,5%	13,4%	48,3%	100,0%
	988	1707	714	2501	5910
Total	16,7%	28,9%	12,1%	42,3%	100,0%

## 4. SEGURANÇA ALIMENTAR

Conforme já mencionado na Parte II, a segurança alimentar foi um tema introduzido na pesquisa amostral com o objetivo de identificar as estratégias empregadas pelos moradores de rua para suprir suas necessidades básicas de alimentação. A análise deve indicar em que medida os serviços públicos que fornecem refeições são demandados por essa população.

Os resultados indicam que esses serviços são amplamente utilizados pelos moradores de rua, embora em menor proporção se comparados com os acolhidos: 46% afirmaram que comem nos restaurantes populares e 34% em serviços da prefeitura.

Outras formas de conseguir alimento foram mencionadas, entre as quais se destacam as doações de diversas fontes, todas de caráter ocasional e de frequência variada. Estima-se que 61% recebem de grupos que distribuem comida em pontos determinados; 58% ganham de pessoas na rua; 44% ganham de restaurantes/bares e lanchonetes. Mas observa-se também que 41% compram seus alimentos. Entre os moradores de rua, 20% declararam que catam comida, enquanto entre os acolhidos 5% recorrem a essa alternativa.

**Tabela 4.1 – Onde Consegue Alimentos que Consome**

Opções	Sim		Não	
	Freq.(*)	%	Freq. (*)	%
Restaurante popular (Bom Prato)	2.753	46,3	3.193	53,7
Serviços da prefeitura	1.991	33,5	3.955	66,5
Ganha de restaurante, lanchonete, bar	2.593	43,6	3.353	56,4
Compra em restaurante, lanchonete, bar	2.468	41,5	3.478	58,5
Recebe de grupos que distribuem comida na rua	3.605	60,6	2.341	39,4
Ganha de pessoas na rua	3.435	57,8	2.511	42,2
Coleta, Cata	1.215	20,4	4.732	79,6
Ganha em feiras, mercados	890	15,0	5.056	85,0
Outro	324	5,4	5.622	94,6
Base de % (total de respondentes)	5.946			

(\*) Respostas Múltiplas. Inclui apenas casos válidos

A agregação dos dados em poucas categorias permite uma visão mais ampla das estratégias adotadas pelas pessoas em situação de rua para obter alimentação (Tabela 4.2). Os serviços municipais e restaurantes populares destacam-se como importante fonte para 59% dessa população. Ao contrário do que se verificou entre os abrigados, 86% dos moradores de rua afirmaram que ganham comida de diversas fontes. Como já observado, é expressiva a parcela que compra alimentos.

**Tabela 4.2 – Alternativas para Obter Alimentos**

Opções	Sim		Não	
	Freq.(**)	%	Freq.(**)	%
Consegue em serviços (*)	3.492	58,7	2.454	41,3
Recebe/ganha	5.099	85,7	847	14,3
Compra	2.468	41,5	3.478	58,5
Coleta/cata	1.215	20,4	4.731	79,6
Consegue em outras fontes	324	5,4	5.622	94,6
Base de % (total de respondentes)	5.946			

(\*) Restaurante popular (Bom Prato) e serviços da prefeitura

(\*\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

O acesso a esse conjunto de opções é suficiente para garantir que as pessoas se alimentem todos os dias? Para obter essa informação, foi perguntado aos moradores de rua se na última semana ficaram um dia inteiro sem comer porque não conseguiram comida. A tabela a seguir indica que 35% responderam positivamente. Entre os acolhidos, 18% deram essa resposta.

A interpretação desse resultado deve ser cuidadosa. Isso porque não é possível avaliar com segurança se os moradores compreenderam corretamente o que foi perguntado. É possível que alguns tenham entendido o “dia inteiro” no sentido do período diurno.

**Tabela 4.3 – Não Conseguiu Comida**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sim	2.079	34,9	35,0
Não	3.868	65,0	65,0
Total	5.946	99,9	100
NR	8	0,1	
Total	5.954	100	

## 5. TRABALHO E RENDA

O conjunto de questões sobre atividades de trabalho e renda auferida foram justificadas na apresentação dos resultados para as pessoas acolhidas nos serviços da rede municipal. Para ambos os segmentos pesquisados – acolhidos e moradores de rua – as questões feitas aos entrevistados foram as mesmas, o que leva a estruturas de apresentação semelhantes.

## 5.1 ATIVIDADES ATUAIS E RENDA AUFERIDA

Quais as condições de trabalho das pessoas em situação de rua? No que trabalham?

A tabela 5.1 mostra que 4,8 % dos moradores de rua são assalariados. Do total da população, 2,2% são assalariados com carteira assinada e 2,6% são informais.

Apesar do baixo percentual encontrado, a existência de moradores de rua com vínculos empregatícios sob a forma de assalariamento é uma importante informação. É senso comum que as pessoas em situação de rua não trabalham e, quando o fazem, ocupam-se de bicos, atividades ilícitas ou mendicância. Como visto na Parte II do presente relatório, o assalariamento é ainda maior entre os acolhidos.

A Tabela 5.1 apresenta, também, o percentual de moradores de rua que declararam não estar trabalhando, o que não excluiu a possibilidade de realização de algumas atividades para obtenção de dinheiro: mendicância 68,7% e atividades ilícitas, 15,1%. Os moradores de rua que declararam não exercer nenhuma atividade para obter dinheiro, totalizam 25% do conjunto de pessoas que declararam não estar trabalhando.

**Tabela 5.1 - Condição de trabalho atual**

Opções	Sim		Não	
	Freq.	%	Freq.	%
Empregado, com registro em carteira	130	2,2	5.815,9	97,8
Empregado, sem registro em carteira	152	2,6	5.794,4	97,4
Trabalhando por conta/fazendo bicos	4.386	73,8	1.560,6	26,2
Não está trabalhando	1.230	20,7	4.716,5	79,3

A renda mensal média obtida pelos acolhidos que disseram trabalhar com carteira assinada é de R\$ 1.255,00<sup>8</sup>. A média estimada, portanto, ultrapassa o salário mínimo vigente em 2015<sup>9</sup>. A renda média encontrada para os moradores de rua que declararam trabalhar com carteira assinada é relativamente alta, embora o número de observações não permita interpretar esse

<sup>8</sup> Média aparada, 5%.

<sup>9</sup> R\$ 788,00.

resultado com segurança. O valor mínimo declarado encontrado foi \$ 700,00 e o máximo de R\$ 1.800,00.

A renda ganha pelos trabalhadores assalariados sem carteira é, como esperado, inferior aos que trabalham com vínculos formais. Assim, 25% da população (primeiro quartil) ganham até 460,00, com a mediana dessa distribuição de \$700,00 e média <sup>10</sup> de %791,00. Todos os comentários relativos à importância da informação e à cautela na interpretação dos resultados feitos às estimativas da renda auferida pelos assalariados com carteira se aplicam novamente.

Os assalariados informais encontram-se trabalhando nessa condição, em média, há 4,3 anos, Tabela 5.2 Chama atenção a diferença entre a média e mediana da distribuição, mostrando a existência de valores altos (muitos anos trabalhando na condição informal), a partir do terceiro quartil. Novamente, o número de observações torna os comentários sobre o tempo de trabalho sem carteira significa apenas uma primeira referência, a ser investigada com questões adicionais, caso a informação seja julgada relevante.

**Tabela 5.2 - Estatísticas do tempo em que está trabalhando sem carteira assinada, em anos**

Estatísticas		Anos
Média		4,3
Mediana		1,5
Percentis	25	0,6
	50	1,5
	75	5,0

As atividades por conta própria e “bicos”, certamente, predominam. A tabela 5.2 descreve as atividades compreendidas sob essa classificação, e, antecipando os resultados, pode-se afirmar que a maioria ocupa-se de catação de material reciclável e mendicância, aqui entendida como trabalho.

<sup>10</sup> Média aparada, 5%;

**Tabela 5.3 - Atividades para obtenção de renda monetária, atividades por conta própria e bicos\***

Atividades	Sim		Não	
	Freq.	%	Freq.	%
Catador de materiais recicláveis	2.446	42,3	3.340	57,7
Mendicância	1.749	30,2	4.036	69,8
Carga e descarga/chapa	899	15,5	4.886	84,5
Lava/guarda carro/flanelinha	820	14,2	4.966	85,8
Ajudante geral	525	9,1	5.260	90,9
Construção civil/pedreiro/pintor	466	8,0	5.320	92,0
Outro	442	7,6	5.344	92,4
Comércio ambulante (Venda de doces, salgados, água, flores, jornais)	440	7,6	5.345	92,4
Distribuidor de panfletos	425	7,4	5.361	92,6
Serviço de limpeza/faxina	423	7,3	5.363	92,7
Roubo/assalto	286	4,9	5.500	95,1
Venda de drogas	183	3,2	5.603	96,8
Prostituição/Programa	172	3,0	5.613	97,0
Atividades artísticas na rua	172	3,0	5.614	97,0
Vigilante	82	1,4	5.704	98,6

O questionário aplicado não permite identificar as atividades que os moradores de rua assalariados formais e informais estão exercendo no momento. As atividades classificadas como conta própria e “bicos”, entretanto, podem ser descritas.

A Tabela 5.3 mostra que a atividade de catação foi a que obteve maior número de citações, 42 %. Em termos percentuais vem seguida da atividade de mendicância e, logo depois, por carregar/descarregar e lavar e tomar conta de carros, atividades típicas de situação de rua. O percentual de menções à mendicância pelos moradores de rua é quatro vezes superior ao número de menções feitas pelos acolhidos. Os moradores de rua mencionam catação (42%), também em um percentual muito superior àquele encontrado entre os acolhidos (12,5%). Mantida a mesma relação de atividades para rua e acolhidos, a ordem de número de menções se altera. Em relação às atividades exercidas mediante solicitação ou mediação de terceiros

a diferença em ter os acolhidos e os moradores de rua é significativa: na rua, o percentual de menções é de 36,1, enquanto nos centros de acolhida atinge 64%.

A renda monetária auferida com as atividades “por conta própria” e “bicos” introduz dificuldades adicionais para sua estimação, comparativamente à renda dos assalariados, dadas a irregularidade da frequência com que são exercidas e a variabilidade dos recebimentos. Apesar de todas as dificuldades conhecidas, pediu-se ao entrevistado que declarasse a renda auferida no dia da entrevista (se ganhou alguma renda e quanto foi) e na semana anterior, com o objetivo de minimizar os erros das estimativas. As tabelas 5.4 e 5.5 trazem as estatísticas da renda diária e da semana anterior que foram declaradas.

**Tabela 5.4 - Estatísticas da Renda Auferida no Dia da Entrevista, Atividades por Conta Própria e “Bicos”, em Reais**

<b>E hoje, você conseguiu algum dinheiro?</b>	
N	2,233
Média	40.9
Mediana	20.0
Moda	10.0
Percentil - 25%	8.0
Percentil - 50%	20.0
Percentil - 75%	40.0

**Tabela 5.5 - Estatísticas da Renda Auferida na Semana Anterior à Entrevista, Atividades por Conta Própria e “Bicos”**

<b>Na semana passada, você conseguiu algum dinheiro?</b>	
N	3,818
Média	148.4
Mediana	77.0
Moda	100.0
Percentil - 25%	30.0
Percentil - 50%	77.0
Percentil - 75%	180.0

## 5.2 ATIVIDADES ANTERIORES

Algumas das atividades desempenhadas nas ruas já o foram no passado. É o caso do trabalho no setor da construção civil, serviços de limpeza, comércio ambulante e ajudante geral, Tabela 5.6. Contudo, na rua, cai a participação dessas atividades no processo de geração de renda. O setor de construção civil, por exemplo, passa de aproximadamente 28% antes da ida para a rua para 8 % após a chegada a ela.

Algumas atividades não mais são exercidas. É o caso do trabalho na indústria, setor de transportes, zeladoria/porteiro. Em contrapartida, várias atividades típicas da situação de rua aparecem: catador, como já mencionado, mendicância e outros.

Comparando-se as atividades passadas e as exercidas na rua, a percepção é de aumento das atividades menos qualificadas e informais.

**Tabela 5.6 - Atividades Anteriores à Ida para a Rua\***

Atividades	Sim		Não	
	Freq.	%	Freq.	%
Construção civil	1,701	28.8	4,213	71.2
Outros	1,428	24.1	4,486	75.9
Serviço de limpeza, cozinha	1,066	18.0	4,848	82.0
Ajudante geral	1,058	17.9	4,857	82.1
Comércio formal	630	10.6	5,285	89.4
Atividades da indústria	600	10.1	5,315	89.9
Serviços de transporte	477	8.1	5,437	91.9
Comércio ambulante	450	7.6	5,464	92.4
Serviço de zeladoria, porteiro, vigia	402	6.8	5,512	93.2
Trabalho rural	342	5.8	5,572	94.2
Não trabalhava	332	5.6	5,582	94.4
Serviços administrativos	279	4.7	5,636	95.3
Prostituição/Programa	54	0.9	5,861	99.1

\*Respostas múltiplas

**Tabela 5.7 - Condição do trabalho assalariado, nas atividades exercidas antes de chegar à rua**

Condição do trabalho	Frequência	%	% válidas
Assalariados formais	3.385	56,8	60,3
Outras condições de trabalho	2.230	37,5	39,7
Total	5.615	0,9	100,0
Sem informação	339	5,7	
Total	5.954	100,0	

Os dados da tabela 5.7 mostram alto percentual de assalariamento formal. A interpretação desse resultado não permite afirmar que todos os moradores de rua que responderam ter trabalhado com vínculo formal estavam nessa condição no momento anterior à chegada à rua. É plausível pensar que as respostas dadas indiquem, para muitos, a experiência de trabalho formal, sem que seja possível mensurar a sua duração nem identificar a trajetória de trabalho seguida até o momento em que chegou à rua.

### **5.3 PENSÕES E BENEFÍCIOS**

Pensões e benefícios complementam a renda dos trabalhadores de forma marginal, excetuando-se uma mais forte presença dos recebimentos dos programas Bolsa Família/Renda Mínima e Renda Cidadã. No conjunto, 71% dos entrevistados disseram não receber nenhum benefício, como atesta a Tabela 5.8.

**Tabela 5.8 - Benefícios e Pensões \***

Benefícios e pensões	Sim		Não	
	Freq.	%	Freq.	%
Aposentadoria/Pensão	137	2.3	5,795	97.7
BPC (Benef.Prestação Continuada)/LOAS	117	2.0	5,815	98.0
Seguro Desemprego	14	0.2	5,919	99.8
Bolsa família/R.Mínima/Renda Cidadã	1,369	23.1	4,564	76.9
Bolsa Aluguel	20	0.3	5,912	99.7
Auxílio Doença (está na caixa)	39	0.6	5,894	99.4
Outro.	56	0.9	5,877	99.1
Não recebe nenhum	4,227	71.3	1,705	28.7

\*Respostas Múltiplas

#### **5.4 DESPESAS MONETÁRIAS**

A última questão do bloco Trabalho e Renda refere-se às despesas monetárias realizadas pelos moradores de rua. Em que bens dispendem a renda obtida?

Os dados da Tabela 5.11 deixa clara a alta participação do dispêndio alimentar, (considerando-se os itens comida, refrigerante/suco/águas) seguido da compra de cigarro e drogas. A análise da segurança alimentar, realizada no item 4 do presente relatório completa a análise dos gastos com alimentação. As informações sobre consumo de álcool e drogas são apresentadas no item 8.

**Tabela 5.9 - Itens das Despesas Monetárias Realizadas no Dia da Entrevista\***

**Hoje você gastou dinheiro com:**

Opções	Sim		Não		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Comida	2,121	35.8	3,798	64.2	5,918	100.0
Refrigerante/água/suco	1,102	18.6	4,816	81.4	5,918	100.0
Droga	999	16.9	4,919	83.1	5,918	100.0
Bebida alcoólica	1,586	26.8	4,333	73.2	5,918	100.0
Cigarro	1,598	27.0	4,321	73.0	5,918	100.0
Produtos para higiene	288	4.9	5,630	95.1	5,918	100.0
Transporte (ônibus/metrô/trem)	157	2.7	5,762	97.3	5,918	100.0
Remédios	103	1.7	5,816	98.3	5,918	100.0
Pensão/hotel	65	1.1	5,854	98.9	5,918	100.0
Outro	170	2.9	5,748	97.1	5,918	100.0
Não gastou nada hoje	2,289	38.7	3,629	61.3	5,918	100.0

\*Respostas Múltiplas

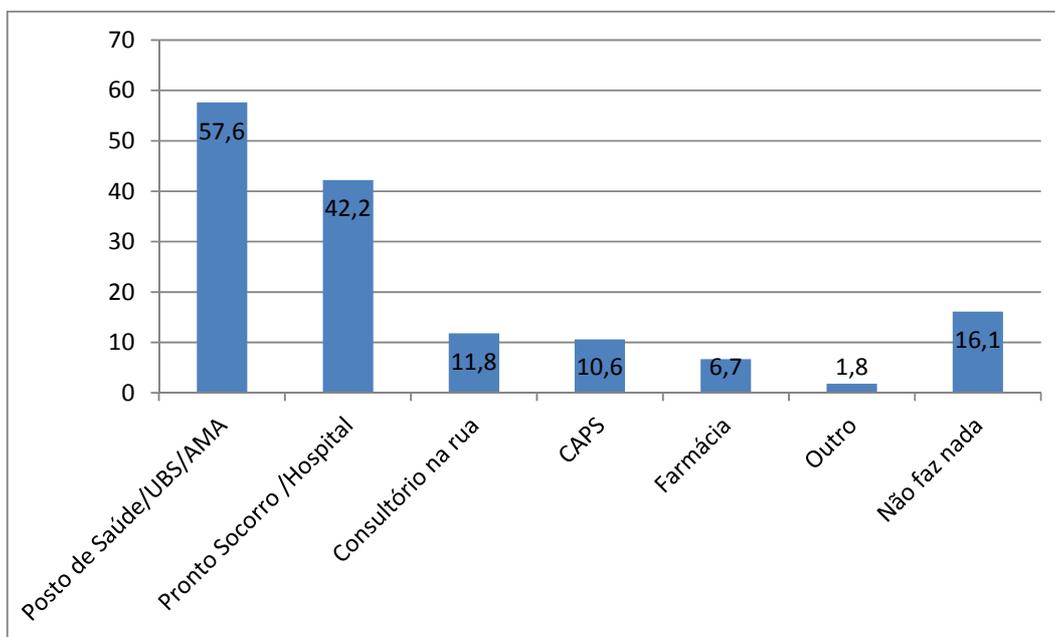
## 6. SAÚDE

### - *Uso de serviços de saúde*

A proporção de moradores de rua que não procuram nenhuma solução para resolver seus problemas de saúde (16%) é bem maior do que entre os acolhidos (4%). Mas os serviços mais procurados são os mesmo nos dois grupos: UBS/Posto de Saúde em primeiro lugar procurado por 58% dos moradores de rua e Pronto socorro/hospital por 42%. O consultório na Rua foi apontado por 12% e o CAPs por 11%.

Em 2010, na pesquisa realizada pela Fipe com moradores de rua na área central, foram levantados dados sobre o atendimento de saúde. A comparação com aqueles dados requer procedimentos que não serão realizados neste momento, mas mesmo assim é possível indicar diferenças observando o resultado das duas pesquisas e apontar que parece ter havido uma ampliação da utilização dos serviços de saúde para a população de rua na cidade. Em 2010, ao responder como procuraram resolver seus problemas de saúde, os Postos de saúde apareceram com 21% de procura, os Caps com 0,7%, o agente de saúde com 2%.

**Gráfico 6.1 - Serviços que procura para resolver problemas de saúde (%)**



Não há diferenças significativas na procura de serviços de saúde quando se considera as faixas etárias, mas apenas pequenas variações, como, por exemplo, a proporção maior de jovens até 30 anos (20%) que não procuram os serviços. No conjunto são (16%).

**Tabela 6.1 - O que Procura para Resolver Problemas de Saúde por faixas etárias (%)\***

Opções	Faixa etárias				Total
	Até 30 anos	31 a 40 anos	41 a 49 anos	50 ou mais	
Posto de Saúde/UBS/AMA	55,3	55,3	60,4	59,9	57,6
Pronto Socorro /Hospital	35,9	42,1	45,5	43,8	42,1
Consultório na rua	10,6	9,9	13,1	14,3	11,9
CAPS	6,2	12,5	12,4	10,0	10,7
Farmácia	4,6	6,7	8,6	6,6	6,7
Outro	1,9	1,2	2,1	2,3	1,8
Não faz nada	20,2	17,5	14,5	12,5	16,1
Base de %	5870				

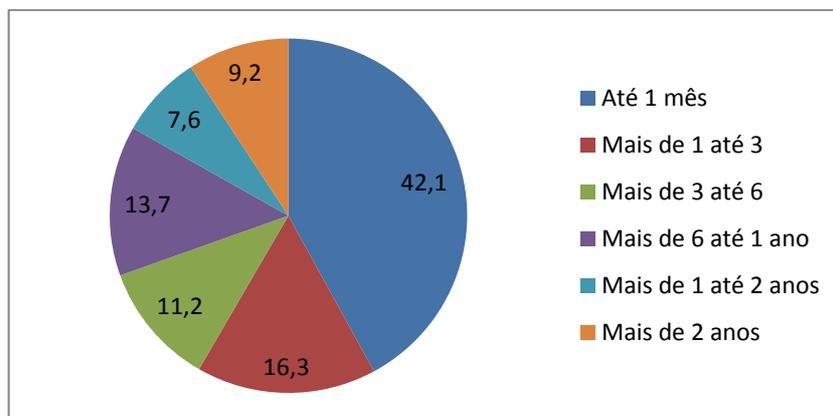
(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

Entre os moradores de rua que procuraram os serviços (84%), observa-se que a média do último acesso é 13 meses, sendo a mediana 2 meses, ou seja, metade dos entrevistados que procuraram o serviço o fizeram nos últimos 60 dias. O acesso é menos recente do que entre os acolhidos (média do último acesso 5 meses, sendo a mediana 15 dias). Deve-se notar que 75% procuraram o serviço no último ano.

Entre os moradores de rua que procuraram os serviços de saúde (84%), o acesso é menos atual do que entre os acolhidos mas mesmo assim o tempo de procura é relativamente recente: 70% afirmaram ter procurado algum serviço de saúde há até 6 meses, sendo que 58% procuraram há até 3 meses. 90% procuraram no último ano.

Entre os que buscaram o serviço de saúde apenas 9% procurou algum serviço há mais de um ano.

**Gráfico 6.2 - Última vez que procurou serviço de saúde (%)**



Como no caso dos acolhidos, para as mulheres moradoras de rua o acesso aos serviços foi mais recente do que entre os homens, ainda que com menor diferença. 77% delas procuraram os serviços de saúde nos últimos 6 meses, uma proporção maior do que a encontrada no grupo masculino (69%).

**Tabela 6.2 Última vez que procurou serviço de saúde por sexo (%)\***

Tempo	Masc	Fem	Total
Até 1 mês	41,1	48,5	42,1
Mais de 1 até 3	16,0	18,6	16,3
Mais de 3 até 6	11,6	8,5	11,2
Mais de 6 até 1 ano	13,6	13,8	13,7
Mais de 1 até 2 anos	8,0	4,5	7,6
Mais de 2 anos	9,6	6,2	9,2
Total	100,0	100,0	100,0
Base de %	4252	646	4898*

\* Inclui apenas casos válidos

*- Problemas de saúde declarados*

Os problemas de saúde mencionados pelos moradores de rua se assemelham, em grande parte, aos declarados pelos acolhidos. 23% afirmaram não ter nenhum problema de saúde. Entre os acolhidos a proporção foi 21%<sup>11</sup>.

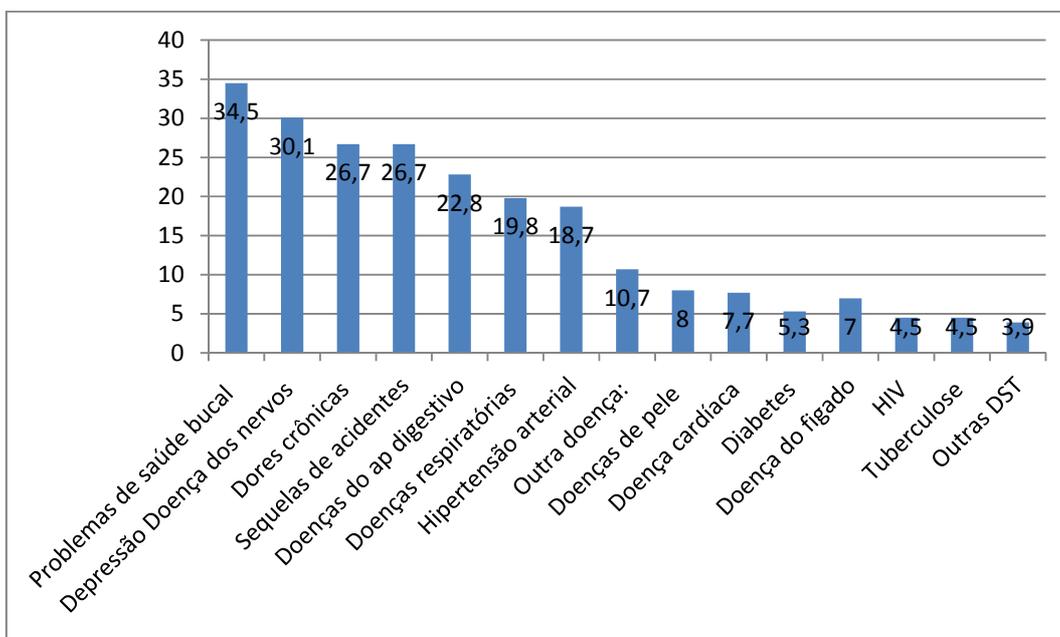
As quatro doenças mais frequentes coincidem: problemas saúde bucal (35%), depressão/doença dos nervos (30%), problemas resultantes de trauma provocados por acidentes (27%), e dores crônicas (27%). Os problemas de saúde bucal, que aparecem na rua em primeiro lugar, apresentam um percentual bem mais alto do que entre os acolhidos (28%).

Em seguida são mencionadas doenças do aparelho digestivo (23%), doenças respiratórias (20%) e hipertensão arterial (19%).

Com menos de 10% foram apontadas: doenças de pele (8%), problema cardíaco (8%), problema hepático (7%), diabetes (5%), HIV (4,5%), tuberculose (4,3%), e outras DST (4%). Todos estes últimos com percentuais ligeiramente mais altos do que o encontrado entre os acolhidos.

<sup>11</sup> Na pesquisa de 2010 (Fipe) a proporção dos moradores de rua que declararam não ter nenhum problema de saúde foi 46%. O aumento dos que declararam ter problemas de saúde em 2015 provavelmente se deve, em grande parte, a um maior conhecimento dos problemas de saúde pelos entrevistados.

Gráfico 6.3 - Problemas de saúde declarados (%)



Na comparação dos problemas de saúde por sexo, as proporções nas doenças são mais altas entre as mulheres, tal como o encontrado entre acolhidos. No entanto, esta situação é mais forte na rua. Apenas 15% das mulheres afirmaram não ter nenhuma doença (no grupo masculino 24%). Excetuando-se as doenças resultantes de sequelas de acidente e doenças de pele, nas outras o percentual encontrado no grupo feminino é sempre maior do que entre os homens. Em algumas doenças a proporção é muito maior entre as mulheres como em depressão, dores crônicas, doenças respiratórias, hipertensão, problema cardíaco, diabetes (ver tabela). As condições adversas da rua certamente acentuam sua vulnerabilidade.

**Tabela 6.3 – Problemas de Saúde declarados por sexo (%)\***

Opções	Masc	Fem	Total
Problemas de saúde bucal (dor de dente, inflamação nas gengivas, etc.)	33,4	<b>42,9</b>	34,5
Depressão/ Doença dos nervos	28,2	<b>44,0</b>	30,1
Dores crônicas (artrite/artrose, reumatismo, dor na coluna)	25,2	<b>37,9</b>	26,7
Problemas provocados por acidentes (atropelamento, queda, etc.)	<b>27,6</b>	19,6	26,7
Doenças do ap digestivo (dor de estomago, gastrite, úlcera)	22,8	<b>23,2</b>	22,8
Doenças respiratórias (asma, bronquite, enfisema)	17,8	<b>34,2</b>	19,8
Hipertensão arterial (pressão alta)	16,9	<b>31,3</b>	18,7
Outra doença:	9,9	<b>16,2</b>	10,7
Doenças de pele (herpes, hanseníase, vitiligo, sarna...)	<b>8,1</b>	7,0	8,0
Doença cardíaca (sofre do coração)	6,6	<b>15,7</b>	7,7
Diabetes	4,3	<b>12,0</b>	5,3
Doença do fígado (hepatite/etc)	6,9	<b>7,4</b>	7,0
HIV (AIDS)	4,4	<b>5,5</b>	4,5
Tuberculose	4,5	<b>4,6</b>	4,5
Outras DST – doença sexualmente transmissível	3,7	<b>5,6</b>	3,9
Nenhuma doença	24,3	<b>15,1</b>	23,2
Base de %		5910	

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

No grupo mais velho (com 50 anos e mais) algumas doenças alcançaram percentuais mais altos do que o encontrado no conjunto dos moradores de rua: problemas provocados por acidentes (34%), hipertensão (30%) e doença cardíaca (16%) e tuberculose (7%).

**Tabela 6.4 - Problemas de Saúde declarados para os com 50 anos ou mais (%)\***

Opções	50 anos e +	Total
Problemas de saúde bucal (dor de dente, inflamação nas gengivas, etc.)	29,8	34,5
Depressão/ Doença dos nervos	29,0	30,1
Dores crônicas (artrite/artrose, reumatismo, dor na coluna)	<b>34,3</b>	26,7
Problemas provocados por acidentes (atropelamento, queda, etc.)	27,4	26,7
Doenças do ap digestivo (dor de estomago, gastrite, úlcera)	24,9	22,8
Doenças respiratórias (asma, bronquite, enfisema)	18,0	19,8
Hipertensão arterial (pressão alta)	<b>29,8</b>	18,7
Outra doença:	10,8	10,7
Doenças de pele (herpes, hanseníase, vitiligo, sarna...)	8,9	8,0
Doença cardíaca (sofre do coração)	<b>16,1</b>	7,7
Diabetes	9,1	5,3
Doença do fígado (hepatite/etc)	6,6	7,0
HIV (AIDS)	4,0	4,5
Tuberculose	7,1	4,5
Outras DST – doença sexualmente transmissível	3,2	3,9
Base de %	5910	

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

A proporção dos que sempre usam preservativo nas relações sexuais entre os moradores de rua (41%) é menor do que entre os acolhidos (50%). 22% afirmaram nunca usarem e 21% usarem às vezes. 16% declararam não fazer sexo, uma proporção próxima da encontrada entre os acolhidos (14%).

**Tabela 6.5 – Uso de Preservativo/Camisinha**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sempre	2430	40,8	41,1
Às vezes	1229	20,6	20,8
Não usa	1326	22,3	22,5
Não faz sexo	921	15,5	15,6
Total - válidos	5906	99,2	100,0
NR	48	0,8	
Total	5954	100,0	

Assim como nos centros de acolhida o uso de preservativo entre as mulheres é bem inferior ao grupo masculino. Apenas 32% das mulheres usam sempre camisinha e 52% disseram não usar.

**Tabela 6.6 - Uso de Preservativo/Camisinha por sexo (para os que fazem sexo)\***

Resposta	Masc	Fem	Total
Sempre	51,0	32,0	48,9
Às vezes	25,6	16,2	24,5
Não usa	23,4	51,8	26,6
Total	100,0		100,0
Base do %		5892	

(\*) Inclui apenas casos válidos e exclui os que não fazem sexo

Os portadores de HIV e o grupo LGBT correspondem a 4% e 7% dos moradores de rua. Como são grupos pequenos e a pesquisa foi amostral não é possível generalizar características encontradas na amostra para o conjunto destes grupos na população de rua. No entanto, o resultado encontrado entre os entrevistados pode dar pistas sobre o comportamento destes grupos. Entre os que afirmaram serem portadores de HIV e que fazem sexo, apenas 31% declararam usar preservativos sempre nas relações e no grupo LGBT apenas 36%. Este percentual é bem inferior ao encontrado para os mesmos grupos entrevistados nos centros de acolhida (64% e 50% respectivamente). Esta situação indica uma situação de grande vulnerabilidade e risco na rua. 40% dos portadores de HIV entrevistados e 32% dos que são do grupo LGBT disseram não usar camisinha.

No grupo LGBT entrevistado os agravos de saúde são significativamente maiores: 14% declararam ter tuberculose, 17% DSTs e 27% serem portadores de HIV. Estes índices são bem mais altos do que os encontrados no conjunto dos moradores de rua e também dos grupos com HIV e LGBT dos centros de acolhida. Na rua, estes grupos têm recorrido aos serviços de saúde em uma proporção maior do que o conjunto dos moradores de rua. Apenas 7% não procuraram nenhum serviço. Entre os demais 63% declararam ter procurado a UBS, 14% o Consultório na rua, 14% o CAPs. 71% procuraram os serviços há até 3 meses e 81% há até 6 meses. Uma proporção maior do que o conjunto dos moradores de rua mas inferior aos grupo de portadores de HIV e LGBT dos centros de acolhida.

Tabela 6.7 - Uso de Preservativo/Camisinha por portadores de HIV e grupo LGBT (para os que fazem sexo)\*

Resposta	Portadores		Total
	HIV	LGBT	
Sempre	30,9	36,4	48,8
Às vezes	28,6	31,8	24,7
Não usa	40,5	31,8	26,5
Total	100,0	100,0	100,0
Base do %	217	393	4963

## 7. DEFICIÊNCIAS FÍSICAS

A proporção de moradores de rua com problemas visuais (6%) é menor do que a encontrada entre os acolhidos (11%), sendo que apenas 0,3% não enxerga de modo algum.

Tabela 7.1 - Você Tem Dificuldade Permanente de Enxergar?

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sim, não consegue de modo algum	20	0,3	0,3
Sim, tem cegueira de um olho e visão reduzida no outro	123	2,1	2,1
Sim, tem cegueira de um olho mas enxerga bem com o outro	224	3,8	3,8
Não, nenhuma dificuldade	5,550	93,2	93,8
Total - válidos	5,916	99,4	100,0
NR	38	0,6	
Total	5,954	100,0	

O mesmo ocorre em relação à deficiência auditiva em que 8% declararam ter alguma dificuldade. Entre os acolhidos o percentual encontrado foi 12%.

**Tabela 7.2 - Você Tem Dificuldade Permanente de Ouvir?**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sim, tem audição reduzida nos dois ouvidos	107	1,8	1,8
Sim, é surdo de um ouvido e ouve pouco com o outro	91	1,5	1,5
Sim, é surdo de um ouvido mas ouve bem com o outro	250	4,2	4,2
Não, nenhuma dificuldade.	5467	91,8	92,4
Total - válidos	5915	99,3	100,0
NR	39	0,7	
Total	5954	100,0	

Com relação à mobilidade, 14% dos moradores de rua declararam ter alguma dificuldade permanente de caminhar ou subir degraus sendo que 4% têm grande dificuldade ou não consegue de modo algum.

**Tabela 7.3 - Você Tem Dificuldade Permanente de Caminhar ou Subir Degraus?**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sim, não consegue de modo algum	9	0,1	0,1
Sim, tem grande dificuldade	211	3,5	3,6
Sim, tem alguma dificuldade	612	10,3	10,4
Não, nenhuma dificuldade	5078	85,3	85,9
Total - válidos	5909	99,2	100,0
NR	45	0,8	
Total	5954	100,0	

São cadeirantes 0,3% dos moradores de rua o que corresponde a aproximadamente 20 pessoas.

**Tabela 7.4 - É cadeirante?**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sim	17	0,3	0,3
Não	5764	96,8	99,7
Total	5781	97,1	100,0
NR	173	2,9	
Total	5954	100,0	

## 8. USO DE ÁLCOOL E DROGAS

### - *Uso de álcool e drogas*

A proporção de uso de álcool e/ou drogas entre os moradores de rua é bem superior à encontrada entre os acolhidos. A grande maioria dos entrevistados na rua (84%) declararam fazer uso de álcool e/ou drogas. Entre os acolhidos o percentual é de 53%.

A proporção dos que usam álcool é de 70% e drogas 52%, sendo que 39% combinam álcool e drogas.

A pesquisa realizada pela Fipe com moradores de rua em 2010, na área central, indica que houve um crescimento muito grande no uso de substâncias psicoativas na rua, especialmente de drogas ilícitas. Em 2010, 65% dos moradores de rua declaravam usar álcool e 37% usar drogas ilícitas<sup>12</sup>.

**Tabela 8.1 - Uso de Álcool e Droga**

<b>Uso de álcool e droga</b>			
Resposta	Frequência	%	% válidas
Não usa	961	16,1	16,2
Apenas álcool	1851	31,1	31,2
Apenas drogas	810	13,6	13,7
Álcool e drogas	2309	38,8	38,9
Total	5931	99,6	100,0
NR	23	0,4	
Total	5954	100,0	

O uso de álcool e drogas é maior entre os homens (85%) do que entre as mulheres (75%), mas como mostra a tabela abaixo o percentual de uso de drogas ilícitas entre as mulheres (53%) é semelhante ao encontrado no grupo masculino (52%). Apenas em relação ao álcool o uso entre as mulheres (56%) é inferior aos homens (72%).

<sup>12</sup> Considerando-se na pesquisa atual apenas a área central tem-se que 70% declararam usar álcool e 55% usar drogas.

Chama a atenção este alto índice de uso de substâncias psicoativas entre as mulheres moradoras de rua (75%), muito superior ao encontrado no grupo feminino dos acolhidos (28%)<sup>13</sup>.

**Tabela 8.2 - Uso de Álcool e Drogas por sexo (%)\***

Resposta	Masc	Fem	Total
Não usa	15,0	25,4	16,2
Usa álcool	72,0	56,3	70,1
Usa drogas ilícitas	52,4	53,3	52,5
Base do %	5917		

(\*) Inclui apenas casos válidos

A variação do uso de álcool e drogas guarda uma forte relação com a idade. Entre os jovens com até 30 anos, o percentual dos que fazem uso de álcool e/ou drogas chega a 91%. Esta proporção vai diminuindo conforme aumenta a idade chegando a 72% na faixa de 50 anos e mais (ver gráfico 8.1).

Em relação às drogas ilícitas, o uso é muito alto nas faixas etárias mais baixas (77% entre os que têm até 30 anos) e vai também diminuindo conforme aumenta a idade, chegando a 24% entre os com 50 anos e mais.

O uso do álcool apresenta um comportamento diferente. Ele está presente, com poucas variações, em todas as faixas etárias. Isto significa que está havendo uma combinação do uso de álcool e drogas. Como mostra a tabela X , 60% dos que tem até 30 anos usam álcool e droga.

<sup>13</sup> Excluindo-se do grupo de mulheres acolhidas as participantes do programa DBA a proporção das que usam álcool e/ou drogas entre as acolhidas é de apenas 19%.

Gráfico 8.1 - Uso de álcool e drogas por faixa etária (%)

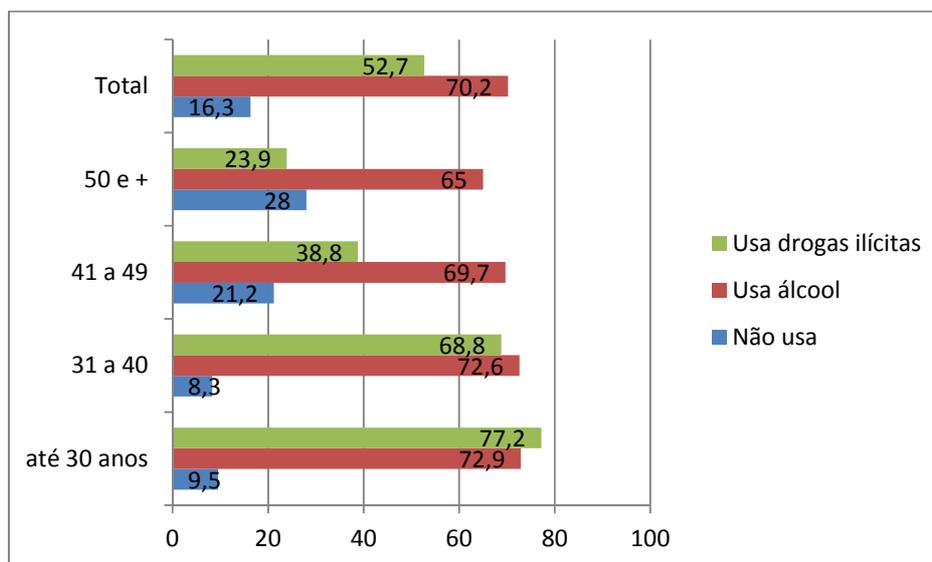


Tabela 8.3 - Uso de Álcool e Drogas por faixa etária (%)\*

Resposta	Faixa etária				Total
	Até 30	31 a 40	41 a 49	50 ou mais	
Não usa	9,5	8,3	21,2	28,0	16,3
Apenas álcool	13,3	23,0	40,0	48,1	31,1
Apenas droga	17,6	19,2	9,1	7,0	13,6
Álcool e drogas	59,6	49,6	29,7	16,9	39,1
Base do %	5911				

(\*) Inclui apenas casos válidos

*- Frequência do uso de álcool e drogas*

Em relação à frequência atual do uso de bebida alcoólica apenas 12% afirmaram usar menos do que uma vez por semana. 88% declararam usar toda semana, sendo que 57% todos os dias.

A frequência do uso é bem mais intensa do que entre os acolhidos em que apenas 23% declararam usar todos os dias.

**Tabela 8.4 – Frequência do uso de álcool**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Todos os dias	2328	39,1	57,1
Alguns dias por semana.	1263	21,2	31,0
Menos de uma vez por semana	489	8,2	12,0
Total - válidos	4081	68,5	100,0
NR	1873	31,5	
Total	5954	100,0	

O que se verifica com o álcool acontece também com as drogas ilícitas. 85,3% declararam utilizá-las toda semana sendo que 52,6% todos os dias. Apenas 14,7% disseram usar drogas menos do que uma vez por semana. Entre os acolhidos esta proporção é de 27,9%.

**Tabela 8.5 – Frequência do uso de drogas**

**Você usa drogas:**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Todos os dias	1442	24,2	52,2
Alguns dias por semana.	906	15,2	32,8
Menos de uma vez por semana	417	7,0	15,1
Total – válidos	2764	46,4	100,0
NR	3190	53,6	
Total	5954	100,0	

Em relação ao uso do crack a média diária é de 10 pedras e a mediana 5. Uma situação muito próxima da encontrada entre os acolhidos.

**Tabela 8.6 - Pedras de Crack consumidas por Dia**

N	1755
Média	10
Mediana	5
Moda	2
Percentil - 25%	3
Percentil - 50%	5
Percentil - 75%	10

*- Uso de álcool e drogas antes de depois de estar em situação de rua*

Diferentemente da situação dos acolhidos o uso de álcool e drogas antes e depois de ir para rua é muito semelhante: 83% afirmaram utilizar álcool e/ou drogas antes de ir para rua. 71% usavam álcool, 54% drogas, sendo que 42% a combinação dos dois.

**Tabela 8.7 - Uso Anterior de Álcool e Droga**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Não usava	1003	16,8	16,9
Apenas álcool	1715	28,8	28,9
Apenas drogas	714	12,0	12,0
Álcool e drogas	2501	42,0	42,2
Total	5932	99,6	100,0
NR	22	0,4	
Total	5954	100,0	

Em relação ao uso de drogas ilícitas, há um grupo que já era usuário antes de ir para rua. A maioria deles (79%) permaneceu usando e 21% afirmaram não usar mais. Para os que não utilizavam antes de ir para rua a maioria (80%) continua não usando, mas 21% passaram a usar depois de estar em situação de rua. Entre os acolhidos a proporção dos que passaram a usar depois da ida para rua é de 4,9%.

**Tabela 8.8 - Uso de Drogas Ilícitas Antes e Depois da Ida para a Rua**

Era usuário de droga ilícita	É usuário de droga ilícita		
	sim	não	Total
Sim	79,1	20,9	100,0
Não	20,9	79,9	100,0
Total	52,1	47,9	100,0

*- Tipo de substância utilizada*

Em relação ao tipo de droga utilizada tem-se em primeiro lugar o álcool, consumido por 70% dos moradores de rua. Em segundo e terceiro lugar aparecem o crack (34%) e a maconha (33%). A cocaína surge em seguida utilizada por 21%. Os inalantes foram mencionados por 4% dos moradores de rua. O cigarro é utilizado por 67% dos entrevistados. A ordem de

importância do consumo das substâncias é semelhante à dos acolhidos, ainda que a proporção de uso de cada uma seja significativamente maior na rua.

A comparação de dados sobre o uso de substâncias por moradores de rua nas pesquisas da Fipe de 2010 e 2015 exigem alguns procedimentos que não serão feitos aqui, mas mesmo assim é possível afirmar que houve um aumento na proporção de consumo de algumas drogas. Em 2010, na área central 21% dos moradores de rua declararam consumir maconha, 27% crack e 11% cocaína. Todas estas substâncias apresentaram índices bem mais altos em 2015, como foi mostrado acima. O consumo de álcool praticamente não teve alteração (65% em 2010 e 67% em 2015).

**Tabela 8.9 – Substâncias utilizadas atualmente (%)\***

Opções	Freq.	%
Cigarro	3996	67,4
Bebida alcoólica (cachaça, cerveja, uísque)	4160	70,1
Maconha	1966	33,1
Crack	2045	34,5
Cocaína (pó)	1235	20,8
Inalantes (Cola, tinner, benzina, etc)	247	4,2
Outra substância	40	0,7
Não usava	547	9,2
Base de %	5954	

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

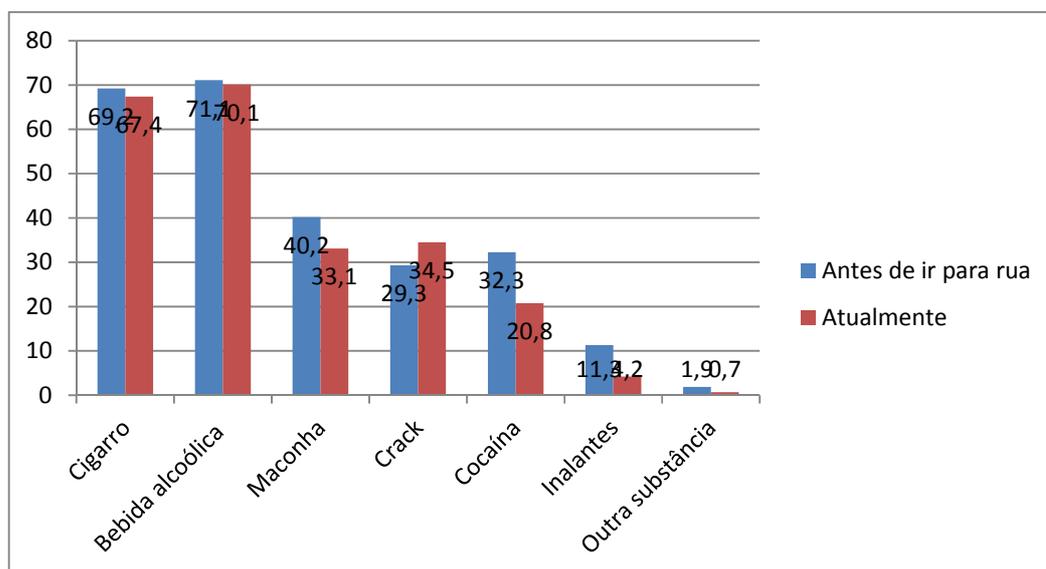
A comparação das substâncias usadas antes e depois da ida para rua mostra que houve uma diminuição no uso da maconha (de 40% para 33%) da cocaína (de 32% para 21%) e dos inalantes (de 11% para 4%). Houve, por outro lado, um aumento no uso do crack (de 29% para 34%). O álcool e o cigarro se mantiveram em proporções semelhantes.

**Tabela 8.10 - Substâncias que usava antes de ir para a rua\***

Opções	Sim	
	Freq.	%
Cigarro	4105	69,2
Bebida alcoólica (cachaça, cerveja, uísque)	4215	71,1
Maconha	2384	40,2
Crack	1736	29,3
Cocaína (pó)	1918	32,3
Inalantes (Cola, tinner, benzina, etc)	668	11,3
Outra substância	110	1,9
Não usava	633	10,7
Base de %	5932	

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

**Gráfico 8.2 - Substâncias utilizadas pelos acolhidos antes de ir para a rua e atualmente (%)**



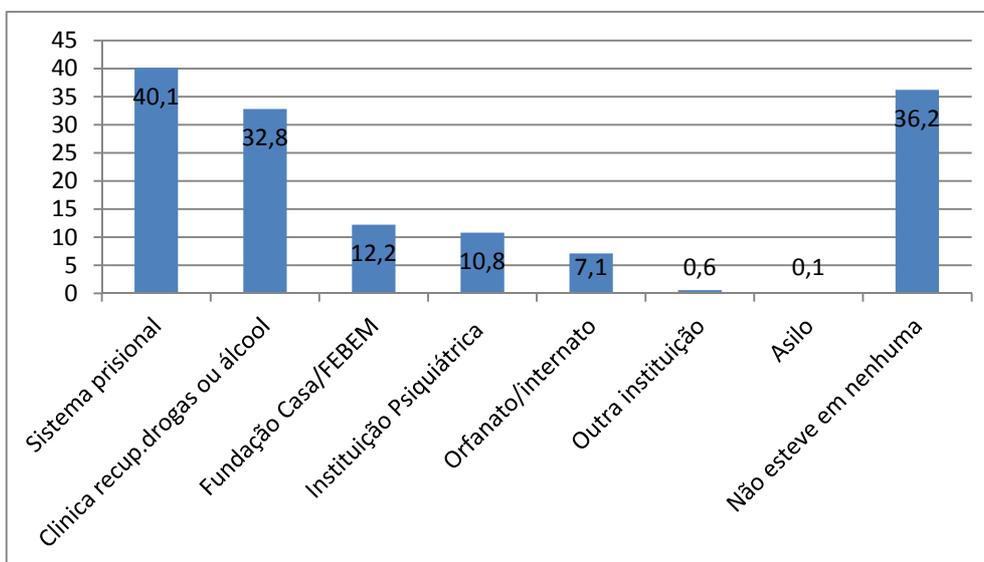
## 9. INTERNAÇÃO EM INSTITUIÇÕES

64% dos moradores de rua passaram por alguma das instituições mencionadas. Chama a atenção que 40% declararam ter passado pelo sistema prisional e 33% por clínicas de recuperação de dependência de álcool e drogas. Estiveram na Fundação Casa 12%.

Considerando também os que estiveram em orfanatos tem-se que 17% tiveram histórico institucional de internação na infância/adolescência.

Os dados da pesquisa de 2010 indicam que houve um crescimento significativo na proporção de pessoas que passaram por internação. Em 2010 o índice encontrado foi de 52%. Em relação ao sistema penitenciário o percentual era de 27% e das clínicas de recuperação para álcool e drogas, 25%.

**Gráfico 9.1 - Internações em Instituições (%)**



A proporção de pessoas que passaram por estas instituições guarda relação com a idade, sendo maior nas faixas etárias mais baixas. 70% dos que tem até 30 anos e 76% dos com 31 a 40 anos passaram por alguma instituição. Chama a atenção que nas faixas etárias mais baixas (até 30 anos e de 31 a 40) 44% e 54% respectivamente passaram pelo sistema prisional.

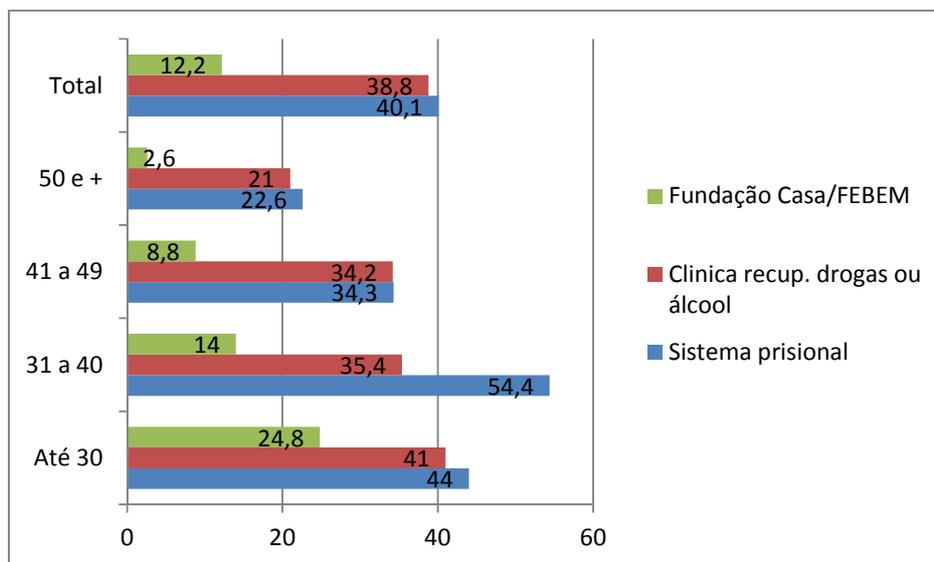
**Tabela 9.1 - Internações em Instituições por faixas etárias (%)\***

Instituições	Faixas etárias				Total
	Até 30	31 a 40	41 a 49	50 e +	
Esteve em alguma instituição	<b>70,4</b>	<b>76,0</b>	<b>61,7</b>	<b>43,6</b>	<b>63,8</b>
Sistema prisional	44,0	54,4	34,3	22,6	40,1
Clinica recup. drogas ou álcool	41,0	35,4	34,2	21,0	32,8
Fundação Casa/FEBEM	24,8	14,0	8,8	2,6	12,2
Instituição Psiquiátrica	11,9	9,9	12,5	9,4	10,8
Orfanato/internato	13,8	7,1	5,5	3,4	7,1
Outra instituição	0,7		0,5	1,5	0,6
Asilo	0	0,4	0	0	0,1
Não esteve em nenhuma	<b>29,6</b>	<b>24,0</b>	<b>38,3</b>	<b>56,4</b>	<b>36,2</b>
Base de %	5910				

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

O gráfico a seguir destaca as principais instituições de internação por faixas etárias.

**Gráfico 9.2 - Principais instituições de internação por faixa etária (%)**



## 10. ORIENTAÇÃO SEXUAL

Conforme já mencionado na análise dos dados dos acolhidos, este é um tema novo nesta pesquisa e que foi tratado apenas com duas perguntas. A primeira, sobre a utilização de preservativo tinha o objetivo de introduzir o tema de forma natural e a segunda, sobre a orientação sexual dessa população, foi feita de forma direta apresentando as alternativas. A pergunta sobre o uso de preservativo levantou informações importantes sobre o comportamento dos moradores de rua: a proporção dos que fazem sexo seguro sempre, algumas vezes e nunca, além da parcela dos que não fazem sexo. Constatou-se que 16% dos moradores de rua não fazem sexo e que 23% o fazem sem usar preservativo. Este item foi tratado na análise de saúde, em função da pertinência do assunto.

A segunda pergunta, sobre orientação sexual visava conhecer a proporção dos moradores de rua que compõem as minorias e que podem ser discriminados ou sofrer abusos nas ruas e nas instituições, em evidente desrespeito à liberdade individual e aos direitos humanos. Constatou-se que a maioria (93%) se considera heterossexual e que os demais, independentemente do sexo biológico, se distribuem entre 3% de homossexuais, 3% de bissexuais e 1% de transexuais.

**Tabela 10.1 - Orientação Sexual dos Moradores de Rua**

<b>Você se considera</b>			
<b>Resposta</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válidas</b>
Heterossexual	5.461	91,7	93,0
Homossexual /gay/lésbica	188	3,2	3,2
Bissexual	152	2,6	2,6
Transexual	56	0,9	0,9
Outro	13	0,2	0,2
Total – válidos	5.870	98,6	100,0
NR	84	1,4	
Total	5.954	100,0	

A distribuição dos moradores de rua por faixa etária e orientação sexual, conforme Tabela 10.2, revela que a maior proporção de heterossexuais (33%) está na faixa etária de 31 a 40 anos, mantendo-se na mesma proporção nas faixas etárias subsequentes, mas é de quase 18%

entre os mais jovens (até 30 anos). Nas demais orientações sexuais, as maiores proporções são de pessoas das duas primeiras faixas etárias. Entre os transexuais, 57% têm até 30 anos e 29% entre 31 a 40 anos. É entre os adultos mais jovens que se observa uma maior diversidade de orientação sexual, embora se observe mais de 10% de bissexuais e 14% de transexuais na faixa etária a partir de 50 anos.

**Tabela 10.2 - Orientação Sexual Por Faixa Etária**

Orientação sexual	Faixa etária				Total
	Até 30 anos	31 a 40	41 a 49	50 ou mais	
Heterossexual	971	1792	1326	1351	5440
	17,8%	32,9%	24,4%	24,8%	100,0%
Homossexual /gay/lésbica	82	67	39	0	188
	43,6%	35,6%	20,7%	0,0%	100,0%
Bissexual	64	50	22	16	152
	42,1%	32,9%	14,5%	10,5%	100,0%
Transexual	32	16	0	8	56
	57,1%	28,6%	0,0%	14,3%	100,0%
Outro	7	7	0	0	14
	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Total	1156	1932	1387	1375	5850
	19,8%	33,0%	23,7%	23,5%	100,0%

A orientação sexual dos moradores de rua do sexo masculino e feminino apresenta pequenas diferenças. A maioria de ambos os sexos se considera heterossexual, com uma maior proporção entre os homens. Nas demais orientações sexuais, 3% dos homens se declararam homossexuais enquanto no grupo feminino a proporção é de 5%. Há também entre as mulheres, uma proporção de 8% de bissexuais e entre elas não há transexuais. Entre os homens, 2% são bissexuais.

**Tabela 10.3 – Orientação sexual do morador de rua e gênero**

Orientação sexual	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Heterossexual	4863 94,1%	598 87,2%	5461 93,3%
Homossexual /gay/lésbica	155 3,0%	33 4,8%	188 3,2%
Bissexual	89 1,7%	55 8,0%	144 2,5%
Transexual	48 ,9%	0 0,0%	48 ,8%
Outro	13 ,3%	0 0,0%	13 ,2%
Total	5168 100,0%	686 100,0%	5854 100,0%

## 11. CIDADANIA

Na abordagem deste tema, que se refere aos direitos sociais, políticos e econômicos que conferem uma vida digna às pessoas, foram levantados alguns dados junto aos moradores de rua: posse de documentos, impedimento de livre acesso a determinados locais, violência sofrida na rua e participação em movimentos sociais. Estas informações abrangem tanto as questões de direitos, quanto as de violação desses direitos.

### 11.1 POSSE DE DOCUMENTOS

Em termos de cidadania, a posse de alguns documentos é de fundamental importância porque sem eles a pessoa deixa de ter uma existência legal e não existe como cidadão, sendo impedido, muitas vezes, de ter acesso a benefícios e serviços, abertura de conta bancária e emprego. Para efetuar o levantamento da posse de documentos dos moradores de rua, foram listados alguns dos mais importantes para registrar os que cada entrevistado afirmava possuir.

Entre os que responderam, 20% disseram não possuir qualquer documento. A maioria possuía pelo menos um dos documentos mencionados (Tabela 11.1).

**Tabela 11.1 - Moradores de Rua que Possuem ao Menos um Documento**

<b>Não possui nenhum dos documentos mencionados</b>			
Resposta	Frequência	%	% válidas
Não possui	1,157	19.4	20.4
Possui	4,519	75.9	79.6
Total	5,676	95.3	100.0
NR	278	4.7	
Total	5,954	100.0	

O levantamento efetuado permitiu verificar a proporção de moradores de rua que possui cada um dos documentos listados, tendo-se considerado quatro deles, como sendo os mais importantes para os cidadãos de um modo geral: carteira de identidade ou RG, CPF, carteira de trabalho e título de eleitor. As respostas a essa questão são de múltipla escolha, visto que a pessoa pode ter mais de um documento. Em relação à carteira de identidade, 72% dos moradores de rua a possuem, enquanto 60% afirmaram ter o CPF. Em menor proporção, 47% mencionaram possuir a carteira de trabalho, e 42% têm o título de eleitor. Uma parcela de 12% possui a Carteira de motorista (CNH) que serve como identificação porque traz os números do RG e do CPF.

**Tabela 11.2 - Documentos que os Moradores de Rua Possuem**

Documentos que possui	Freq.	%
Certidão de Nascimento	2.807	49,5
Carteira de Identidade	4.103	72,3
Carteira de Trabalho	2.685	47,3
Título de Eleitor	2.356	41,5
Carteira de motorista	692	12,2
CPF	3.401	59,9
Carteira Modelo 19	14	0,3
Passaporte	182	3,2

Foi também identificada a parcela da população de moradores de rua que possuem o conjunto dos 4 principais documentos. Constatou-se que 34% possuem esses documentos e que 42% só não possuem o título de eleitor e 75% possuem ao menos um deles.

**Tabela 11.3 - Posse dos Principais Documentos**

Documentos que possui	Freq.	%
CI, CPF, CT e TE	1943	34,2
CI, CPF e CT	2370	41,8
CI ou CPF ou CT ou TE	4281	75,4
Base de porcentagem	5954	

Em relação aos moradores de rua que possuem os quatro documentos foram levantadas algumas de suas características de idade, sexo e cor.

Os que possuem e não possuem os 4 tipos de documento se distribuem de forma equitativa em todas as faixas etárias, exceto na primeira. Entre os mais jovens, a proporção dos que não possuem é maior que a das demais faixas etárias e a dos que possuem é bem menor (22%). Por sua vez, tem a menor proporção de pessoas que possuem todos os documentos (Tabela 11.4).

**Tabela 11.4 – Posse de quatro documentos por faixa etária**

Possui RG, CPF, CT e TE	Faixa etária				Total
	Até 30 anos	31 a 40	41 a 49	50 ou mais	
Sim	246	680	514	503	1943
	22,3%	36,6%	37,7%	37,8%	34,4%
Não	855	1179	849	829	3712
	77,7%	63,4%	62,3%	62,2%	65,6%
Total	1101	1859	1363	1332	5655
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A distribuição dos moradores de rua por sexo e posse dos 4 tipos de documento, permite constatar que entre os homens, quase 65% não possuem e 35% possuem. Entre o grupo feminino quase 74% não possuem e 26% possuem. Ainda que pequena a diferença encontrada, o grupo masculino apresenta uma condição ligeiramente mais vantajosa quanto à posse dos documentos (Tabela 11.5).

**Tabela 11.5- Posse de quatro documentos por sexo**

Possui RG, CPF, Carteira de Trabalho e Título de Eleitor	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Sim	1769 35,3%	173 26,4%	1942 34,3%
Não	3236 64,7%	483 73,6%	3719 65,7%
Total	5005 100,0%	656 100,0%	5661 100,0%

Em relação à cor, a proporção de brancos que possuem os 4 documentos é ligeiramente maior que a de não brancos e a proporção de não brancos sem esses documentos é ligeiramente maior que a de brancos. Mas basicamente não apresentam diferenças significativas (Tabela 11.6).

**Tabela 11.6- Posse de quatro documentos por cor**

Possui RG, CPF, Carteira de Trabalho e Título de Eleitor	Cor		
	Branca	Não branca	Total
Sim	559 38,0%	1367 32,9%	1926 34,3%
Não	912 62,0%	2785 67,1%	3697 65,7%
Total	1471 100,0%	4152 100,0%	5623 100,0%

## 11.2 DISCRIMINAÇÃO SOFRIDA PELOS MORADORES DE RUA

Os moradores de rua são discriminados em determinados locais de livre acesso ao público, onde são impedidos de entrar, em flagrante desrespeito aos direitos humanos o que se configura como uma violência moral, dado o constrangimento a que são submetidos ao serem tratados como pessoas indesejáveis.

Nos shoppings, 20% de moradores de rua foram barrados na entrada e 29% o foram em restaurantes ou bares. No transporte público 13% foram impedidos de entrar, assim como 12% que não puderam ter acesso a bancos. Embora em menor proporção, 7% de moradores de rua foram impedidos de ter acesso também a órgãos públicos, 3% a serviços de saúde e 3% a serviços de assistência social, o que reflete a gravidade da situação, uma vez que são serviços aos quais devem recorrer. Por outro lado, 60% disseram que nunca foram barrados em nenhum dos locais citados.

**Tabela 11.7 - Locais em que Moradores de Rua foram Impedidos de Entrar\***

Locais em que foi impedido de entrar	Freq.	%
Shopping,	1,181	20.0
Restaurante/bares	1,733	29.4
Banco	694	11.8
Órgãos públicos	425	7.2
Serviços de saúde	210	3.6
Serviços de assistência social	151	2.6
Transporte coletivo (metrô/ônibus/trem)	732	12.4
Outro local	226	3.8
Nunca foi impedido de entrar	3,569	60.5
Base de porcentagem	5898	

(\*)Respostas múltiplas

### 11.3 OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA

Os tipos de violência praticados contra os moradores de rua vão muito além do preconceito e da discriminação. São vítimas de agressão verbal na forma de xingamentos e ofensas, sofrem violência física, tentativas de homicídio, abuso sexual, roubos e furtos do pouco de que dispõem e são muitas vezes removidos à força do local em que “moram”, ou seja, onde costumam pernoitar e permanecer.

As respostas referentes às violências sofridas pelos moradores de rua são de múltipla escolha uma vez que tais violências podem ter sido praticadas várias vezes, por parte de diferentes

agressores. Na Tabela 11.8 são apresentados para cada tipo de violência, a proporção de moradores de rua que disseram ter sofrido aquela forma de agressão. As maiores proporções referem-se à agressão verbal (70%), roubos/furtos sofridos por 67%, violência física na forma de espancamento, luta corporal, paulada atingiram 50% enquanto 24% foram vítimas de tentativa de homicídio com tiro, facada ou queimadura. Uma parcela de 38% foi vítima de remoção forçada do local em que estava e 6% sofreram abuso e violência sexual.

**Tabela 11.8 - Violência Sofrida pelos Moradores de Rua**

Tipo de violência	Sim		Não		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Agressão verbal	4,152	70.0	1,778	30.0	5,930	100.0
Agressão física	2,979	50.4	2,936	49.6	5,915	100.0
Tentativa de homicídio	1,412	23.9	4,503	76.1	5,915	100.0
Abuso/violência sexual	335	5.7	5,541	94.3	5,876	100.0
Roubo/furtos	3,926	66.4	1,988	33.6	5,914	100.0
Remoção forçada	2,223	37.6	3,685	62.4	5,908	100.0

#### 11.4 AGENTES DA VIOLÊNCIA

São vários os autores da violência praticada contra os moradores de rua. A Tabela 11.9 apresenta os agentes agressores em relação a cada tipo de violência. Como diferentes agentes podem ter praticado o mesmo tipo de violência contra as pessoas, a pergunta permite respostas múltiplas. Dessa forma, os valores das colunas correspondem ao percentual de moradores de rua que sofreram cada tipo de violência por parte de cada um dos agentes. Do total de pessoas que sofreram agressão verbal na forma de xingamento, ofensa, 55% foi por parte da polícia civil ou militar, 39% da GCM, 57% de pedestres, 45% de moradores de rua, 36% de comerciantes, 27% de seguranças privadas, 10% de traficantes e 9% de outros agentes públicos (limpeza urbana e cata bagulho). Observa-se que em maior ou menor proporção, a agressão verbal foi praticada por todos os agentes da violência. O mesmo ocorre em relação aos demais tipos de agressão, com exceção do abuso sexual que não teve a

participação de comerciantes, segurança privada, traficantes e agentes da limpeza urbana e cata bagulho.

A polícia civil/militar foi apontada como responsável por todas as formas de violência destacando-se, além da agressão verbal, a agressão física (37%), remoção forçada (38%) e tentativa de homicídio (27%). A acusação contra esses agentes apresenta menores percentuais em relação ao abuso sexual (19%) e roubo/furto (8%).

Além da agressão verbal, a GCM é apontada em maior proporção como autora de agressão física (20%) e remoção forçada (34%). Mas foi apontada também por tentativa de homicídio (2%), por abuso sexual (6%) e por roubo/furto (5%).

Os pedestres e os moradores de rua são acusados da prática de todos os tipos de violência, mas chama atenção a proporção de moradores de rua que praticam essas agressões contra seus pares: 64% são apontados por agressão física, 84%, por roubo e furto, 53% por abuso sexual e 49% por tentativa de homicídio.

Para 38% dos moradores de rua que foram removidos à força de onde se encontravam, a segurança privada foi agente desse tipo de violência, assim como 24% de comerciantes enquanto os agentes da limpeza urbana e cata bagulho foram apontados por 12%.

**Tabela 11.9 - Agentes da Violência por Tipo de Agressão Sofrida pelos Moradores de Rua\* (em %)**

Agentes da violência	Agressão verbal	Agressão física	Tentativa de homicídio	Abuso sexual	Roubo/furto	Remoção forçada
Polícia civil/militar	54,7	36,2	27,6	19,7	7,6	37,4
GCM	39,4	19,5	2,3	5,9	5,3	35,3
Pedestres/transeuntes	58,0	23,1	25,3	32,0	24,2	5,1
Morador de rua	45,4	63,5	48,1	53,3	83,8	7,3
Comerciante	36,0	8,0	2,9	0,0	1,2	23,4
Segurança privada	27,0	11,3	1,5	0,0	0,6	36,8
Traficante	9,7	4,4	4,9	0,0	1,0	2,3
Limpeza urb./cata bagulho	8,8	3,0	1,8	0,0	5,0	12,6
Base de porcentagem	5930	5915	5915	5876	5914	5908

(\*)Respostas múltiplas considerando apenas as válidas

## 11.5 PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS

Um dos aspectos importantes do exercício da cidadania é a participação em movimentos sociais, porque são formas de organização e de luta de pessoas e grupos em defesa de interesses coletivos específicos. É uma forma de dar visibilidade às suas causas, aos seus problemas e às suas reivindicações. Dessa perspectiva, a participação da população em situação de rua em movimentos sociais é um indicador de inserção na vida política e social. Nesta pesquisa houve a preocupação de ampliar o rol de movimentos sociais para conhecer o envolvimento dos moradores de rua com os vários movimentos que lutam por interesses específicos. Além do Movimento de População de Rua, foram incluídos os seguintes Movimentos: o de Catadores, o de Luta por Moradia, o LGBT e o de Mulheres.

Constatou-se que 89% não têm participação em movimentos. Há uma parcela de 5% que participa do Movimento de População de Rua, outros 5% estão engajados no Movimento de Luta por Moradia e 2% participam do Movimento dos Catadores. O Movimento LGBT foi mencionado por 1%. Ainda que pouco expressiva, a participação sinaliza para uma mudança que vem ocorrendo entre os moradores de rua.

**Tabela 11.10 - Participação dos Moradores de Rua em Movimentos Sociais\***

Movimento	Participa do Movimento	
	Freq.	%
Movimento de População de Rua	278	4,72
Movimento de catadores	140	2,37
Movimento de luta por moradia	291	4,94
Movimento LGBT (Lésbicas/gays/bissexual e transexual)	65	1,10
Movimento de mulheres	16	0,28
Outro .	113	1,92
Não participa de nenhum	5.224	88,68
Base de porcentagem	5.892	

(\*) Respostas múltiplas

## 12. TEMPO DE RUA

O tempo de rua é uma variável central para a caracterização socioeconômica da população em situação de rua, bem como para a formulação de programas e serviços a ela dirigidos.

A estimativa do tempo de rua dos moradores encontrados nos logradouros da cidade foi realizada segundo os mesmos procedimentos adotados para os que frequentam os centros de acolhida. Como já destacado na Parte II desse relatório, estimar essa variável é tarefa que apresenta uma série de dificuldades representadas, principalmente, pelo fato de que para as pessoas com vivência prolongada nas ruas a noção de tempo cronológico vai se tornando difusa, imprecisa. Para superar essa dificuldade julgou-se necessário levantar informações que, por aproximação, permitem identificar etapas na trajetória que leva às ruas. O ponto de partida foi a perda da moradia que, por definição, caracteriza a população pesquisada. Essa moradia deveria atuar como âncora, na tentativa de rememorar um evento marcante nessa trajetória e obter uma estimativa da data a ele associada.

É fato conhecido que ao perderem sua moradia muitos não vão direto para as ruas ou centros de acolhida. Essas pessoas conseguem alternativas de abrigo em casa de amigos, parentes,

local de trabalho, pensões ou hotéis, mas nenhum deles apontado como sua própria moradia. Procurou-se identificar nessa população duas situações bem diferenciadas: os que foram diretamente para a rua ao perderem sua moradia; e os que não foram direto para a rua, porque dispunham de relações sociais, familiares e profissionais ou recursos monetários para encontrar abrigo mesmo que provisório, adiando assim, a passagem para a situação de rua.

### 12.1 PERDA DA MORADIA E A IDA PARA A RUA

As estatísticas a seguir sintetizam a resposta dos moradores de rua à questão de quando deixaram de ter uma casa para morar. Metade da população de moradores de rua perdeu a moradia em até 5 anos (mediana) e o tempo médio estimado é de 6,9 anos (94 meses) . Verifica-se que as pessoas têm situações diferenciadas quanto a essa variável: 25% tiveram essa perda recentemente, até 1,3 anos; e 75%, em até 10 anos (120 meses).

**Tabela 12.1 - Quando Deixou de Ter uma Casa para Morar**

<b>Estatísticas</b>	
N (*)	<b>5.823</b>
Média	6,9
Mediana	5,0
Percentil - 25%	1,3
Percentil - 50%	5,0
Percentil - 75%	10,0

(\*) Inclui apenas casos válidos

A organização dos dados sobre a perda da moradia em intervalos de tempo permite identificar a diversidade entre os moradores de rua e os acolhidos com relação a essa variável. Esses dois segmentos diferem principalmente com relação aos seguintes aspectos: a proporção dos perderam a moradia há menos de 1 ano é estimada em 20% entre os moradores de rua, mas chega a 26% entre os acolhidos. Outra diferença refere-se à proporção dos que perderam a moradia há mais de 5 anos: 43% dos moradores rua estão nesta condição enquanto os acolhidos são 37%.

**Tabela 12.2 – Há quantos anos deixou de ter casa para morar**

Tempo	Frequência	%	% válidas
Menos de 1 ano	1.139	19,1	19,6
Mais de 1 a 5 anos	2.207	37,1	37,9
Mais de 5 a 10 anos	1.286	21,6	22,1
Mais de 10 anos	1.191	20,0	20,5
Total	5.823	97,8	100
NR	131	2,2	
Total	5.954	100	

À pergunta se a casa ficava em São Paulo, 62% responderam afirmativamente. Essa questão refere-se a um momento do passado em que o entrevistado deixou de ter a casa para morar. Entende-se que a perda da moradia representa um ponto de ruptura, um marco capaz de levar o morador a rememorar a sequência e a data dos acontecimentos.

**Tabela 12.3 – Onde ficava a última moradia**

Ficava em São Paulo	Frequência	%	% válidas
Sim	3.717	62,4	63,2
Não	2.166	36,4	36,8
Total	5.883	98,8	100,0
NR	71	1,2	
Total	5.954	100	

A metodologia desenvolvida pela Fipe para chegar à estimativa do tempo de rua considera a que as pessoas em situação de rua apresentam diversidade em suas trajetórias de vida. As informações obtidas na pesquisa amostral permitiram identificar alguns aspectos dessa diversidade, ao verificar que um grupo de pessoas ao perderem a última moradia, passou diretamente para abrigos/rua, enquanto outro conjunto passou por arranjos habitacionais evitando assim, a ida direta para a rua. Para fins de análise, o primeiro conjunto de pessoas foi denominado de Grupo 1 e o segundo Grupo 2.

A tabela 12.4 revela que 78% dos moradores de rua compõem o Grupo 1 e 22%, o Grupo 2.

**Tabela 12.4 – Com a Perda da Casa Foi Direto para Centro de Acolhida/Rua**

Resposta	Frequência	%	% válidas
Sim	4.597	77,2	77,5
Não	1.335	22,4	22,5
Total	5.932	99,6	100
NR	22	0,4	
Total	5.954	100	

Cabe ainda destacar os arranjos habitacionais adotados pelo grupo de pessoas que, ao perderem a moradia, não foram diretamente para a rua. As principais alternativas para essas pessoas foram as pensões e hotéis (33%); casa de parentes (20%); casa de amigos (15%) e local de trabalho (12%). Alguns, antes de passar para a situação de rua, estiveram em instituições diversas como casas de detenção (14%).

**Tabela 12.5– Alternativas de Moradia**

Opções	Sim		Não	
	Freq.	%	Freq.	%
Casa de amigos	201	15,1	1.132	84,9
Casa de companheira (o)	75	5,7	1.258	94,3
Casa de parentes	269	20,2	1.064	79,8
Pensão, hotel	438	32,8	895	67,2
Local de trabalho	153	11,5	1.180	88,5
Casa de detenção	182	13,6	1.151	86,4
FEBEM, Fundação CASA	16	1,2	1.317	98,8
Orfanato, asilo	15	1,2	1.317	98,8
Local para tratamento de saúde (hospital, clinica)	46	3,5	1.287	96,5
Ocupação	67	5,0	1.266	95,0
Outro	112	8,4	1.221	91,6
Base de % (total de respondentes)	1.333			

(\*) Respostas múltiplas. Inclui apenas casos válidos

A tabela 12.6 inclui as estatísticas básicas para os dois grupos de moradores de rua. No Grupo 1, formado por pessoas que passaram diretamente para a rua, o tempo médio é 6,4 anos, a mediana é 4 anos e 75% dessas pessoas estão na rua há até 9 anos. Para o Grupo 2, que contaram com outras possibilidade de adiar a passagem para a rua, os valores são menores: a média é 4,6 anos e a mediana, 2,5 anos, sendo que 75% vivem nas ruas até 7 anos.

**Tabela 12.6 - Tempo de Rua**

<b>Estatísticas</b>	<b>Grupo 1</b>	<b>Grupo 2</b>
N (*)	4.513	1.302
Média	6,4	4,6
Mediana	4	2,5
Percentil - 25%	0,1	0,8
Percentil - 50%	4	2,5
Percentil - 75%	9	7

(\*)Inclui apenas casos válidos

Como já apontado na Parte II deste relatório, a estimativa do tempo de rua tanto para a população acolhida como para a encontrada nos logradouros resulta da junção, em uma mesma distribuição, do tempo de passagem para a rua, que foi declarado pelos moradores, conforme suas trajetórias de vida.

A organização dos dados por intervalos de tempo permite observar que há diferenças significativas entre os acolhidos e os moradores de rua: entre os primeiros 40% tem até um ano de rua e os segundos, 28%. Inversamente, os que têm mais tempo de rua (5 anos e mais) representam 28% dos acolhidos e 37% dos moradores de rua.

**Tabela 12.7 – Tempo de Rua**

Tempo	Frequência	%	
			válidas
Até 6 meses	1.094	18,4	18,8
7 meses a 1 ano	583	9,8	10,0
Mais de 1 a 2 anos	641	10,8	11,0
Mais de 2 a 5 anos	1.319	22,2	22,7
Mais de 5 a 10 anos	1.221	20,5	21,0
10 anos ou mais	957	16,1	16,5
Total	5.816	97,7	100
NR	138	2,3	
Total	5.954	100,0	

### 13. SAÍDA DA RUA

Conforme já foi apontado na análise dos acolhidos, a saída da rua é o objetivo maior dos programas sociais voltados para a população que vive na rua. Ao mesmo tempo, é difícil de

ser alcançado frente ao conjunto de problemas que vão se acumulando na história dessas pessoas desde as razões que os levaram a essa situação, até as consequências do tempo de rua, que são conhecidas: perda do vínculo familiar, problemas de saúde física e mental que as condições de rua provocam ou acentuam, dificuldade de inserção no mundo do trabalho pela falta de qualificação para um mercado cada vez mais exigente, facilidade de acesso à droga e ao consumo de álcool, entre outros problemas. Por outro lado, os serviços públicos de assistência social, saúde mental, trabalho e habitação, ainda não conseguem dar vazão às demandas específicas dessa população, de forma a alcançar o objetivo de tirá-las da situação de moradores de rua.

Contudo, os que desejam sair da rua devem saber o que mais os ajudaria a alcançar esse objetivo. Nessa perspectiva foi solicitado que indicassem entre um rol de alternativas, qual a que considera a mais importante para poder sair da rua: ter uma moradia permanente, retornar à casa da família, ter emprego fixo, receber o BPC/aposentadoria, superar a dependência de álcool e droga.

Ter uma moradia permanente foi a opção apontada por 30% e ter emprego fixo foi a escolha de 27%, seguida de 14% que indicaram a necessidade de superar a dependência de álcool e droga. Essas respostas expressam as principais necessidades dos moradores de rua. Talvez se pudessem optar por mais alternativas, a combinação dessas três certamente seria escolhida. Uma parcela de 12% mencionou como solução, o retorno à família e 6% escolheram receber o BPC, um benefício que assegura um rendimento mensal fixo.

Há ainda uma parcela de 6% de moradores de rua que afirmaram não querer sair da situação de rua.

**Tabela 13.1 - Condição que mais Ajudaria a Sair da Rua**

Condição	Frequência	%	% válidas
Ter uma moradia permanente	1.731	29,1	30,1
Retornar à casa da família	678	11,4	11,8
Ter Emprego fixo	1.520	25,5	26,4
Receber Benefício: BPC (Benefício de Prestação Continuada) /aposentadoria	337	5,7	5,9
Superar a dependência de álcool e droga	813	13,6	14,1
Outro	323	5,4	5,6
Não quer sair da rua	349	5,9	6,1
Total - válidos	5.749	96,6	100,0
NR	205	3,4	
Total	5.954	100,0	

É importante traçar o perfil das pessoas por sexo e faixa etária, em relação às condições que apontaram para conseguir sair da rua.

A distribuição das condições que mais ajudariam a população a sair da rua, de acordo com o grupo masculino e feminino, revela que uma proporção maior de mulheres (37%) optou pela moradia permanente, 24% mencionaram o emprego fixo e 17% necessitam superar a dependência do álcool e drogas. Entre os homens, essas mesmas opções foram as mais mencionadas, nas seguintes proporções: 29% citaram a moradia, 27%, o emprego fixo e 14% a superação da dependência. Além disso, 12% escolheram o retorno à casa da família, o que foi mencionado por 6% das mulheres (Tabela 13.2).

**Tabela 13.2 – Condição que mais ajudaria a sair da rua e gênero**

Condição	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Ter uma moradia permanente	1481 29,3%	250 37,1%	1731 30,2%
Retornar à casa da família	634 12,5%	37 5,5%	671 11,7%
Ter Emprego fixo	1360 26,9%	160 23,7%	1520 26,5%
Receber Benefício: BPC /aposentadoria	295 5,8%	41 6,1%	336 5,9%
Superar a dependência de álcool e droga	699 13,8%	114 16,9%	813 14,2%
Outro	296 5,8%	27 4,0%	323 5,6%
Não quer sair da rua	296 5,8%	45 6,7%	341 5,9%
Total	5061 100,0%	674 100,0%	5735 100,0%

Em relação à idade, observam-se algumas diferenças no primeiro grupo etário. As pessoas com até 30 anos têm a menor proporção dos que apontaram a moradia. Essa opção aumenta nos demais grupos etários e é mais acentuada na faixa de 50 anos e mais. Na faixa etária de até 30 anos, 26% querem um emprego fixo, não diferindo muito dos demais grupos, mas 24% desses mais jovens apontaram a necessidade de superar a dependência de álcool e drogas. Esta opção tende a cair nas faixas etárias mais elevadas, chegando a 3% no grupo com mais de 50 anos (Tabela 13.3).

**Tabela 13.3 –Condição que mais ajudaria a sair da rua e idade**

Condição	Faixa etária				Total
	Até 30 anos	31 a 40	41 a 49	50 ou mais	
Ter uma moradia permanente	274 24,2%	552 29,2%	409 30,5%	483 35,2%	1718 30,0%
Retornar à casa da família	172 15,2%	232 12,3%	127 9,5%	138 10,0%	669 11,7%
Ter Emprego fixo	297 26,3%	539 28,5%	369 27,6%	316 23,0%	1521 26,5%
Receber Benefício: BPC /aposentadoria	20 1,8%	30 1,6%	79 5,9%	208 15,1%	337 5,9%
Superar a dependência de álcool e droga	270 23,9%	362 19,2%	141 10,5%	40 2,9%	813 14,2%
Outro	43 3,8%	100 5,3%	120 9,0%	61 4,4%	324 5,7%
Não quer sair da rua	54 4,8%	73 3,9%	94 7,0%	128 9,3%	349 6,1%
<b>Total</b>	<b>1130 100,0%</b>	<b>1888 100,0%</b>	<b>1339 100,0%</b>	<b>1374 100,0%</b>	<b>5731 100,0%</b>

## PARTE IV: COMPARAÇÃO RUA E ALBERGUE

Nesta seção, comparamos os perfis dos moradores encontrados nos serviços de acolhida e nas ruas da cidade. O objetivo final, além de destacar algumas diferenças, é verificar até que ponto os dois conjuntos de moradores de fato podem ser entendidos como subpopulações diferentes de moradores de rua.

O passo inicial da análise foi escolher um grupo de variáveis cujos comportamentos pudessem, em princípio, diferenciar o morador encontrado nos serviços e os encontrados nas ruas. As duas primeiras colunas da tabela 4.1 descrevem essas variáveis.

As seguintes análises foram realizadas:

- verificação, por meio de um teste estatístico adequado<sup>14</sup>, se, para cada variável, há evidências suficientes para concluir que seu comportamento depende do local em que o indivíduo é encontrado<sup>15</sup>. Além dos testes estatísticos, foram calculados, com base no plano amostral, intervalos de 95% de confiança para proporções, ou, se for o caso, médias<sup>16</sup>;
- mensurar a capacidade de discriminação desse conjunto de variáveis, ou seja, avaliar até que ponto, a partir de um perfil obtido por meio desse conjunto de variável, é possível prever se o morador em situação de rua foi encontrado em algum serviço ou

---

<sup>14</sup> Que incorpora o fato dos dados terem sido gerados por meio de um plano amostral complexo.

<sup>15</sup> Essa análise foi realizada com o auxílio do software STATA. Para comparar proporções foi utilizado um teste baseado no qui-quadrado de Pearson, corrigido pelo plano amostral e para comparação de médias, um teste análogo ao teste-t corrigido pelo plano amostral, mais detalhes em <http://www.stata.com/manuals13/svy.pdf>.

<sup>16</sup> Os intervalos de confiança foram obtidos com o auxílio do software STATA, o software fornece uma aproximação das margens de erros baseado no plano amostral, mais detalhes em <http://www.stata.com/manuals13/svy.pdf>.

nas ruas. Nessa etapa, duas técnicas foram aplicadas: classificação a partir de uma Análise Discriminante<sup>17</sup> e a partir de uma Regressão Logística<sup>18</sup>

### Comparação por variável

A tabela 4.1 resume os resultados inferenciais das análises feitas com o objetivo de comparar o comportamento de cada variável entre os grupos de abrigados e moradores de rua.

Considere, por exemplo, a variável Tempo na cidade. O teste estatístico indica que temos evidências para afirmar que o comportamento dessa variável não é o mesmo entre abrigados e moradores de rua ( $p = 0,0005$ <sup>19</sup>). Observando os intervalos de 95% de confiança, somos levados a concluir que:

- não há diferença relevante na proporção de paulistanos<sup>20</sup> e nem na proporção de migrantes que estão no município entre 1 e 5 anos entre serviços e abrigos;
- há evidências de existirem mais migrantes com menos de 1 anos em São Paulo em abrigos (entre 12% e 25%) do que nas ruas (entre 5% e 10%);
- o inverso ocorre quando se considera o grupo de migrantes que vive há mais de 5 anos em São Paulo, nesse caso, estima-se, com 95% de confiança, que eles sejam entre 39% e 47% de pessoas em abrigos e entre 49% e 56% nas ruas.

Analogamente, temos, segundo a tabela 4.1, para as demais variáveis:

- Cor – não há evidências de diferença na proporção de brancos (não brancos) entre abrigo e rua ( $P=0,1540$ ).

---

<sup>17</sup> Detalhes da técnica podem ser obtidos em Johnson, R.A. e Wichern, D.W. (2007) Applied Multivariate Statistical Analysis, 6th ed. Pearson ou Hair Jr., J.F.; Black; W.C.; Babin, B.J.; Anderson, R.E. e Tatham, R.L. (2009) Análise Multivariada de Dados. Bookman.

<sup>18</sup> Detalhes em Hosmer, D. W; Lemeshow, S.; Sturdivant, R. X. (2013). Applied logistic regression. 3rd ed. Wiley ou Hair et al. (2009), citada acima.

<sup>19</sup> Quanto menor for o valor-p, mais forte é a evidência de que existem diferenças entre o perfil de pessoas abrigadas e encontradas nas ruas.

<sup>20</sup> Note que existem pontos comuns nos dois intervalos de confiança.

- Escolaridade – não há evidências de diferença entre abrigo e rua ( $P=0,4511$ ). Essa variável não será utilizada nas análises posteriores.
- Vive só – há diferenças significativas entre rua e abrigos ( $P=0,0018$ ); estima-se que entre 75% e 85% dos abrigados vivam só contra 65% a 74% dos que vivem nas ruas.
- Trabalho – foram encontradas evidências de diferenças significativas entre abrigos e rua; nos abrigos, há maior incidência de pessoas empregadas ( $P<0,0001$ ) e de pessoas que exercem alguma atividade com contratantes ( $P<0,0001$ ); já nas ruas a incidência é maior para os que só conseguem dinheiro pedindo ( $P=0,0005$ ), dos que exercem algumas das atividades listadas<sup>21</sup> para conseguir dinheiro ( $P<0,0001$ ), dos que exercem atividades ilícitas ( $P=0,012$ ).
- Benefícios – a quantidade de pessoas que recebem BCP ( $P=0,0117$ ), Bolsa Família ( $P<0,0001$ ), ou pelo menos um deles ( $P<0,0001$ ) é maior dos abrigos do que nas ruas.
- Instituições – há uma maior quantidade de egressos de instituições nas ruas (60% a 68%) do que nos abrigos (50% a 58%),  $P=0,0012$ ; em particular, a quantidade de egressos do sistema carcerário é maior ( $P<0,0001$ ) nas ruas (36% a 44%) do que nos abrigos (24% a 31%).
- Drogas – há evidências de que o consumo de drogas seja maior nas ruas (45% a 60%) do que nos abrigos (25% a 32%), o mesmo acontece com o consumo de álcool – 67% a 73% nas ruas, contra 38% a 52% em abrigos. Comportamento semelhante é observado para o consumo de crack (27% a 43% nas ruas, contra 9% a 15% em abrigos), Maconha (28% a 39% nas ruas contra 16% a 22% em abrigos) e Cocaína (18% a 25% nas ruas contra 9% a 14% em abrigos). Todos os efeitos significativos com  $P<0,0001$ .

---

<sup>21</sup> Construção civil, Serviços de limpeza, Vigilante, Ambulante, Ajudante geral, Chapa, Catador, Flanelinha, Distribuidor de panfletos, Artista de rua, Prostituição, Mendicância, Venda de drogas, Roubo ou outras atividades.

- Violência – a população encontrada na rua, tem maior incidência de violência (xingamentos, espancamentos, tiro/facadas/queimaduras e roubos) do que os abrigados.
- Tempo de rua – não há evidencia de que o tempo médio de rua difira entre as duas subpopulações (P=0,1350).
- Idade – há evidências de que a idade média é diferente nas duas subpopulações (P=0,0100). Estima-se, com 95% de confiança, uma idade média entre 42 e 45 anos nos abrigos e uma idade média 40 e 42 anos nas ruas.

Em resumo, as diferenças encontradas para a maioria das variáveis são estatisticamente significativas quando se compara a população abrigada com a de rua.

**Tabela 4.1 - Comparação entre Serviços e Rua**

Variável	Categoria	Serviços*	Rua*	Estatística	Valor P
Tempo na cidade (em anos)	Nasceu em São Paulo	[21% ; 33%]	[26% ; 33%]	6,91	0,0005
	menos de 1	[12% ; 25%]	[5% ; 10%]		
	de 1 a 5	[10% ; 15%]	[8% ; 14%]		
	há mais de 5	[39% ; 47%]	[49% ; 56%]		
Cor	Não Branca	[66% ; 73%]	[70% ; 76%]	2,08	0,1540
	Branca	[27% ; 34%]	[24% ; 30%]		
Escolaridade	1a a 4a série incompleta	[9% ; 17%]	[12% ; 17%]	0,96	0,4511
	1a a 4a série completa	[9% ; 14%]	[10% ; 15%]		
	5a a 8a série incompleta	[19% ; 26%]	[19% ; 26%]		
	5a a 8a série completa	[13% ; 19%]	[13% ; 19%]		
	Médio Incompleto	[7% ; 12%]	[9% ; 14%]		
	Médio Completo	[17% ; 25%]	[14% ; 19%]		
	Superior Incompleto	[3% ; 6%]	[2% ; 5%]		
	Superior Completo	[2% ; 5%]	[3% ; 5%]		

Variável	Categoria	Serviços*	Rua*	Estatística	Valor P
Vive só		[75% ; 85%]	[65% ; 74%]	10,61	0,0018
Trabalha em emprego formal ou informal		[15% ; 22%]	[3% ; 7%]	65,07	<0,0001
Só consegue dinheiro pedindo		[2% ; 4%]	[9% ; 14%]	6,91	0,0005
Exerce alguma atividade para conseguir dinheiro		[75% ; 85%]	[92% ; 97%]	34,53	<0,0001
Exerce alguma atividade com contratante		[59% ; 67%]	[32% ; 41%]	71,09	<0,0001
Exerce atividade ilícita		[2% ; 7%]	[7% ; 11%]	6,74	0,012
Recebe algum benefício		[53% ; 66%]	[24% ; 34%]	52,82	<0,0001
Recebe BCP ou Bolsa Família		[47% ; 59%]	[20% ; 30%]	48,66	<0,0001
Recebe BCP		[4% ; 7%]	[1% ; 4%]	6,77	0,0117
Recebe Bolsa Família		[44% ; 54%]	[19% ; 28%]	49,02	<0,0001
Egresso de instituição		[50% ; 58%]	[60% ; 68%]	11,61	0,0012
Egresso do sistema carcerário		[24% ; 31%]	[36% ; 44%]	24	<0,0001
Consome drogas		[25% ; 32%]	[45% ; 60%]	35,07	<0,0001
Consome Álcool		[38% ; 52%]	[67% ; 73%]	45,38	<0,0001
Usa crack		[9% ; 15%]	[27% ; 43%]	36,8	<0,0001
Usa Maconha		[16% ; 22%]	[28% ; 39%]	25,23	<0,0001
Usa Cocaína		[9% ; 14%]	[18% ; 25%]	20,46	<0,0001
Já foi xingado/humilhado		[51% ; 59%]	[66% ; 73%]	30,5	<0,0001
Já foi espancado		[34% ; 42%]	[47% ; 54%]	23,04	<0,0001
Já levou tiro, facada ou queimadura		[14% ; 19%]	[21% ; 27%]	13,68	0,0005
Já foi roubado		[56% ; 63%]	[63% ; 71%]	5,94	0,0177
Tempo de Rua (em meses)	Média	[50; 72]	[63; 80]	1,52	0,1350
Idade (em anos)	Média	[42; 45]	[40; 42]	2,65	0,0100

\* Intervalos de 95% de confiança.

### Análise discriminante/classificatória

O fato do comportamento de um conjunto relevante de variáveis ser significativamente diferente entre abrigados e moradores de rua, é um bom indício de que se tratam de populações diferentes. A análise discriminante avalia o poder de discriminação desse conjunto variáveis<sup>22</sup>, ou seja, se ele realmente é útil para distinguir as duas subpopulações. A partir de seus resultados, é possível criar uma regra de classificação que, utilizando os valores observados das variáveis, busca prever se uma pessoa deve pertencer à subpopulação de abrigados ou moradores de rua. Mais detalhes sobre a técnica podem ser encontrados no Anexo II.

Para avaliar a qualidade da classificação, foi utilizado o método de classificação cruzada<sup>23</sup> (*leave-one-out*), no qual, utilizando-se o conjunto de variáveis e a regra de classificação gerada pela análise, previu-se para cada indivíduo se ele pertencia à subpopulação de abrigados ou moradores de rua. A tabela 4.2 resume os resultados dessa análise. Concluímos que o conjunto de variáveis<sup>24</sup> identifica corretamente cerca de 78% dos abrigados e de 75% dos moradores de rua. Esses resultados, aliado aos da seção anterior, reforçam a conclusão que de fato os grupos de albergados e moradores de rua constituem subpopulações distintas das pessoas em situação de rua.

**Tabela 4.2 - Resultados da classificação da análise discriminante.**

População	Grupo previsto		Total
	Serviços de acolhida	Rua	
Serviços de acolhida	78,3%	21,7%	100%
Rua	25,2%	74,8%	100%

<sup>22</sup> A técnica gera uma regra de decisão que, aplicada aos elementos da amostra pretende classificá-los como abrigados ou moradores de rua (os coeficientes dessa função encontram-se na Tabela 1 do anexo 2).

<sup>23</sup> Neste método, ao se classificar um indivíduo, ele é excluído da amostra, um modelo é estimado sem as informações dessa pessoa e utilizado na sua classificação. Mais detalhes na bibliografia citada.

<sup>24</sup> Por meio da função discriminante.

## Regressão logística

A análise discriminante foi desenvolvida para situações em que as variáveis utilizadas para discriminar os grupos (denominadas independentes) são quantitativas, o que não ocorre com a maioria das variáveis utilizadas. Alguns autores<sup>25</sup> defendem a utilização desta técnica neste caso, desde que o poder de classificação seja satisfatório, o que acontece. No entanto, os resultados obtidos podem ser melhorados com a utilização de técnicas alternativas. A regressão logística é uma delas.

A regressão logística fornece um modelo que permite estimar a probabilidade de uma pessoa com determinado perfil ser acolhida ou moradora de rua. A expressão desse modelo encontra-se no Anexo III. O modelo foi estimado com uma técnica que leva em conta o fato dos dados terem sido gerados a partir de um plano amostral complexo<sup>26</sup>.

A tabela 4.3 apresenta os coeficientes desse modelo. Sinal positivo indica que, mantidas as demais variáveis constantes, quanto maior o valor da variável, maior a chance da pessoa ser abrigada; valores negativos indicam que quanto maior o valor da variável, maior a chance de ser moradora de rua. Temos, por exemplo, mantidas as demais variáveis constantes, quanto maior o tempo rua, maior a chance de ser moradora de rua. Para as variáveis qualitativas, um valor positivo indica que pessoas com a presença daquela característica têm maior chance de estarem em serviços de acolhida e valores negativos aumenta a chance de estarem na rua. Por exemplo, o coeficiente 1,3006 para “Trabalha em emprego formal ou informal” indica que pessoas com essa condição têm maior chance de serem abrigadas; por outro lado, o coeficiente -0,9285 para consumo de álcool indica que o fato de uma pessoa consumir álcool aumenta a chance de ser de rua, sempre mantidas as demais variáveis constantes. A última coluna da tabela traz essa análise para cada variável<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> Johnson, D. E. (1998). Applied Multivariate Methods for Data Analysis. Duxbury Press, por exemplo.

<sup>26</sup> Detalhes em <http://www.stata.com/manuals13/svy.pdf>.

<sup>27</sup> Uma informação adicional importante é o valor-p associado a cada coeficiente; valores pequenos (menores que 10%, por exemplo) indicam que, mantidas as demais variáveis no modelo, a variável em questão é relevante para prever a probabilidade de alguém ser abrigado. Por exemplo, em Tempo de rua temos  $P=0,593$ , valor alto, isso implica que uma vez que conhecemos as demais variáveis o tempo de rua não é relevante para prever a

**Tabela 4.3 - Coeficientes do modelo de regressão logística**

Variável	Coeficiente	EP*	t	Valor-P	Quanto maior, maior a chance de ser:
Tempo de Rua (em meses)	-0,0006	0,0011	-0,54	0,593	Rua
Idade (em anos)	-0,0013	0,0061	-0,22	0,826	Rua
Paulistano	0,1979	0,1778	1,11	0,270	Albergue
<b>Mora há menos de um ano em São Paulo</b>	<b>0,7897</b>	<b>0,2707</b>	<b>2,92</b>	<b>0,005</b>	<b>Albergue</b>
Mora entre 1 e 5 anos em São Paulo	0,1579	0,2058	0,77	0,446	Albergue
Cor Branca	0,0353	0,1417	0,25	0,804	Albergue
<b>Vive só</b>	<b>0,6073</b>	<b>0,2066</b>	<b>2,94</b>	<b>0,005</b>	<b>Albergue</b>
<b>Trabalha em emprego formal ou informal</b>	<b>1,3006</b>	<b>0,2748</b>	<b>4,73</b>	<b>0,000</b>	<b>Albergue</b>
Só consegue dinheiro pedindo	-0,3025	0,2668	-1,13	0,261	Rua
<b>Exerce alguma atividade com contratante</b>	<b>1,3897</b>	<b>0,1996</b>	<b>6,96</b>	<b>0,000</b>	<b>Albergue</b>
<b>Exerce alguma outra atividade para conseguir dinheiro</b>	<b>-1,7485</b>	<b>0,3050</b>	<b>-5,73</b>	<b>0,000</b>	<b>Rua</b>
Exerce atividade ilícita	0,3159	0,3585	0,88	0,382	Albergue
Consome drogas	-0,3736	0,3105	-1,2	0,234	Rua
<b>Consome Álcool</b>	<b>-0,9285</b>	<b>0,1550</b>	<b>-5,99</b>	<b>0,000</b>	<b>Rua</b>
<b>Usa crack</b>	<b>-0,8248</b>	<b>0,2809</b>	<b>-2,94</b>	<b>0,005</b>	<b>Rua</b>
Usa Maconha	0,1130	0,2820	0,4	0,690	Albergue
Usa Cocaína	0,0941	0,2289	0,41	0,683	Albergue
<b>Egresso de instituição</b>	<b>0,2592</b>	<b>0,1486</b>	<b>1,74</b>	<b>0,086</b>	<b>Albergue</b>

probabilidade de ser abrigado; para uso de crack, temos  $P=0,005$ , por se tratar de um valor pequeno, concluímos que, mesmo na presença das demais variáveis, o uso de crack mantém-se relevante para prever a probabilidade da pessoa ser abrigada. As variáveis que, mesmo na presença das demais, são relevantes para prever a condição de abrigamento estão destacadas em negrito.

Variável	Coefficiente	EP*	t	Valor-P	Quanto maior, maior a chance de ser:
<b>Egresso do sistema carcerário</b>	<b>-0,2635</b>	<b>0,1368</b>	<b>-1,93</b>	<b>0,059</b>	<b>Rua</b>
<b>Recebe algum benefício</b>	<b>1,0936</b>	<b>0,2829</b>	<b>3,87</b>	<b>0,000</b>	<b>Albergue</b>
Recebe BCP	0,3215	0,4720	0,68	0,498	Albergue
Recebe Bolsa Família	0,3482	0,2794	1,25	0,218	Albergue
Já foi xingado/humilhado	-0,1505	0,1536	-0,98	0,331	Rua
Já foi espancado	-0,0386	0,1489	-0,26	0,796	Rua
Já levou tiro, facada ou queimadura	0,0589	0,1424	0,41	0,681	Albergue
Já foi roubado	-0,0843	0,1555	-0,54	0,590	Rua
Constante	0,7734	0,4277	1,81	0,076	Albergue

\*: erro padrão

O objetivo da aplicação desta técnica é avaliar o potencial de discriminação do conjunto de variáveis independentes utilizadas. Uma maneira de fazer isso é

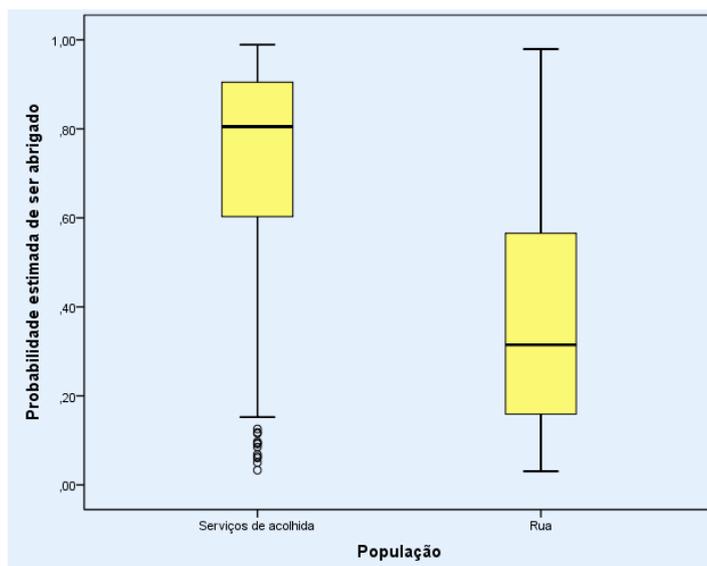
- estimar para cada elemento da amostra a probabilidade de ser alguém encontrado em serviço de acolhida;
- em seguida, observar o que acontece com essas probabilidades em pessoas que de fato são acolhidas e em pessoas que foram encontradas nas ruas.

A figura 4.1<sup>28</sup> descreve essas probabilidades. Há uma clara diferença entre os dois gráficos dessa figura: de um modo geral, altas probabilidades foram estimadas para pessoas encontradas nos serviços de abrigamento e baixas probabilidades para as encontradas nas

<sup>28</sup> Tratam-se box-plots obtidos para as pessoas encontradas em serviços de abrigamento e nas ruas. O gráfico destaca os quartis dessas probabilidades: o traço no centro da caixa amarela dá a localização da mediana, o limite inferior dessa caixa é o primeiro quartil o superior o terceiro quartil.

ruas. Isso corrobora a conclusão da análise discriminantes de que as populações de fato diferem e que podem ser descritas a partir dessas variáveis independentes.

**Figura 4.1 - Box- plot da probabilidade prevista de ter sido encontrado em serviços de acolhida, segundo o local em que a pessoa foi encontrada**



Uma última análise foi feita utilizando as probabilidades estimadas para prever se uma pessoa é abrigada ou moradora de rua. Foram criadas regras de classificação a partir da escolha de pontos de corte e utilizando a seguinte regra:

- se a probabilidade estimada for maior igual ao ponto de corte – classifica-se a pessoa como abrigada
- se a probabilidade for menor, classifica-se como de rua.

Em seguida, compara-se a previsão com a situação real da pessoa.

Foram utilizados os valores 50%, 55% e 60% como ponto de corte (veja Tabela 4.4). As taxas de classificação correta pessoas encontradas em serviços de acolhida foram de 85%, 81% e 75%, para os três pontos de corte, respectivamente; já para as encontradas nas ruas, as taxas

de classificação correta foram 69%, 74% e 78%, respectivamente. Em ambos os casos taxas elevadas e compatíveis com os resultados anteriores.

**Tabela 4.4 - Resumo da classificação dos elementos da amostra a partir dos resultados da regressão logística**

Ponto de corte para classificação em serviços de acolhida	População	Grupo previsto		Total
		Serviços de acolhida	Rua	
$\mathbb{P} \geq 50\%$	Serviços de acolhida	84,9%	15,1%	100%
	Rua	30,6%	69,4%	100%
$\mathbb{P} \geq 55\%$	Serviços de acolhida	81,2%	18,8%	100%
	Rua	26,1%	73,9%	100%
$\mathbb{P} \geq 60\%$	Serviços de acolhida	75,8%	24,2%	100%
	Rua	22,1%	77,9%	100%

## ANEXO I

### Detalhes técnicos dos planos amostrais

Neste apêndice são descritos os estimadores de totais populacionais utilizados na tabulação dos dados da pesquisa amostral, bem como expressões para a determinação de suas variâncias<sup>29</sup>. Foram utilizadas expressões de planos amostrais equivalentes ao processo de coleta de dados utilizado no levantamento amostral, partindo-se da premissa que o esquema de seleção dos moradores de rua nos serviços ou nas áreas da pesquisa garanta a equivalência com uma amostra aleatória simples sem reposição.

Os planos amostrais utilizados nesta pesquisa estratificam a população de pessoas em situação de rua de acordo com o local em que foram encontrados. Considere

- $H$ : número de (sub) estratos.
- $\hat{Y}_h$ : total estimado de pessoas para uma variável de interesse ( $y$ ) no (sub) estrato  $h$ .
- $\hat{Y}$ : total estimado da variável  $y$  para a população.

Temos

$$\hat{Y} = \sum_{h=1}^H \hat{Y}_h,$$

Sendo sua variância dada por

$$Var(\hat{Y}) = \sum_{h=1}^H Var(\hat{Y}_h).$$

Há dois tipos de (sub) estratos: os que correspondem a áreas ou serviços que são selecionados com probabilidade um e aqueles em que as áreas ou serviços foram sorteados com probabilidade proporcional ao seu tamanho.

---

<sup>29</sup> As expressões foram extraídas de Cochran, W.G. Sampling Techniques. 3rd. Wiley.

**(Sub) estratos sorteados com probabilidade um.**

Em (sub) estratos sorteados com probabilidade um, foram extraídas amostras aleatórias simples. Nesse caso,

$$\hat{Y}_h = M_h \bar{y}_h = \sum_{i=1}^{m_h} \frac{M_h}{m_h} y_{hi},$$

sendo

- $M_h$ : tamanho populacional do (sub) estrato  $h$ ;
- $m_h$ : tamanho amostral do (sub) estrato  $h$ ;
- $y_{hi}$ : valor observado para o indivíduo  $i$  do (sub) estrato  $y_{hi}$ .

Sua variância pode ser estimada por

$$\widehat{Var}(\hat{Y}_h) = \frac{M_h^2 s_h^2}{m_h} \left(1 - \frac{m_h}{M_h}\right),$$

Com

$$s_h^2 = \sum_{i=1}^{m_h} \frac{(y_{hi} - \bar{y}_h)^2}{m_h - 1},$$

Sendo

$$\bar{y}_h = \sum_{i=1}^{m_h} \frac{y_{hi}}{m_h}.$$

**(Sub) estratos com unidades amostrais primárias estimadas com probabilidade proporcional ao tamanho do estrato.**

Nesse segundo conjunto de (sub) estratos adotou-se um plano amostral em duas fases, na primeira foram sorteados serviços (ou regiões) com probabilidade de seleção proporcional ao número de moradores de rua lá encontrados (UAP: unidades amostrais primárias) e na segunda fase, foram selecionados, sem reposição, moradores de rua.

O total de uma variável no estrato  $h$  pode ser obtido por

$$\hat{Y}_h = \frac{1}{n_h} \sum_{j=1}^{n_h} \frac{M_{hj} \bar{y}_{hj}}{\pi_{hj}} = \sum_{j=1}^{n_h} \sum_{i=1}^{m_{hj}} \frac{M_{hj}}{n_h \pi_{hj} m_{hj}} y_{hji},$$

Com

- $M_h$ : tamanho populacional do (sub) estrato  $h$ ;
- $M_{hj}$ : tamanho populacional da UAP  $j$  do (sub) estrato  $h$ ;
- $m_{hj}$ : tamanho amostral da UAP  $j$  do (sub) estrato  $h$ ;
- $\pi_{hj} = \frac{M_{hj}}{M_h}$ : probabilidade de seleção da UAP  $j$  do (sub) estrato  $h$ ;
- $n_h$ : número de UAP sorteadas no (sub) estrato  $h$ ;
- $y_{hji}$ : valor observado para o indivíduo  $i$  da UAP  $j$  do (sub) estrato  $h$ .

Temos

$$\text{Var}(\hat{Y}_h) = \sum_{j=1}^{N_h} \sum_{j>k} (\pi_{hj} \pi_{hk} - \pi_{hjk}) \left( \frac{Y_{hj}}{\pi_{hj}} - \frac{Y_{hk}}{\pi_{hk}} \right)^2 + \sum_{j=1}^{N_h} \left( 1 - \frac{m_{hj}}{M_{hj}} \right) \frac{M_{hj}^2}{m_{hj} \pi_{hj}} S_{hj}^2,$$

com

- $\pi_{hjk}$ : probabilidade das UAP  $j$  e  $k$  do (sub) estrato  $h$  serem selecionadas;
- $Y_{hj}$ : total da variável  $y$  para a UAP  $j$  do (sub) estrato  $h$ ;
- $N_h$ : número de UAP do (sub) estrato  $h$ ;
- $M_{hj}$ : número de pessoas na UAP  $j$  do (sub) estrato  $h$ ;
- $m_{hj}$ : número de pessoas selecionadas na UAP  $j$  do (sub) estrato  $h$ ;
- $S_{hj}^2$ : variância de  $y$  na UAP  $j$  do (sub) estrato  $h$ .

A estimação dessa variância não é trivial uma vez que exige a determinação de  $\pi_{hjk}$ .

Recomenda-se a utilização de métodos aproximados para obtenção de uma estimativa<sup>30</sup> desse

<sup>30</sup> Detalhes sobre essas técnicas podem ser encontrados em Heeringa, S.G.; West, B.T. e Berglund, P.A. (2010). Applied Survey Data Analysis. Chapman & Hall e em Pessoa, D.G.C. e Nascimento Silva, P.L. (1998). Análise de Dados Amostrais Complexos. ABE, disponível em <http://www.ie.ufrj.br/download/livro.pdf>. Além disso, uma breve descrição dessas técnicas pode ser vista em <http://www.stata.com/manuals13/svy.pdf>.

valor. Alguns pacotes estatísticos como o Stata<sup>31</sup> e o R<sup>32</sup> (pacote *survey*<sup>33</sup>, por exemplo) incorporaram essas aproximações e permitem a realização de inferência estatística para dados amostrais complexos.

Neste relatório, os testes de hipóteses, intervalos de confiança e os coeficientes do modelo logístico foram obtidos por meio do pacote estatístico STATA.

---

<sup>31</sup> <http://www.stata.com/manuals13/svy.pdf>

<sup>32</sup> R Core Team (2014). R: A Language and Environment for Statistical Computing. R Foundation for Statistical Computing. (<http://www.R-project.org/>)

<sup>33</sup> Lumley (2014). Survey: Analysis of Complex Survey Samples. R Package Version 3.30, disponível em <https://cran.r-project.org/web/packages/survey/index.html>.

## ANEXO II

### Análise discriminante

A análise discriminante é uma técnica estatística multivariada que tem como objetivo verificar se um conjunto de variáveis discrimina populações diferentes. No caso tratado neste relatório, a população é definida por meio da seguinte variável:

$$y_i = \begin{cases} 0, & \text{se a pessoa } i \text{ foi encontrada na rua} \\ 1, & \text{se a pessoa } i \text{ foi encontrada num serviço de acolhida} \end{cases}$$

Para cada indivíduo, são observadas um conjunto de variáveis independentes:  $x_{1i}, \dots, x_{pi}$ . A técnica gera uma variável (função discriminante):  $Z = \alpha_0 + \alpha_1 x_{1i} + \dots + \alpha_p x_{pi}$ , que tenha comportamento diferente no grupo de abrigados e de moradores de rua<sup>34</sup>. Calculando-se  $Z$  para cada membro da amostra é possível criar uma regra de classificação (valores altos indicam que a pessoa deve ser abrigada e valores baixos que deve ser de rua). Detalhes da técnica podem ser obtidos na bibliografia apresentada na Seção 4.

A tabela 1 traz os coeficientes dessa função para os dados analisados.

---

<sup>34</sup> O objetivo é encontrar os coeficientes  $\alpha_0, \dots, \alpha_p$ , que maximizem  $\Delta = \frac{\bar{z}_1 - \bar{z}_0}{\text{var}(Z)}$ .

**Tabela 1 Coeficientes da função discriminante**

<b>Variável</b>	<b>Coeficiente</b>
Tempo de rua em meses	-0,0002
Idade	0,0007
Paulistano01	0,0877
Mora há menos de um ano em São Paulo	0,5887
Mora entre 1 e 5 anos em São Paulo	0,1036
Cor branca	0,0001
Vive só	0,3965
Trabalha em emprego formal ou informal	0,9082
Só ganha dinheiro mendigando	-0,2497
Exerce alguma atividade para conseguir dinheiro	-1,4272
Exerce atividades com contratantes	1,1512
Exerce atividades ilícitas	0,2550
Consome droga	-0,2388
Egresso do sistema carcerário	-0,2057
Já foi institucionalizado	0,1982
Recebe algum benefício	0,8113
Recebe BCP	0,2793
Recebe Bolsa Família	0,2816
Usa crack	-0,5252
Usa álcool	-0,7022
Usa maconha	0,0308
Usa cocaína	0,0962
Já foi xingado ou humilhado	-0,1069
Já foi espancado	-0,0428
Já levou tiro, facada, queimadura	0,0908
Já foi roubado	-0,0255
Constante	0,3199

## ANEXO III

### Modelo de Regressão Logística

O modelo de regressão logística foi desenvolvido para, a partir de um conjunto de variáveis independentes  $x_1, \dots, x_p$ , prever a probabilidade de um indivíduo ter uma característica de interesse, no caso, a probabilidade da pessoa estar num serviço de acolhida<sup>35</sup>

$$y = \begin{cases} 0, & \text{se a pessoa } i \text{ foi encontrada na rua} \\ 1, & \text{se a pessoa } i \text{ foi encontrada num serviço de acolhida} \end{cases}$$

O modelo de regressão logística é dado por

$$\mathbb{P}(\text{ter a característica}) = \mathbb{P}(y = 1) = \frac{e^{\beta_0 + \beta_1 x_1 + \dots + \beta_p x_p}}{1 + e^{\beta_0 + \beta_1 x_1 + \dots + \beta_p x_p}}.$$

Detalhes podem ser encontrados na bibliografia descrita na Seção 4.

---

<sup>35</sup> Note que a probabilidade de estar na rua é o complementar dessa probabilidade.